



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM-PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Anatália Carvalho Albuquerque

**HETEROGENEIDADES EM TUÍTES DEFLAGRADOS PELAS *HASHTAGS*
*#CONTRAOMACHISMO, #EXPOSEDFORTALEZA E #ESTUPROCULPOSO***

Acarape-CE

2023

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM-PPGLin
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Anatália Carvalho Albuquerque

**HETEROGENEIDADES EM TUÍTES DEFLAGRADOS PELAS *HASHTAGS*
*#CONTRAOMACHISMO, #EXPOSEDFORTALEZA E #ESTUPROCULPOSO***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares

Acarape-CE

2023

ANATÁLIA CARVALHO ALBUQUERQUE

**HETEROGENEIDADES EM TUÍTES DEFLAGRADOS PELAS *HASHTAGS*
*#CONTRAOMACHISMO, #EXPOSEDFORTALEZA E #ESTUPROCALPOSO***

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para qualificação de Mestrado. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Maria Leidiane Tavares (ILL/UNILAB) - Orientadora

Profª. Dra. Otávia Marques Farias (ILL/UNILAB)- 1ª examinadora

Prof. Dr. Kennedy Cabral Nobre (ILL/UNILAB) - 2ª examinadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Albuquerque, Anatalia Carvalho.

A345h

Heterogeneidades em tuítes deflagrados pelas hashtags #Contraomachismo, #Exposedfortaleza e #Estuproculposo / Anatalia Carvalho Albuquerque. - Redenção, 2023.

116f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Em Estudos Da Linguagem, Programa De Pós-graduação Em Estudos Da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares.

1. Tuítes. 2. Hashtags. 3. Heterogeneidades. 4. Discurso feminista. 5. Patriarcado. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 302.30285

À minha ancestralidade feminina.

A gente é criada para ser assim, mas temos que mudar.
Precisamos ser criadas para a liberdade. O mundo é
grande demais para não sermos quem a gente é.

Elza Soares

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deusa-Mãe Natureza e ao conjunto de eventos proporcionados pelo Universo para que eu chegasse até aqui... Foram muitos os descaminhos que me fizeram adiar o propósito de realizar o mestrado, mas grande o sonho de fazer o mestrado acadêmico na área de Linguística... Sou grata pelo conjunto de eventos que me trouxeram até aqui e me proporcionaram este Mestrado.

Agradeço ao meu marido, Paulo, pelo incentivo dado e ter seguido lado a lado, oferecendo-me todo o suporte possível para possibilitar a concretização de um sonho; à minha filha, Beatrice, por ter sido um elo motivador para seguir adiante e por ter compreendido as minhas ausências; aos meus pais, Belinda e Edivar, por terem me inserido no universo das letras, embora o contexto não fosse favorável; aos meus avós maternos, Quininha e Ibernon (*in memoriam*), pelo cuidado, pelo carinho e o apoio incondicional, essencial no início da minha formação escolar. Aos meus irmãos Jacinta, Elisete e Nonato, por terem sido de alguma forma motivação.

Aos professores de todas as etapas de minha formação acadêmica que se tornaram um exemplo para que eu fosse além do que conseguia vislumbrar e foram inspiração sempre. Aos meus colegas de mestrado com quem aprendi muito sobre saberes acadêmicos e valores humanos como resiliência, empatia e amizade: Acsa, Kátia, Cássia, Walnyse, Douglas, Jonathan, de modo especial.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Leidiane Tavares Freitas, por ter sido nos momentos mais desoladores da pesquisa acadêmica alento e esperança, pela forma competente e cuidadosa com que conduziu o processo da pesquisa. Aos professores Dr^a Sandra Maia Vasconcelos, Dr^a Otávia Marques de Farias e Dr. Kennedy Cabral Nobre pela leitura atenta e sugestões imprescindíveis para o sucesso desta pesquisa nas qualificações a que fora submetida.

Gratidão imensa a todas/os/es que de uma forma ou de outra contribuíram para o aprendizado proporcionado por este trabalho. Sei da incompletude que lhe é imanente; por isso, o anseio por pesquisas futuras que sigam trazendo novos questionamentos, porque são novas perguntas que movem nosso desejo pelo aprendizado e rumo a desafios futuros.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de análise as heterogeneidades enunciativas que constituem o discurso manifesto em tuítes deflagrados pelas *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo*, que constituem a nosso ver, autoapresentação politizada, a partir do termo autoapresentação circunstancializada (Freitas, 2015), ideia do “primado do interdiscurso” em Maingueneau (2008) e na Análise do Discurso de extração francesa (Maingueneau, 1997, 2008, 2015; Authier-Revuz, 2004) e na polifonia enunciativa em Ducrot (1987). Maingueneau (1997) denomina de interdiscursividade o entrelaçamento de discursos outros, constitutivo das práticas languageiras do cotidiano. Desse modo, o objetivo norteador de nosso trabalho é analisar as heterogeneidades no discurso feminista considerando os enunciados provocados pelas *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo* publicadas no X (Twitter). São também objetivos específicos: descrever traços característicos de uma autoapresentação politizada nos tuítes deflagrados a partir das *hashtags* citadas; elucidar aspectos do discurso feminista presentes nas postagens do X (Twitter) produzidas a partir dessas *hashtags*; e, analisar a relação interdiscursiva entre discursos machista e feminista nos tuítes deflagrados pelas *hashtags* em questão. É uma pesquisa de caráter documental, qualitativa, com uso da metodologia da pesquisa descritiva para caracterização do discurso feminista, identificação das heterogeneidades enunciativas (pressuposição, polifonia, discurso citado, não-coincidências do dizer, sarcasmo, ironia). Além disso, com base no que Maingueneau propõe como semântica global dos enunciados, propomo-nos a analisar o discurso feminista, com base em alguns semas considerados como tradução do discurso do outro, a partir do fenômeno da interincompreensão, quando dois discursos estão em relação seja de confronto, de aliança ou de aparente neutralidade. Para isso, seguindo o modelo definido por Maingueneau (2008) para a semântica discursiva, descrevemos semas reforçados como “positivos” pelo discurso feminista e outros rejeitados como “negativos”. Não é nosso objetivo definir esses pares de semas como a gênese do discurso feminista, tendo em vista os limites da presente pesquisa. Partimos da hipótese de que o discurso feminista é produzido numa relação tensa de gênero com a ideologia do patriarcado, podendo ser atravessado por tal ideologia, como tentativa de manutenção do *status quo* pelo discurso machista e de resistência/transformação pelo discurso feminista. A partir da descrição dos temas recorrentes nos tuítes analisados, fazemos um detalhamento das heterogeneidades enunciativas para, a partir daí, percebermos como a interdiscursividade se presentifica nos semas ora reforçados, ora rejeitados pelo discurso feminista. Assim, concluímos que as heterogeneidades são evocadas de modo a contrapor-se ao discurso do outro, sugerindo em momentos pontuais uma relação de aliança com a doxa machista. A partir da análise, foi-nos possível evidenciar a polifonia enunciativa e a pressuposição como formas de heterogeneidade mais recorrentes e elaboramos um quadro com os semas valorizados e/ou refutados pelo discurso feminista.

Palavras-chave: tuítes - *hashtags* - heterogeneidades - discurso feminista - patriarcado.

ABSTRACT

This research analyses the enunciative heterogeneities that constitute the discourse manifested in tweets triggered by the *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* and #*estuproculposo*, which, in our view, constitute politicised self-presentation, based on the term circumstantialised self-presentation (Freitas, 2015), the idea of the "primacy of interdiscourse" in Maingueneau (2008) and French Discourse Analysis (Maingueneau, 1997, 2008, 2015; Authier-Revuz, 2004) and enunciative polyphony in Ducrot (1987). Maingueneau (1997) calls the interweaving of other discourses, constitutive of everyday language practices, interdiscursivity. Thus, the main objective of our work is to analyse the heterogeneities in feminist discourse, considering the statements provoked by the *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* and #*estuproculposo* published on X (Twitter). The specific objectives are also: to describe characteristic traits of a politicised self-presentation in the tweets triggered by the *hashtags* mentioned; to elucidate aspects of the feminist discourse present in the posts on X (Twitter) produced using these *hashtags*; and, to analyse the interdiscursive relationship between sexist and feminist discourses in the tweets triggered by the *hashtags* in question. This is qualitative documentary research, using descriptive research methodology to characterise feminist discourse and identify enunciative heterogeneities (presupposition, polyphony, quoted discourse, non-coincidences of speech, sarcasm, irony). In addition, based on what Maingueneau proposes as the global semantics of statements, we set out to analyse feminist discourse, based on some semas considered to be a translation of the other's discourse, based on the phenomenon of inter-incomprehension, when two discourses are in a relationship of confrontation, alliance or apparent neutrality. To do this, following the model defined by Maingueneau (2008) for discursive semantics, we describe semas that are reinforced as "positive" by feminist discourse and others that are rejected as "negative". It is not our aim to define these pairs of semas as the genesis of feminist discourse, given the limits of this research. We start from the hypothesis that feminist discourse is produced in a tense gender relationship with the ideology of patriarchy, and can be crossed by this ideology, as an attempt to maintain the status quo by macho discourse and resistance/transformation by feminist discourse. Based on the description of the recurring themes in the tweets analysed, we detail the enunciative heterogeneities in order to understand how interdiscursivity is present in the semas that are sometimes reinforced and sometimes rejected by the feminist discourse. Thus, we concluded that heterogeneities are evoked in order to counter the discourse of the other, suggesting at specific moments a relationship of alliance with the sexist doxa. From the analysis, we were able to highlight enunciative polyphony and presupposition as the most recurrent forms of heterogeneity and we drew up a table with the semas valued and/or refuted by the feminist discourse.

Keywords: tweets; *hashtags*; heterogeneities; feminist discourse; patriarchy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de imagem capturada do X (Twitter).....	66
Figura 2: Print de tuíte @01_23_01	77
Figura 3: Print de tuíte @01_23_02.....	78
Figura 4: Print de tuíte @01_23_03.....	79
Figura 5: Print de tuíte @01_23_04.....	81
Figura 6: Print de tuíte @02_23_05.....	83
Figura 7: Print de tuíte @02_23_06.....	84
Figura 8: Print de tuíte @02_23_07.....	85
Figura 9: Print de tuíte @02_23_08.....	86
Figura 10: Print de tuíte @02_23_09.....	87
Figura 11: Print de tuíte @02_23_10.....	88
Figura 12: Print de tuíte @02_23_11.....	89
Figura 13: Print de tuíte @02_23_12.....	90
Figura 14: Print de tuíte @03_23_13.....	92
Figura 15: Print de tuíte @03_23_14.....	93
Figura 16: Print de tuíte @03_23_15.....	94
Figura 17: Print de tuíte @03_23_16.....	96
Figura 18: Print de tuíte @03_23_17.....	97
Figura 19: Print de tuíte @03_23_18.....	98
Figura 20: Print de tuíte @03_23_19.....	99
Figura 21: Print de tuíte @03_23_20.....	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Perfil dos tuítes quanto ao gênero.....	64
QUADRO 2: <i>Hashtags</i> associadas nos tuítes analisados	67
QUADRO 3: Temas presentes em tuítes sob <i>hashtags</i> feministas.....	74
QUADRO 4: Heterogeneidades localizáveis nos tuítes analisados.....	102
QUADRO 5: Semas do discurso feminista.....	104

SUMÁRIO

1. Introdução	13
2. Heterogeneidades em tuítes alusivos ao discurso feminista	31
2.1 Tuítes deflagrados por <i>hashtags</i> feministas.....	32
2.2 O discurso feminista: resistência ao discurso dominante do patriarcado ...	37
2.3 O discurso machista: referência para o Outro do discurso feminista?.....	45
2.4 Heterogeneidades enunciativas em tuítes deflagrados por <i>hashtags</i> alusivas ao discurso feminista	48
2.4.1 Sobre a heterogeneidade localizável no fio do discurso.....	51
2.4.2 Sobre heterogeneidade constitutiva ou interdiscursividade	58
3. Percorso Metodológico	62
3.1 Tuítes agenciados sob as <i>hashtags</i> # <i>contraomachismo</i> , # <i>exposedfortaleza</i> e # <i>estuproculposo</i>	67
3.1.1 Sobre a <i>hashtag</i> # <i>contraomachismo</i>	68
3.1.2 Sobre a <i>hashtag</i> # <i>exposedfortaleza</i>	69
3.1.3 Sobre a <i>hashtag</i> # <i>estuproculposo</i>	70
4. Heterogeneidades enunciativas em tuítes de teor feminista	73
4.1 As heterogeneidades enunciativas no fio do discurso feminista.....	76
4.2 A semântica discursiva na teia interdiscursiva do discurso feminista.....	103
4.3 Relação entre as heterogeneidades localizáveis no fio do discurso e a semântica discursiva.....	108
5. Considerações finais	109
Referências bibliográficas	112

1. INTRODUÇÃO

O homem mais oprimido pode oprimir um ser que é sua mulher. Ela é proletária do proletário mesmo.

Flora Tristan

A rede social X (Twitter)¹, a exemplo de outras como o Tik Tok, o Instagram, vem se constituído um espaço político de embates ideológicos, de construção de projetos de apresentação do “eu” em detrimento de um “tu” ampliado para os demais usuários adeptos de tal rede social, de modo geral, ou para os seguidores desse ou daquele perfil, de modo mais específico. As postagens inseridas nessas plataformas são motivadas por questões emocionais, sociais, político-partidárias, religiosas e, a depender do seu teor, podem mobilizar quantidade volumosa de usuários que, por se identificarem (ou não) com o tema, manifestam nos enunciados (tuítes, neste caso) seu posicionamento político-ideológico construindo um projeto de autoapresentação circunstancializada, nas palavras de Freitas (2015).

Bakhtin afirma que a língua não é um agente neutro que adentra livre e facilmente as intenções mais íntimas do falante; ela é povoada pelas intenções dos outros com os quais interagimos em nossas práticas languageiras. Assim, os enunciados produzidos para satisfazer as necessidades humanas de interação com o Outro pela linguagem são atravessados pelas ideologias dos enunciadore e coenunciadore envolvidos na e pela enunciação.

Benveniste, por sua vez, defende que, ao produzir enunciados, o sujeito da enunciação não é totalmente responsável pelos sentidos que dado enunciado pode ter, tendo em vista que o ato da enunciação, além de performatizar algo, também pode ser passível de diferentes interpretações, conforme o contexto da enunciação e a natureza dos coenunciadore.

Adotando essa perspectiva benvenistiana da enunciação e abordando a polifonia do ponto de vista da linguística, Ducrot defende que, na polifonia enunciativa, um enunciado assume diferentes pontos de vista e o locutor toma atitudes em relação a tais pontos de vista (Barbisan e Teixeira, 2002).

¹ Durante a realização desta pesquisa, a rede social Twitter teve seu nome alterado para X, decisão tomada pelo então proprietário da plataforma, o empresário Elon Musk, na data de 24 de julho de 2023. Por tal razão, usamos o termo X ao lado do nome Twitter, entre parênteses. Disponível: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/24/por-que-elon-musk-resolveu-trocar-logo-do-twitter-por-x.ghtml>. Acesso em 20 set. 2023.

Desse modo, nossa atenção volta-se para o X (Twitter), mais especificamente para postagens de teor feminista marcadas pelas *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, buscando estudar o fenômenos dessas heterogeneidades como constitutivas de todo discurso. A *hashtag* *#contraomachismo* teve seu *boom* de postagens entre janeiro e fevereiro de 2018, por conta de uma polêmica travada nas redes sociais sobre a presença de mulheres nos estádios de futebol, embora ela tenha sido inaugurada bem antes para manifestar posicionamentos contrários a estereótipos de gênero cristalizados pela ideologia do patriarcado como, por exemplo, “se é mulher tem que saber cozinhar” ou “o tipo de roupa que a mulher usa incita o homem ao estupro”. Já a *hashtag* *#exposedfortaleza* surgiu no período de junho de 2020, em manifestação contra um grupo de rapazes que compartilharam entre amigos via *whatsapp*² uma série de fotos de mulheres, contendo nudes³. A prática, embora muitas vezes comum entre amigos e geralmente justificada pelo discurso machista típico do patriarcado, gerou o sentimento de repúdio por parte de mulheres e de homens que se identificam com a causa feminista. Por fim, a *hashtag* *#estuproculposo* foi bastante praticada no X (Twitter), depois do caso da modelo Mariana Ferrer, que acusou o empresário André de Camargo Aranha de estupro de vulnerável, tendo sido o suposto estupro absolvido por um juiz do Estado de Santa Catarina, sob alegação de insuficiência de provas que comprovassem a vulnerabilidade da vítima. Diante da absolvição do réu, o site *The Intercept Brasil*, manifestando indignação pelo fato, cunhou o termo estupro culposo, dando a entender ter sido esta a justificativa dada pelo magistrado para a absolvição do réu. O caso de Mariana Ferrer tornou-se emblemático no tocante ao direito das mulheres e o processo de julgamento do caso causou indignação até mesmo em advogadas especialistas em violência sexual, dado o tratamento oferecido à vítima por parte da defesa do agressor. O conjunto da obra em si, tendo em vista que o julgamento foi realizado de forma virtual e o videoteipe do caso foi acessado por vários usuários da internet, em virtude da repercussão negativa, muitos internautas se posicionaram nas redes sociais usando a *hashtag* *#estuproculposo* e *#JustiçaPorMarianaFerrer*⁴.

² O aplicativo *whatsapp*, atualmente a principal rede de troca de mensagens instantâneas usada no Brasil, foi criado em 2009 por dois ex-funcionários do Yahoo, Brian Acton e Jan Koum. Além do envio de mensagens, o aplicativo permite o envio de imagens, de vídeos e de demais arquivos em diferentes formatos (doc., ppt., pdf.). Em sua versão atualizada, também já é possível efetuar chamadas de voz e de vídeo gratuitamente, desde que conectado a uma rede *wi-fi* de internet. Atualmente, o *Whatsapp* foi incorporado ao Facebook e alcançou, em 2016, a marca de um bilhão de usuários em todo o mundo.

³ *Nudes* é um termo usado para referir-se ao compartilhamento de fotos nuas em redes sociais. O significado de *nude* é: *s.m.* desprovido de roupa; *nu*: modelo foi retratado em nude.[*Glr*:] Foto de uma pessoa despida, sem roupa. Pesquisa em: <https://www.dicio.com.br/nude/>. Acesso em 06/07/2022.

⁴ Disponível: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/10/caso-mari-ferrer.htm>. Acesso em: 21 set. 2023.

O fenômeno da *hashtag* é um recurso da linguagem digital marcado por um símbolo chamado cerquilha (#), popularmente conhecido no Brasil como jogo-da-velha. A *hashtag* teve seu uso inaugural no X (Twitter) como forma de posicionar determinada postagem (um ‘tuíte’, por exemplo) em uma pauta específica. Seu uso consiste em redigir uma palavra, tema ou frase anteposta por uma cerquilha (#), o que transforma a *hashtag* num link que, ao ser ativado, apresenta ao usuário os tuítes inseridos na rede assinalados com a mesma *hashtag*.

Devido à limitação inicial de caracteres do X (Twitter), antes 140, agora 280 caracteres, a *hashtag* passou a ser amplamente utilizada como forma de agregar ideias e pessoas em torno de um assunto, uma espécie de agenciamento de posicionamentos de forma global na internet. A partir de então, o hábito de postar temas antecidos de uma cerquilha (*hashtag*) tornou-se uma estratégia bastante explorada por usuários de diferentes países, classes sociais e etnias em diversas redes sociais.

Tendo as redes sociais se tornado um dos principais veículos de comunicação global e de interação social, crenças, ideologias e comportamentos simbolicamente consolidados na sociedade disseminam-se em postagens de conteúdos (enunciados) que podem constituir-se de textos, imagens, memes, vídeos. Como consequência, os costumes e crenças alicerçados no senso comum pela doxa da ideologia patriarcal, a exemplo da misoginia e do machismo, são rapidamente propagados pelos usuários nessas plataformas digitais devido o uso cada vez mais massificado de ferramentas online facilitado pelas tecnologias Android 2.0 e iOS. Exemplo disso é o fenômeno recente ocorrido nas redes sociais, formado por grupos masculinos e caracterizado por discursos de ódio, denominado machosfera⁵, que tem ganhado força em quantidade de postagens e em número de seguidores, como MGTOWs, *incels* e *red pills*.

Embora a internet configure-se como um espaço de disseminação de ideias ultraconservadoras e de discursos de ódio, ela também tem sido espaço de discussão de temas relativos à opressão a que tem sido submetida a figura feminina sintomática das relações de poder estabelecidas pelo sistema patriarcal, ao mesmo tempo em que se propagam discursos feministas de repúdio à misoginia e ao machismo reinantes, como tentativa de ruptura com e de resistência à ideologia vigente.

⁵A origem da machosfera começa nos Estados Unidos, no início dos anos 1980, como uma resposta contrária ao feminismo e o aumento dos grupos masculinistas chegou à internet por meio de fóruns anônimos. Hoje, a machosfera se tornou a disseminação de discursos misóginos, ou seja, de ódio e aversão às mulheres nas redes. Disponível em: <https://projotocolabora.com.br/ods5/lola-aronovich-machosfera-quer-perpetuar-a-misoginia/>. Acesso em: 1º/05/2023.

O presente estudo torna-se relevante por duas razões: a) por trazer ao lume uma questão muito em pauta nas relações sociais que é a violência de gênero contra a mulher – cis e trans – geralmente praticada sob diferentes formas pelo patriarcado heterossexista; b) por buscar perceber como se constituem os discursos, numa relação tensa de produção de enunciados, tomando como base o primado do interdiscurso.

Meu lugar de fala e de ação, de mulher e professora, inquieta-me quando me percebo como uma peça dessa engrenagem movida pela força do patriarcado, que implica a necessidade de resistência e de luta. No exercício do magistério, é comum ouvirmos sobre casos de alunas vítimas de violência doméstica ou de assédio sexual, tanto no âmbito do lar como fora dele (namorado, patrão). E sob o peso ideológico da “mulher recatada”, a vítima de uma agressão como assédio sexual ou estupro geralmente é silenciada e suporta sozinha a dor da violência e todas as consequências de uma relação abusiva, o que potencializa essa prática na sociedade, haja vista que devido à invisibilidade dada a essa situação de opressão, o agressor continua agindo impunemente. Quanto a este ponto, sinto-me “pertencida” a esse lugar de fala, por ter sido vítima de uma relação abusiva na qual todas as formas de violência (física, psicológica, emocional, patrimonial e simbólica) eram acionadas como estratégia para conter e/ou controlar qualquer tentativa de reação/resistência por minha parte, seja engendrada pelo ex-companheiro, seja reforçada por seus familiares. Assim como a situação vivida por mim, a vivência de algo tão opressor é de tal modo deprimente que o sentimento de fragilidade fecha o ciclo, subjugando-nos muitas vezes a aceitar toda e qualquer situação como única alternativa.

Desse modo, ao ter contato com as postagens publicadas nas diferentes redes sociais – X (Twitter), Instagram, Facebook –, com as *hashtags* #contraomachismo, #exposedfortaleza e #estuproculposo, identifiquei-me de imediato com a causa por acreditar que esse movimento articulado de mulheres e homens em torno de um problema coletivo comum é um passo importante para fortalecer esse debate na pauta das discussões acadêmicas. Foi inevitável não me sentir provocada a fazer um estudo sobre como se constituem esses discursos de mulheres vítimas e de mulheres e homens apoiadores da causa feminista em contraponto ao discurso misógino e machista, dentro de um contexto tenso de legitimação do patriarcado.

A visão de patriarcado que tomaremos para esta pesquisa é a que se define como um sistema social que remonta à Idade da Pedra (Lerner, 2019, p. 59), em que os homens exercem poder e influência nas relações de gênero, estendendo tal poder sobre as decisões, sobre a organização das relações sociais de trabalho, estabelecendo sob essa ótica a sistematização de simbologias e doxas que regulam a vida em sociedade. Esse sistema patriarcal tal qual o

conhecemos hoje é resultante de um longo processo social e histórico, produzido e regido por influências judaico-cristãs e a partir do princípio da acumulação primitiva, visando a subordinar o feminino ao masculino para melhor controlar as funções domésticas, sexuais e reprodutivas da mulher, de modo a servir aos fins da “mais-valia”.

Lerner (2019), ao descrever o processo de criação do patriarcado, refere-se a episódios bíblicos para sustentar que várias ideias machistas consolidadas na sociedade de hoje foram forjadas sob o dogma cristão da regulação divina narrado no Antigo Testamento, a exemplo de livros como o Gênesis (Gn) e Êxodo (Ex), cujas narrativas giram em torno de grandes patriarcas como Abraão, Isaac, Jacó.

Até mesmo o pensamento filosófico em sua origem, na Grécia Antiga, assumiu o pressuposto da inferioridade da mulher, o que se disseminou mais tarde pela ciência, podendo ter ocasionado a pouca participação feminina nas ciências de um modo geral (Lerner, 2019). Também a ideia da mulher como “macho mutilado” reforça a ideia de que a figura feminina sempre foi considerada em contraponto ao masculino.

Essas definições de mulheres como machos mutilados, destituídas do princípio da alma, não são isoladas, permeando a obra biológica e filosófica de Aristóteles. Ele é bem consistente ao argumentar que a inferioridade biológica da mulher deve torná-la inferior também em suas capacidades – sua capacidade de argumentar e, portanto, sua capacidade de tomar decisões. Daí vem a definição de gênero de Aristóteles, bem como a integração dessa definição ao seu pensamento político (Lerner 2019, p. 343).

Rubin (1993), em seu ensaio “O tráfico de mulheres”, postula que as relações econômicas de produção sempre estiveram imbricadas com as relações de gênero e de sexo e apresenta um conceito bem amplo para o que é o patriarcado, como algumas formas sistemáticas de lidar com gênero, sexo e bebês:

O patriarcado é uma forma específica de dominação masculina, e o uso do termo deveria se restringir aos nômades de comunidades pastoris como as do Velho Testamento, onde se originou o termo, ou a grupos como aqueles. Abraão era um Patriarca – um ancião cujo poder absoluto sobre mulheres, crianças, rebanhos e subordinados era um aspecto da instituição da paternidade, tal como definida no grupo social em que ele vivia (Rubin, 1993, p. 14).

Hooks (2019) defende a ideia de que são necessárias mudanças em um sistema regido pelo patriarcado; no entanto, essas mudanças devem partir da margem da sociedade pois o feminismo que parte do centro não reflete os interesses de mulheres pretas, pobres e não-cisgêneras. Além disso, a autora ressalta a importância de se desenvolver uma consciência crítica sobre o que de fato precisa ser transformado, pois “as lentes do patriarcado

nos impedem de nos vermos a nós mulheres como oprimidas, como miseráveis” (hooks, 2019, p. 31), dada a naturalização de determinadas práticas consolidadas ao longo da história.

Davis (2016) trata sobre a questão da interseccionalidade ao abordar a opressão imposta à mulher pelo patriarcado. Segundo a autora, se a própria condição do feminino representa para a sociedade patriarcal desvantagem em relação ao masculino, a ideia preconcebida de submissão e de valoração negativa relegada à mulher torna-se mais agravante quando soma-se a isso o fato de ser preta (raça) e pobre (classe). Em virtude disso, Davis (2016, p. 12) defende “a necessidade da não-hierarquização da opressão, ou seja, o quanto é preciso considerar a intersecção de raça, classe e gênero para possibilitar um novo modelo de sociedade” pois, se consideramos menos grave a opressão imposta a uma mulher preta e/ou pobre, tender-se-ia a legitimar determinadas práticas de subordinação ou de violência configuradas sob a ótica do preconceito de raça e de classe.

Referimo-nos aqui à ideia da interseccionalidade somente para pontuar a existência de fatores como raça e classe social como contributivos para reforçar a violência de gênero. Ressalte-se que, para além da interseccionalidade, a influência da doxa bíblica de viés judaico-cristão é abordada por vários autores como relevante na consolidação da ideologia machista. Sobre a influência do pensamento judaico-cristão no tratamento dado à mulher em regimes patriarcais, Lerner (2019, p. 286) faz referência a uma passagem do Êxodo para lembrar que àquela época a esposa era vista como um dos bens do marido e o pai podia vender a filha como escrava ou prostituta. Este é um dos indícios que nos permite perceber como a religião cristã, a partir de seus livros fundamentais, exerceu e exerce influência sobre práticas machistas e consciência misógina predominantes na sociedade atual.

Bourdieu (2002), ao discorrer sobre esse longo processo de dominação masculina, refuta a ideia de um masoquismo próprio da natureza da mulher sustentada pela doxa machista e ressalta que o comportamento de subordinação feminina perante a dominação masculina não pode ser entendido como uma vontade sua (da mulher) de subjugar-se ou uma tendência a colaborar com qualquer forma de opressão que lhe seja imposta. Para o autor, a estrutura social em que vivemos foi organizada de modo a que esse poder simbólico seja exercido sobre os corpos femininos; como efeito, esse poder simbólico “não pode se exercer sem a colaboração dos que lhes são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder” (Bourdieu, 2002, p. 49), e que não pode ser atribuído à mulher a responsabilidade por sua própria opressão.

O patriarcado é um sistema social organizado essencialmente sobre o “princípio do primado da masculinidade” e a partir de uma “visão androcêntrica do mundo” (Bourdieu,

2002, p. 97). Para Butler (2022), a “presença estruturadora de construtos heterossexuais” (Butler, 2022, p. 216) e a “apropriação colonizadora do feminino” (Butler, 2022, p. 213) são sintomáticos desse sistema. As mudanças ocorridas na dinâmica das relações de gênero com novos modelos de organização familiar e ampliação do acesso da mulher ao mercado de trabalho contribuem para “quebrar a doxa [machista] e ampliar os espaços de possibilidades em matéria de sexualidade” (Bourdieu, 2002, p. 105)

Os tuítes que constituem o nosso *corpus* são, em sua maioria, publicados por mulheres vítimas de violência ou por defensoras/es da causa feminista, elaborados a partir de uma situação tensa em que a mulher expõe seu posicionamento a partir de seu lugar de fala, podendo mesmo expor sua vida íntima para uma sociedade que, podendo utilizar-se da ótica machista vigente, também posiciona-se para julgar/interpretar as falas ali registradas. Tal atitude adotada por mulheres, vítimas ou não de violência, pode ser encarada como um “grito” de libertação frente aos absurdos cometidos sob o arcabouço da privacidade e legitimado pelo discurso misógino da culpabilização feminina. É uma analogia clara de “rasgar as vestes” do pudor feminino, imposto pela ideologia patriarcal, elaborado por estratégias de acumulação do capital, alimentado sob o prisma da concepção religiosa, para então resistir/lutar contra o sistema dominante e conquistar o devido direito à igualdade de tratamento, independente do gênero com que alguém se auto identifique. Aqui, a exibição do “eu” não se faz apenas com o objetivo de se construir uma imagem positiva e idealizada do “self”, mas sobretudo de visibilizar a condição opressora a que está relegado o feminino, assumindo uma nova postura frente a essa condição: a de buscar contrapor-se pelo projeto de autoapresentação, posicionando-se nos tuítes *corpus* desta pesquisa.

Como já dito, a nossa pesquisa toma, como recorte de análise, enunciados marcados com as *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo*, tomados como um recorte do discurso feminista. Ao considerar o “primado do interdiscurso sobre o discurso”, Maingueneau (2008, p. 33) defende a existência de uma heterogeneidade que é constitutiva do discurso, no entanto, não pode ser linguisticamente flagrada.

Maingueneau (2008) analisa o discurso devoto a partir do conceito de formação discursiva que foi inicialmente apresentado por Foucault (2008, p. 153) tendo sido reformulado por Pêcheux. Com base no marxismo althusseriano, Pêcheux propõe que é “nas formações discursivas que se opera o ‘assujeitamento’, a ‘interpelação’ do sujeito como sujeito ideológico” (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 241), tendo em vista que a organização em classes sociais implica a existência de posições políticas e ideológicas diversas. No entanto, devido à limitação do nosso *corpus*, tomaremos da teoria

mengueneuniana o critério da semântica global do discurso para analisar os tuítes deflagrados pelas *hashtags* em tela quanto à heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz, 2004; Maingueneau, 2008).

Embora não consideremos os tuítes analisados como inscritos em uma dada formação discursiva, é interessante salientar a possibilidade de os tuítes deflagrados por *hashtags* serem inscritos em formações discursivas de acontecimento (Maingueneau, 1995), devido à circunstancialidade em que elas surgem nas redes sociais e a motivação para que sejam praticadas com certa intensidade em determinado intervalo de tempo. No entanto, essa possibilidade merece um estudo mais apurado, o que pode ser contemplado em pesquisas futuras.

Com base nisso, definimos os tuítes marcados com as *hashtags* supra como enunciados do discurso feminista circunscritos num embate ideológico com o discurso machista, e estando ambos discursos em relação de aliança, de confronto ou de neutralidade aparente. O discurso machista é atravessado pelo discurso judaico-cristão e capitalista, os quais convergem com mais força para consolidar o patriarcado vigente em nossa sociedade, uma vez que os fundamentos dogmáticos da religião cristã e as bases da acumulação primitiva que organizam as relações sociais oferecem os pilares de sustentação do machismo estrutural. Podemos apontar respectivamente como exemplares disso a concepção bíblica da submissão da mulher ao marido – reiterada em vários livros da Bíblia –, e o ideário do casamento heterossexual elaborado por interesses burgueses de mais valia.

Dadas as conquistas obtidas pelos movimentos feministas como o uso de métodos contraceptivos, o direito de votar e de ser votada, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a conquista de direitos trabalhistas, vários grupos masculinistas têm ocupado o espaço das redes sociais como forma de contrapor-se ao feminismo. Como os discursos derivam de uma formação ideológica em voga e geralmente são regulados por algum conflito, esses grupos masculinos pregam a resistência ao feminismo e reforçam o ideário machista da supremacia do masculino sobre o feminino.

Para realizar a análise que pretendemos de nosso *corpus*, partimos das seguintes questões norteadoras: De que forma se manifestam as heterogeneidades no discurso feminista, considerando os tuítes marcados com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*? Quais aspectos podem ser elucidados nos tuítes publicados sob as *hashtags* citadas quando postos em relação com o discurso machista? Sob que ótica (de aliança, de confronto ou de neutralidade aparente) e quais heterogeneidades

podem ser elucidadas na interdiscursividade entre os discursos machista e feminista na composição dos tuítes em tela, considerando a opacidade da linguagem?

A partir do “primado do interdiscurso sobre o discurso” (Maingueneau, 2008), segundo o qual os nossos enunciados são atravessados pelas “palavras de outrem, caracterizados, em graus variáveis pela alteridade ou pela assimilação” (Dahlet, 2005, p. 63) e com base na polifonia enunciativa em Ducrot (1987) é que propomo-nos a analisar alguns tuítes deflagrados por *hashtags* de teor feminista inauguradas nas redes sociais por algum fato circunstancial. Maingueneau (1997, p. 75; 2008, p. 31) denomina de interdiscursividade esse atravessamento de vozes, a partir da heterogeneidade constitutiva ou da heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004, p. 12) presentes em todo discurso, uma vez que é na imanência do discurso que há o entrelaçamento de discursos outros, constitutivo das práticas languageiras do cotidiano. Desse modo, sob o viés da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa (Maingueneau, 1997; 2008; 2015), pretendemos perceber a interdiscursividade nos discursos materializados em postagens de teor feminista ou de polarização com o patriarcado, que alimenta a misoginia típica da relação desigual de gêneros, e o caráter dialógico dos enunciados publicizados no X (Twitter) com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, explorando as relações de sentido entre o discurso feminista e as concepções basilares da ideologia patriarcal.

Há vários estudos cujos autores se ocupam de tratar sobre esse tema em suas pesquisas acadêmicas. O fato de a prática da misoginia como sintoma do machismo reinante trazer à tona a necessidade de um estudo mais detalhado sobre o problema nos possibilita um contato com trabalhos acadêmicos de relevância.

Cardozo (2014), em sua tese de doutorado, propõe-se a investigar, sob a ótica da Psicanálise e da Análise de Discurso de linha francesa, as possíveis relações do feminino psicanalítico com o discurso feminista de Simone de Beauvoir na obra “O segundo sexo”. Pela análise de fragmentos textuais e das relações teóricas estabelecidas referentes à produção textual investigada, a autora conclui a existência de evidências de questões referentes ao dito e ao não-dito no discurso de Beauvoir, através das contradições discursivas e da negação presentes na obra em estudo que apontam para uma insistência do feminino. Segundo o estudo (Cardozo, 2014, p. 8), percebe-se que é “pela repetição que um discurso se materializa e que o feminismo se alicerça”.

A importância de trazer os discursos praticados por feministas ou defensores da causa nas redes sociais, abordando-os sob a luz da interdiscursividade, conduziu Chaves (2014) a uma análise discursiva da militância feminista no *Facebook*, a partir de um movimento que

ganhou repercussão, intitulado “Marcha das Vadias”. A autora toma como recorte para seu *corpus* a realização desse movimento na cidade do Rio de Janeiro, em 2003, para, a partir dele, analisar o funcionamento de um dizer num movimento político e a importância da memória no processo de identificação de um “ser vadia” coletivo. Seu trabalho traz, entre outras constatações, que a memória de algumas mulheres de destaque “mobilizada a partir de um lugar de enunciação identificado com os Feminismos produz um sentido de que ‘ser vadia’ é um atributo histórico e político do feminino, compreendendo ‘feminino’ e ‘mulheres’ não como algo já-dado, mas também construído sócio-historicamente” (Chaves, 2014, p. 7).

Tomando também como suporte de estudo a rede *Facebook*, Rosa (2019) debruça-se sobre o discurso feminista publicado na rede para analisar como se manifestam os discursos feministas com base nas lexias sororidade e empoderamento, recorrentes nas duas páginas objeto de seu estudo: “Empodere duas mulheres” e “Não me Kahlo”. Segundo a autora, “por meio do interdiscurso, é possível recuperar um discurso presumivelmente machista que circula sobre a relação entre as mulheres e atestar que o enunciado é produzido como resposta a ele” (Rosa, 2019, p. 62).

Um outro trabalho que trata da questão da interdiscursividade nas relações de gênero é o artigo produzido por Silva & Rosado (2020). Neste artigo, sob a concepção da análise do discurso foucaultiana, os autores buscam perceber como se manifestam práticas discursivas de poder em relações tensas envolvendo gênero. A partir desse estudo, constata-se a forma como os discursos indicam um sintoma de fragilidade democrática em decorrência dos sentidos de violência evocados em função do gênero (Silva & Rosado, 2020, p. 3), principalmente de sexualização e objetificação do corpo feminino, sintomáticos de uma sociedade pautada pela ideologia do patriarcado.

Azevedo (2022), em sua dissertação de mestrado, analisou diversas músicas brasileiras em que percebeu a presença de dispositivos que aprofundam e perpetuam estruturas sociais desiguais entre gêneros, reforçando estereótipos, criando e difundindo performances gendradas que normalizam o discurso machista, configurando uma clara violação aos Direitos Humanos. Mediante a pesquisa, a autora conclui que grande parte das músicas de preferência nacional funcionam como tecnologias de gênero, que produzem e reproduzem um sistema de diferenças, engajando homens e mulheres em modelos de subjetividade socialmente aceitos, que subjetiva a mulher no interior de um ciclo de vulnerabilização e precarização de seus direitos.

Como vemos, essa questão dos discursos elaborados à luz do patriarcado engendra uma relação tensa entre gêneros, e a internet tem sido um espaço por excelência de

manifestação dos usuários que a ela recorrem como forma de resistência, tendo se tornado um fenômeno a multiplicação de “blogs feministas, campanhas com *hashtag* nas redes sociais, circulação e compartilhamento de textos de temática feminista” (Rosa, 2019, p. 11), embora percebamos na contramão o surgimento de vários grupos masculinistas que alimentam o discurso de ódio e a misoginia, reivindicando para si o papel de vítimas do feminismo e da misandria.

A partir do fenômeno de multiplicação de pautas feministas nas redes sociais, Pereira (2020), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma análise de discursos feministas, a partir da *hashtag* #*nãoénão*, em que a função propagadora de movimentos afirmativos da mulher na sociedade extrapola o ambiente virtual e ganha repercussão em atividades coletivas da vida social. A abordagem do tema, sob a perspectiva da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso postulada por Patrick Charaudeau, possibilitou à autora investigar os ecos do discurso feminista praticado nas redes sociais.

Considerando muitos trabalhos já publicados sobre o tema, que têm sua relevância como ponto de partida para a pesquisa em tela, de que forma o discurso feminista assinalado pelas *hashtags* em tela pode ser analisado, dadas as possibilidades de aliança ou de confronto com o discurso machista? Ao colocarmos ambos os discursos em relação para, com base na análise do discurso de extração francesa, a partir de Maingueneau (1997, 2008, 2015), de Ducrot (1987) e de Authier-Revuz (2004), percebermos a interdiscursividade presente nesses discursos, buscamos elucidar as heterogeneidades que se manifestam nessa rede interdiscursiva.

Com base nessas considerações, elegemos como objetivo norteador de nosso trabalho:

- Analisar as heterogeneidades no discurso feminista considerando os enunciados provocados pelas *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo* publicadas no X (Twitter).

Além desse objetivo central, temos como objetivos específicos:

- Descrever traços característicos de uma autoapresentação politizada nos tuítes deflagrados a partir das *hashtags* em tela;
- Elucidar aspectos do discurso feminista presentes nas postagens do X (Twitter) produzidas a partir das *hashtags* citadas;
- Analisar a relação interdiscursiva entre discursos machista e feminista nos tuítes deflagrados pelas *hashtags* em questão.

Partindo da hipótese de que o discurso feminista é produzido numa relação tensa de contraponto com a ideologia patriarcal dominante, podendo ser atravessado por tal ideologia, numa tentativa de manutenção do *status quo* pelo discurso machista e de resistência/transformação pelo discurso feminista, as heterogeneidades são constitutivas dos enunciados, uma vez que eles denotam um posicionamento ideológico.

Assim, os tuítes deflagrados a partir das *hashtags* citadas guardam algumas características próprias desse tipo de discurso produzido em ambiente virtual, tais como a necessidade de auto exposição, manifestação de pensamentos/sentimentos provocados por algum fato, alta interatividade, identidades agrupadas por ideologias ou crenças. Assim, seria a interdiscursividade manifesta nos discursos de teor feminista, por excelência, de resistência e de contraponto ao discurso machista característico do sistema patriarcal? Ou de algum modo podem ser flagrados traços de aliança com o discurso do Outro? Tais indagações justificam-se pelo fato de o discurso feminista questionar o contexto sócio-histórico em que vivemos, dominado pelo patriarcado, de modo a sugerir uma mudança de comportamento e uma “descolonização” de nossas atitudes, crenças e valores.

A nossa pesquisa é de caráter documental, qualitativa, com uso da metodologia da pesquisa descritiva e análise e caracterização do discurso feminista e sua relação interdiscursiva com o discurso machista. Inicialmente, faremos uma abordagem acerca do nosso *corpus*, quais especificidades caracterizam os tuítes deflagrados a partir de alguma *hashtag* e motivados por algum fato do cotidiano, trazendo uma abordagem de traços que o caracterizariam como autoapresentação politizada, a partir de Freitas (2015). Na sequência, apresentamos uma discussão acerca do movimento feminista e dos discursos engendrados pelo feminismo como resposta ao sistema patriarcal dominante. Em seguida, buscamos contemplar traços caracterizadores do discurso machista, a partir do nosso referencial teórico. Por fim, discutimos sobre as heterogeneidades que constituem o discurso feminista na teia interdiscursiva de produção de enunciados (Ducrot, 1987; Maingueneau, 1997; 2008; 2015; Authier-Revuz, 2004) e analisamos propriamente os tuítes publicizados com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, enquanto discurso feminista que, quando posto em relação com o discurso machista, nas suas falhas constitutivas e no simulacro do outro, são atravessados por discursos outros, o discurso feminista tendo o discurso machista como o discurso primeiro, a partir do qual se formulam os enunciados de resistência e de luta por defensores da causa feminina.

Em primeiro lugar, fazendo uso de referencial teórico, faremos uma abordagem acerca das características desses tuítes assinalados com as *hashtags* já referidas e como eles se

relacionam com outras publicações também extraídas das redes sociais. Com esta finalidade, tomaremos como base de nosso estudo Freitas (2015) para, a partir de sua teoria acerca do termo autoapresentação circunstancializada, apresentarmos Araújo (2017), Silva (2017), Bicalho (2022) para considerações acerca do uso de *hashtags* para assinalar tuítes. Em seguida, procuramos caracterizar o discurso feminista e seus desdobramentos, a partir dos diferentes movimentos feministas (o universalista, o diferencialista, o feminismo negro, o feminismo cis e trans), buscando contemplar as diferentes ondas feministas sem, contudo, delimitar a ocorrência dessas ondas no tempo, uma vez que há ondas que coexistem e outras divididas em fases que não são consenso entre os estudiosos. Mais importante, no entanto, que percebê-las sucessivas na linha do tempo, é abstraí-las sob as diferentes concepções de feminismo assumidas ao longo da história, com base no contexto sócio-histórico, traços do patriarcado, da autoafirmação feminina, e os pontos de atrito e de aliança na relação tensa entre gêneros. Até que ponto os enunciados evidenciam uma concepção de discursividade e procuram modelizar o discurso nessa rede interdiscursiva? Quais heterogeneidades podem ser elencadas nos enunciados que constituem os tuítes objeto de nosso estudo? Apresentamos uma discussão teórica sobre interdiscursividade; em seguida, a partir dos postulados teóricos sobre heterogeneidades (Authier, 2004; Ducrot, 1987) categorizamos essas heterogeneidades para, então, com base no discurso feminista dos enunciados analisados, elucidarmos alguns semas do discurso feminista, em consonância com a semântica global dos discursos descrita em Maingueneau (2008).

Por percebermos, a partir da premissa do “primado do interdiscurso” sobre o discurso, segundo a qual “o interdiscurso precede o discurso” (Maingueneau, 2008, p. 35), propomo-nos a analisar um *corpus* de enunciados extraídos do X (Twitter). Assim, nosso intuito é perceber os modos como o patriarcado atravessa o discurso, com base nas heterogeneidades flagradas nos tuítes em questão. Até que ponto o discurso feminista alia-se ou se contaopõe à ideologia predominante do patriarcado e quais vozes atravessam esse discurso? Para além das heterogeneidades localizáveis no fio do discurso (não-coincidências do dizer, discurso citado, alusão, polifonia enunciativa, pressuposição, ironia, sarcasmo), que heterogeneidades constituem a opacidade do discurso feminista frente ao discurso do outro? Nessa relação de aliança, de oposição ou de aparente neutralidade, sendo o discurso produzido como simulacro do seu outro, e considerando a semântica global discursiva de Maingueneau (2008), quais semas podem ser relacionados a cada um dos discursos?

I

Tendo em vista a utilização de termos cuja definição dada pelos autores (Pêcheux *apud* Orlandi 2006; Maingueneau 2008, 2015) parece ser muito próxima, faremos algumas considerações acerca da aceção considerada em cada autor com relação aos termos interdiscurso (Orlandi, 2006; Pêcheux, 2010), polifonia enunciativa e pressuposição (Ducrot, 1987), heterogeneidade constitutiva e interdiscursividade (Authier-Revuz, 2004; Maingueneau, 2008; 2015).

O discurso feminista postado no X (Twitter) é analisado em sua relação de aliança, confronto ou de neutralidade aparente com o discurso machista, produto do patriarcado vigente na sociedade em que vivemos, marcada pela misoginia e pelo machismo estrutural. Para tanto, buscamos eleger os semas pertinentes ao discurso feminista em relação ao discurso machista, considerando que nas fissuras do discurso primeiro é que se constituem os discursos segundos (Maingueneau, 2008, p. 37).

À luz dos estudos de Authier-Revuz (2004), acerca das heterogeneidades enunciativas e as formas opacificantes do discurso, buscamos perceber como se manifestam nos enunciados a heterogeneidade localizável no fio do discurso, seja ela marcada pelo uso de aspas ou pela estratégia do discurso citado (discurso direto ou indireto), seja ela obtida pela polifonia enunciativa e da pressuposição (Ducrot, 1987) ou do uso de ironias (Ducrot, 1987; Authier-Revuz, 2004). Já a heterogeneidade constitutiva, que também nos interessa em nossa análise, é o ponto de partida para elucidarmos a interdiscursividade em Maingueneau (2008), com base no que o autor denomina de sistema global de restrições semânticas, para categorizarmos os eixos semânticos e semas do discurso de feminista nos tuítes analisados.

Buscamos em Ducrot (1987) identificar a polifonia e a pressuposição como traços da heterogeneidade enunciativa. A polifonia enunciativa ducrotiana desdobra-se em diversos fenômenos dos quais interessam-nos especialmente a polifonia propriamente dita e a pressuposição.

Entre as heterogeneidades abordadas como localizáveis no fio do discurso, tomamos as não-coincidências do dizer enquanto metaenunciação e o discurso citado na perspectiva de Authier (2004) que concebe o discurso citado de forma ampla incluindo as três formas do discurso (direto, indireto e indireto livre), as citações (entre aspas) atribuídas a um outro

enunciador, as várias formas de alusão a outros discursos já proferidos (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 172).

Com vistas a elucidar a interdiscursividade em enunciados que consideramos como discurso feminista, elencamos quais semas podem ser descritos quando esses enunciados são colocados em relação com o discurso machista. Para elencarmos os semas dos tuítes analisados, baseamos-nos nos semas definidos para uma semântica discursiva do discurso devoto, em que o jansenismo e o humanismo devoto são postos em relação (Maingueneau, 2008). Assim, propusemos alguns semas como semântica discursiva do discurso feminista em relação com discurso machista.

O discurso machista comumente praticado na sociedade atende a interesses de uma formação ideológica patriarcal representada por homens heterossexuais, brancos e pertencentes a uma elite do capitalismo liberal. Esse discurso é constituído sobremaneira pela doxa resultante de séculos de expropriação de corpos femininos em favor do sistema da mais-valia capitalista (Rubin, 1993, p. 7), do controle da sexualidade feminina (Federice, 2017, p. 191; Lerner, 2019, p. 216), da “apropriação colonizadora” concebida à lua do patriarcado (Butler, 2022, p. 213), sob o arcabouço de concepções bíblico-religiosas, de teorias científicas proclamadoras da superioridade do masculino sobre o feminino e de simbologias historicamente construídas para acomodar os interesses de manutenção do poder no sistema de opressão sexista que rege as relações sociais.

Sob a concepção do pensamento machista, vários conceitos de inferiorização e demonização da mulher foram sendo consolidados ao longo do tempo, seja para impor maior quantidade de tarefas à mulher (Wolf, 2022), seja para reduzi-la à condição de subserviência (Lerner, 2019), seja para atribuir ao feminino culpa pela incidência de qualquer fato que “desabone” a mulher perante o ideário de “recatada”, “honesta” e “do lar”⁶ colocado como modelo ideal de mulher pela sociedade patriarcal. Tal posicionamento é característico do pensamento misógino reflexo da ideologia dominante e é manifestado como reação a qualquer

⁶ A expressão “bela, recatada e “do lar”” foi utilizada pela Revista Veja, em sua versão digital, na data de 18 de abril de 2016, sobre o perfil da então vice-primeira-dama do Brasil, Marcela Temer. A matéria foi publicada um dia depois da decisão pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff e destaca o perfil de Marcela Temer como o de mulher ideal, símbolo da esposa perfeita. Tal episódio instantaneamente viralizou nas redes sociais com a publicação de falas, memes e hashtags feministas contrários ao uso da expressão que, valendo-se da imagem de uma pessoa pública, enaltece valores que representam um retrocesso frente às conquistas duramente obtidas pelo coletivo de mulheres. Não que a liberdade de escolher ser o que quiser não seja reconhecida pelos movimentos feministas; o que foi contestado foi o fato de os atributos dados pela tríade “bela, recatada e ‘do lar’” serem considerados como ideal para a imagem da mulher perfeita. Matéria disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 14/04/2023.

reivindicação do feminino e como forma de manutenção pelo masculino do *status quo* do patriarcado.

A partir dessa lógica, a ideologia patriarcal consolidou-se tendo como pilar a valoração negativa da mulher pelo masculino ao tempo em que ao homem era atribuída uma imagem positiva de perfeição, de supremacia pelo gênero, pela raça (branca), pela classe social (detentora dos meios de produção), conformada aos padrões da heterossexualidade eleitos como ideais para as relações de gênero.

Consoante a isso, a ideia da supremacia do gênero masculino tem sido a motivadora de pensamentos sexistas de objetificação do feminino, de colocação da mulher no posto de reprodutora e ‘do lar’, trazendo embutida a concepção de que um deve portar-se socialmente em negação ao seu oposto, ou seja, a mulher não poderia, sob o arcabouço do patriarcado, exercer funções culturalmente tidas como masculinas nem adotar comportamentos construídos como masculinizados (Lerner, 2019; Federici, 2017; Rubin, 1993). Não obstante, a imagem de mulher bela, recatada e “do lar” é reforçada pelos dogmas cristãos, à luz da Bíblia; do contrário, a figura da mulher passa a ser demonizada pela Igreja como “pecadora”, “dissimulada”, “símbolo de perdição”, “vadia” e outros predicativos não menos depreciativos, a exemplo do que ocorreu no movimento de “caça às bruxas”, ocorrido entre os séculos XV e XVIII que, na visão de Federici (2017, p. 30), organizou-se de forma a tornar o regime patriarcal mais opressor, na tentativa de “destruir o controle que as mulheres haviam exercido sobre sua função reprodutiva”, apropriando-se o Estado e os homens do corpo feminino, “forçado a funcionar como meio para a reprodução e a acumulação do trabalho (Federici, 2017, p. 34).”

Assim é que, dada a indignação gerada pelo sistema opressor do patriarcalismo nas relações de gênero, formularam-se algumas máximas feministas como “lugar de mulher é onde ela quiser” ou “meu corpo, minhas regras”, como também alguns coletivos femininos ressignificaram os termos vadia, puta, reivindicando-os para si agora sob uma conotação positiva.

II

Maingueneau (2008, p. 84) propõe que é pelo posicionamento discursivo e não por seus temas que se delinham as especificidades de um discurso. No caso dos discursos feminista e machista podemos citar um tema comum aos dois posicionamentos, o de

objetificação da mulher. Enquanto o discurso feminista posiciona-se numa postura de repúdio à ideia de objetificação do feminino, o discurso machista reforça a ideia de que, dadas as necessidades fisiológicas do homem, a mulher, sob a suposta condição de subalternidade, tem por dever dispor de seu corpo para tal finalidade.

Além de analisar os elementos de interdiscursividade, faremos algumas considerações acerca dos lexemas comumente utilizados nos tuítes. Para Maingueneau (2008, p. 81), as palavras são empregadas em razão das suas virtualidades de sentido, uma vez que dado o “seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento”.

Nas postagens analisadas, é recorrente o emprego de palavras consideradas chulas, grosseiras ou ditas “palavrões”. Segundo Oliveira (2018), o uso desses termos trazem consigo uma forte carga emotiva de repúdio, de depreciação, de raiva, “são elementos linguísticos contextualmente produzidos com alta carga emocional do falante, que tem a intenção clara de exprimir esses sentimentos ou atitudes”. Assim, o sujeito enunciativo do discurso recorre ao uso de palavras e expressões do seu repertório linguístico,

imprimindo-lhes carga emotiva, seja por metáforas, por uma entonação diferente, por analogias ou extensões de significado, exprimindo ao máximo um sentimento ou uma atitude específicos e momentâneos, sejam bons ou ruins, indizíveis de outra forma naquela situação específica (Oliveira, 2018, p. 166).

O estudo de elementos da interdiscursividade e de heterogeneidades enunciativas nos discursos de teor feminista relacionados com o discurso sexista predominante nas relações de gênero merece atenção na medida em que tais discursos são geralmente constituídos por uma tensão característica da relação desigual de gênero. Dada a relevância da expressão *relação tensa entre gêneros*, recorrente em nossas considerações, procedemos então a delimitar o significado que pretendemos com o seu uso.

A expressão *relação tensa entre gêneros* sintetiza a dinâmica estabelecida pelos enunciados em análise. Se a linguagem reflete a dinâmica da vida social – com suas desigualdades sociais, étnico-raciais, de gênero, daí a luta ideológica – e o discurso é a prática do pensamento, as práticas languageiras do cotidiano também são estabelecidas numa relação de tensão, de lutas, de resistência. Assim, os enunciados inscritos num posicionamento feminista são geralmente construídos como contraponto ao patriarcado dominante. Por conta do machismo e da misoginia sintomáticos desse sistema representarem opressão e depreciação do feminino em detrimento do masculino, naturalmente essa tensão perpassa os modos como o dizer se define – a modelização dos discursos.

Desse modo, com base no “primado do interdiscurso” postulado por Maingueneau (2008, p. 35), segundo o qual “o interdiscurso precede o discurso” é que buscaremos identificar as heterogeneidades localizáveis e perceber na teia semântica dos enunciados a interdiscursividade em tuítes deflagrados pelas *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo* em nosso *corpus* de análise. Na próxima seção, discorreremos sobre os fundamentos teóricos que embasam o presente estudo.

2. HETEROGENEIDADES EM TUÍTES ALUSIVOS AO DISCURSO FEMINISTA

Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome.

Clarice Lispector

A presente pesquisa está inserida no campo teórico da Análise do Discurso (AD) de extração francesa, sob a abordagem das práticas textuais-discursivas, com base em tuítes de posicionamento feminista. Assim, a partir dos tuítes deflagrados pelas *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza*, *#estuproculposo*, analisados como autoapresentação politizada, pretendemos perceber as heterogeneidades que compõem a relação interdiscursiva entre o discurso feminista e o discurso machista, pautado pela misoginia base da ideologia de gênero dominante na sociedade.

Para isso, dividiremos esta seção em quatro tópicos: no primeiro tópico, tratamos dos aspectos que caracterizam os tuítes assinalados com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, assumindo-os como autoapresentação politizada, com base no que defende Freitas (2015) sobre autoapresentação circunstancializada. No segundo tópico, faremos uma descrição dos pontos que caracterizam o discurso feminista, teor de nossa análise, a partir dessas postagens. Em continuidade, no tópico seguinte, fazemos algumas considerações sobre o discurso machista pautado pela ideologia patriarcal. No quarto tópico, apresentamos uma discussão teórica sobre as heterogeneidades enunciativas e buscamos evidenciar a interdiscursividade elucidando alguns semas do discurso feminista, como base na semântica discursiva desses enunciados, conforme postulada por Maingueneau (2008).

2.1 Tuítes deflagrados por *hashtags* feministas

O falar de si, cada vez mais comum nas redes sociais, seja X (*Twitter*), *Instagram* ou *Facebook*, sem deixar de considerar outras mais recentes como o *TikTok*, são práticas languageiras que têm como suporte a interface da internet. A partir do exposto e considerando os dois aspectos inerentes à presente pesquisa – os tuítes que compõem o discurso feminista e sua relação com as redes sociais –, ecossistema onde ocorrem tais discursos, faz-se necessário trazer considerações sobre enunciados inscritos nas redes sociais sob *hashtags*.

Os tuítes elaborados a partir das *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo* configuram um posicionar-se diante do conflito que envolve questões de interesse coletivo no cenário da luta política, de modo que enunciar sobre os termos da violência de uma sociedade machista e da resistência a essa mesma violência – tornam-se instrumentos do que poderíamos chamar de autoapresentação politizada? A partir do termo “autoapresentação cinscunstancializada” cunhado por Freitas (2015), evidenciando que a vida a e política relacionam-se e constituem via de mão dupla, não podendo ser tomadas em separado, o dizer a respeito de si mesmo é marcado pelo viés ideológico que constitui o sujeito da linguagem.

Os tuítes deflagrados por alguma *hashtag* merecem um olhar do analista por ser um fenômeno que, pelo uso de uma ou mais *hashtags*, constituem agenciamento de posicionamentos discursivos que se disseminam pelo espaço sem fronteiras da web 2.0. Nunca foi tão intensa quanto nos dias atuais a prática de posicionar-se a respeito dos fatos mais corriqueiros da vida cotidiana, adicionando um ou vários termos antecidos de cerquilha (#). Araújo (2017, p. 70), ao discorrer sobre o uso de *hashtags* no X (*Twitter*), conclui que “o conteúdo principal da mensagem está na própria *hashtag*, sem a qual a compreensão do todo do texto ficaria comprometida”.

Dada a versatilidade proporcionada pelo uso da *hashtag*, Araújo (2017, p. 74) defende que, tendo-se tornado crescente seu uso, tanto em ambientes *online* quanto *offline*, essa adesão dos usuários de uma rede social ao emprego da *hashtag* implica aos pesquisadores da língua “aproximar reflexões para compreendermos que fenômeno é este e qual sua função na sociedade e nas práticas discursivas no espaço da internet e nos textos do ambiente real”.

Outro aspecto que evidencia a versatilidade da *hashtag* é sua capacidade de encadeamento semiótico (Bicalho, 2019), quando uma *hashtag* associa outras *hashtags* com o mesmo posicionamento, estabelecendo uma espécie de enunciação em rede e convocando outros usuários adeptos daquela corrente ideológica. Santaella (2004 *apud* Bicalho, 2019, p.

129) postula que o encadeamento entre *hashtags* pode ser visto como um fenômeno de expansão da cadeia semiótica, em que um “signo-interpretante” gera outro “signo-interpretante”, mantendo intacto o vínculo com o objeto de referência, vez que este resiste na semiose ou pela ação do signo.

A publicização de vivências e ideias a despeito de algum fato visa não somente à interação nas redes sociais, através das ferramentas de ‘curtidas’ (favoritar), ‘comentários’ (responder), ‘retuítes’ (retuitar), mas sobretudo satisfaz a necessidade que as pessoas demonstram ter em expor-se a si mesmas e constroem um projeto de autoapresentação (Freitas, 2015). Analogamente, poderíamos tomar como autoapresentação politizada os tuítes em que o sujeito enunciador apresenta um posicionamento político-ideológico e reivindica para o *self* o seu lugar de fala frente ao embate estabelecido nas redes sociais, motivado por inúmeras questões que representam, conforme interesses coletivos, ideologias em conflito?

Freitas (2015), ao tecer considerações sobre narrativas de si no X (Twitter), pondera que os sujeitos constroem um projeto de autoapresentação mediatizado pelo uso dos *microblogging*. A autora pondera que as redes sociais, por se constituírem em espaços de relativa liberdade individual, permitem aos sujeitos

empreenderem os seus projetos de dizer, pois, marcadas pela autorreflexividade desses sujeitos, ensejam reconfigurações de práticas discursivas – na medida em que toda prática social é subsumida por uma prática discursiva –, especialmente no que diz respeito aos regimes de visibilidade e modos pelos quais os atores sociais se autoapresentam nessas redes (Freitas, 2015, p. 28).

Goffman (2014, p. 34) introduz o conceito de ‘fachada’ para definir a representação do ‘eu’ “empregada pelo indivíduo durante sua representação” nas interações sociais. A exposição de si no X (Twitter) é, no modo de Couto; Missias-Moreira; Carmo (2018, p. 153), uma forma que os sujeitos encontram de dizerem sobre o que sentem “em relação a uma ação, expressam emoções de felicidade, tristeza, raiva, saudade, indignação”.

Em consonância com essa ideia, Freitas (2015, p. 26) afirma que as redes sociais são espaços que favorecem a visibilidade pretendida por seus usuários e que o X (Twitter), “por ser uma rede social e se caracterizar, portanto, pela projeção que os indivíduos oferecem de suas individualidades, é um campo fértil para a construção e reconstrução de si”.

Com relação aos tuítes aqui analisados que procuramos definir como autoapresentação politizada, trazemos algumas considerações de outros estudiosos como contributivos para este trabalho, os quais destacamos:

- Freitas (2015), ao estudar as narrativas de si deflagradas por *hashtags* no X (Twitter), cunha o termo narrativas circunstanciais, a partir das quais um sujeito se posiciona,

frente ao seu lugar de fala e às circunstâncias de algum evento, a que a autora denomina de autoapresentação circunstancializada (Freitas, 2015);

- Maia-Vasconcelos (2022), ao tratar sobre questões de método em pesquisas com narrativas de vida, argumenta que, ao se constituir discursivamente, “o sujeito se posiciona narrativamente”, definindo seu lugar no discurso narrativo e fazendo uma reflexão consciente sobre a sua história (Maia-Vasconcelos, 2022, p. 28). Por esta razão, a autora propõe o uso do termo posicionamento narrativo quando tratamos de narrativas de vida em que o sujeito é conduzido “por sua subjetividade a se posicionar narrativamente sobre os eventos vividos ao longo de suas experiências” (Maia-Vasconcelos, 2022, p. 58). De modo similar à autora, dada a natureza do nosso *corpus*, percebemos os tuítes assinalados com *hashtags* como posicionamentos discursivos inscritos numa corrente político-ideológica feminista;
- A existência de lacunas no discurso feminista que reivindica alguns semas ditos “positivos” enquanto refuta outros, considerados “negativos”, segundo Maingueneau (2008), é indicativo do fenômeno da interincompreensão, segundo o qual um discurso tenta traduzir o seu outro através do simulacro em que se baseia na prática discursiva. Melhor dizendo, quando o discurso feminista é posto em relação de confronto, de aliança ou de aparente neutralidade com o discurso do Outro, o discurso segundo assemelha-se a uma espécie de tradução pervertida imanente a tais discursos (Maingueneau, 2008, p. 100).

Assim, dado o caráter circunstancial do surgimento dessas *hashtags* nas redes sociais, vários movimentos de caráter feminista assinalados por *hashtag* foram registrados no X (Twitter) como tentativa de resistência ou de contraponto ao caráter misógino e machista de alguns eventos ocorridos na sociedade.

I

“Sites de redes sociais”, “redes sociotécnicas” são denominações adotadas na literatura corrente, referindo-se ao mesmo objeto – os sites da internet onde são hospedadas as redes sociais. Usaremos aqui a denominação “redes sociotécnicas” ou simplesmente “redes sociais” para os sites que disponibilizam as redes sociais, a exemplo do X (Twitter).

O X (Twitter) é uma rede social fundada em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone, nos Estados Unidos. A plataforma, hospedada no endereço <https://twitter.com/>, foi

desenvolvida como se fosse uma espécie de "SMS da internet" com a limitação de caracteres de uma mensagem de celular e oferece aos usuários um espaço para conversação e compartilhamento de textos, imagens e vídeos. Inicialmente a mensagem do X (Twitter) comportava o máximo de 140 caracteres; atualmente, foi ampliada para o máximo de 280 caracteres. Além disso, o microblog disponibiliza aos usuários acesso aos assuntos mais falados do mundo no momento, os *Trending Topics (TT)*. Hoje a plataforma está disponível para seus usuários em pelo menos 35 idiomas e pode ser acessada de forma gratuita pelo endereço do site ou em aplicativo para dispositivos móveis. No ano de 2023, a rede social foi comprada pelo empresário Elon Musk, que substituiu o nome da rede por X.

De acordo com a Wikipedia:

Inicialmente chamada Twtr (sem vogais), o nome da rede social, em inglês, significa gorjear. A ideia é que o usuário da rede social está "piando" pela internet. Desde sua criação, o Twitter ganhou extensa notabilidade e popularidade por todo mundo⁷.

A interface do X (Twitter) é constituída de uma plataforma de natureza visual-interativa, com ferramentas que possibilitam ao usuário responder, retuitar, favoritar e compartilhar dada postagem que foi anteriormente publicada na rede (o *tweet* original). No perfil do usuário, é-lhe permitido publicar textos, imagens e vídeos através da pergunta “O que está acontecendo?” (*What’s happening?* em inglês). Como é um tipo de plataforma programada para mensagens curtas, de leitura rápida, a exemplo do SMS do celular, a postagem só permite um texto de no máximo 280 caracteres. Dada essa limitação, uma estratégia bastante utilizada pelos usuários da rede é dar continuidade às suas postagens logo abaixo da postagem principal, utilizando a ferramenta “Responder”, disponível para comentários. Quando isso acontece, o usuário costuma passar aos interlocutores a orientação “Segue o fio”, para que os leitores atentem para a continuidade do raciocínio do usuário.

Freitas (2015, p. 23), citando Siqueira (2011), afirma que

ainda que isso não seja algo singular do Twitter, e sim da interação entre as pessoas, seja em qualquer suporte ou formação discursiva, a autora pondera que tal qualidade pode ser utilizada para construir uma estratégia de relacionamento aderente aos reais anseios do público, abrindo inúmeras perspectivas para a interação que o Twitter deflagra inclusive por um viés mercadológico.

Freitas (2015, p. 55), concordando com Goffman acerca da necessidade da representação de um personagem numa dada situação enunciativa, afirma que podemos considerar os enunciados postados nos *tweets* como um “cotidiano encenado, dramatizado

⁷Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter> . Acesso em: 20/08/2022.

por meio de jogos de atuação que tem como propósito uma autoapresentação do sujeito que manipula o perfil e constrói relações na rede [...].

Desse modo, os tuítes vão sendo publicizados de modo a revelar estados/pensamentos de um “eu” que se projeta também de modo a captar a adesão dos demais usuários da rede. Esses tuítes estão na maior parte das vezes encadeados por uma espécie de discursividade marcada com uma hashtag, ampliando-se assim as possibilidades de interconexão com outros enunciados. Freitas (2015) postula que o uso recursivo da *hashtag* nas falas registradas na web autoriza o sujeito a falar de si. Segundo a autora, o discurso com base nas *hashtags* permite que cada enunciado, no caso da tese da autora, seja atualizado em um discurso maior marcado metonimicamente, partindo “do particular narrativizado para o geral discursivizado”.

Com a ampliação do acesso à internet e tendo sido bastante popularizado seu uso com a revolução tecnológica ocorrida no final do século XX, a *hashtag* começou a ser utilizada no X (Twitter) e logo seu uso foi sendo largamente apropriado por usuários de outras redes sociais. Entre as funções da *hashtag*, destacamos uma que consideramos importante para o agenciamento de posicionamentos ideológicos. De acordo com Silva (2017, p. 22), ao marcar sua postagem com uma *hashtag*, “o usuário cria um link” que a insere num conjunto de “outras postagens com a mesma *hashtag*, agrupando assim, assuntos e pessoas que estão tratando do mesmo tema”.

Conforme a perspectiva etnossociológica que Bertaux (2010) atribui à pesquisa com narrativas de vida, podemos estabelecer um paralelo com os tuítes marcados com alguma *hashtag* que configuram, a nosso ver, uma autoapresentação politizada: para além de agenciar posicionamentos, tais enunciados também organizam em torno da *hashtag* “uma série de testemunhos sobre o mesmo fenômeno social” (Bertaux, 2010, p. 52). No caso em tela, como se posicionam e/ou quais os testemunhos – sentimentos, percepções, valorações – apresentam diante de fatos sociais (seria um microcosmos?) advindos das relações de gênero à luz do patriarcado.

Assim é que, baseada na suposta ideia de liberdade, o usuário da rede utiliza-se de seu poder de dizer sobre si mesmo e mostrar-se, de modo a expor uma autoimagem que deseja construir através da rede. Sá e Polivanov (2012) concordam que as redes sociais propiciaram uma “potencial superexposição dos sujeitos e de suas intimidades na contemporaneidade” a partir da “busca incessante e indiscriminada por visibilidade” fomentadas por estas mesmas redes sociais.

Sá e Polivanov (2012, p. 579) apresentam em seu trabalho diversos estudos que abordam essa necessidade de superexposição na internet e de construção do *self* como uma

postura narcísica e, ao mesmo tempo, a “busca de atenção indiscriminada e constante dos sujeitos, modos através dos quais os atores performatizam e mobilizam reflexivamente seus selves, construindo suas identidades tanto *off* quanto *online*”.

As postagens publicadas nas redes sociais, para além de ter como objetivo expressar alguma ideia, configuram-se como um artefato propício à construção de uma imagem desejada por seu usuário; no caso específico das redes sociais, tanto revelam uma individualidade quanto se inscrevem numa coletividade, adotando um posicionamento.

No trabalho em questão, os discursos feminista e machista em análise são comumente produzidos nas diferentes situações em que as relações de gênero parecem revelar-se conflituosas. A partir de nossas experiências na sociedade e de ideologias disseminadas a todo momento por diferentes modos – gestos, falas, simbologias –, percebemos como as tensões produzidas sócio-histórica e culturalmente nas relações de gênero continuam manifestas nos discursos cotidianamente produzidos. Para Maingueneau (2015, p.103), “as fronteiras de um discurso nunca deixam de ser atravessadas pelo interdiscurso que as domina”. Em outras palavras, entre as maneiras de dizer algo, considerando os limites desse dizer, os não-ditos são portadores de heterogeneidades, de discursos outros que, em harmonia ou não, tecem a interdiscursividade de que pretendemos nos ocupar no presente estudo.

Desse modo, podemos indagar: quais as fronteiras de um dizer? Como perceber os não-ditos nas fissuras de um enunciado? Com base na ideia da opacidade da linguagem (Authier-Revuz, 2004) e a partir da caracterização dos discursos que ora nos interessam, considerando a simbiose que os entrecruzam na teia do interdiscurso é que nos lançamos ao desafio de desvelar as heterogeneidades constituintes do discurso (Ducrot, 1987; Authier, 2004; Maingueneau, 2008). Sigamos adiante, trazendo algumas considerações sobre os discursos feminista e machista.

2.2 O discurso feminista: resistência ao discurso dominante do patriarcado

As interações sociais são estabelecidas numa relação de representação de papéis que, em escala proporcional, refletem as desigualdades advindas de categorias como classe social, raça, etnia, gênero, além do papel social exercido pelos interactantes quando da enunciação. Em virtude disso, é desigual também a forma como as práticas languageiras se estabelecem nas situações discursivas, resultantes da relação dominador e dominado.

Como desdobramento, o patriarcado que rege as relações sociais, a serviço de interesses econômicos e religiosos, define em muitos aspectos a forma como se estabelecem as interações sociais quando envolvem relações de gênero. Assim, a linguagem, em todas as suas simbologias, manifesta o pensamento dominante sob diferentes formas e através de aparelhos ideológicos diversos, sócio-historicamente construídos para legitimar o regime de opressão de um gênero (o masculino) sobre o outro (o feminino).

A subordinação feminina ao masculino impôs muitas consequências para as mulheres a exemplo de práticas de estupro e prostituição institucionalizadas. Para Lerner (2019), mudanças estabelecidas nas relações de gênero remontam à antiga Mesopotâmia onde ocorreram transformações significativas na posição assumida pelas mulheres até então:

[...] a subordinação feminina dentro da família passa a ser institucionalizada e codificada pela lei; a prostituição se estabelece e se regula; com a crescente especialização do trabalho, as mulheres são excluídas aos poucos de determinadas ocupações e profissões. Após a invenção da escrita e do estabelecimento do ensino formal, as mulheres são excluídas do mesmo acesso a tal educação. As cosmogonias, que oferecem a base para o estado arcaico, subjagam divindades femininas a deuses masculinos superiores e apresentam mitos de origem que legitimam a supremacia masculina (Lerner, 2019, p.112-3).

A autora conclui que “este é o mundo feminino do contrato social: mulheres cuja autonomia lhes é negada dependem de proteção e se empenham para conseguir o melhor acordo possível para elas mesmas e seus filhos” (Lerner, 2019, p. 145). Os aparatos ideológicos institucionalizados pelo Estado, pela Igreja e pela sociedade de um modo geral foram organizados tanto para negar a autonomia da mulher quanto para reforçar seu status de inferioridade em relação ao homem; daí, a necessidade de, segundo tal concepção, aquela tornar-se submissa a este.

Uma das consequências impostas ao feminino pela lógica patriarcal da acumulação primitiva e como primeiro efeito do sistema capitalista sobre a vida das mulheres é, segundo Federici (2017, p. 191) a “feminização da pobreza”. Na nova organização do trabalho, a função das mulheres foi relegada ao trabalho doméstico – visto como não trabalho – e implementou-se uma nova ordem patriarcal em que as mulheres foram duplamente reduzidas a bens, de seus empregadores e dos homens, implicando na desvalorização do trabalho reprodutivo e na consequente feminização da pobreza.

Além de fatores econômicos de acumulação do capital, a demonização da figura feminina e a consequente justificativa de penalização da mulher encontra seus fundamentos na concepção bíblico-religiosa. Lerner (2019, p. 328) destaca que, a partir da narração bíblica

do que ocorreu no jardim do Éden (Gênesis), prevalece a ideia de que “a mulher deva ser excluída da participação ativa na comunhão da aliança e de que o próprio símbolo dessa comunhão e desse pacto com Deus deva ser um símbolo masculino” (Lerner, 2019, p. 328). Isso contribuiu significativamente para acomodar a ideia disseminada pelo patriarcado de que a maternidade e a subserviência ao marido são naturalmente impostas à mulher como penalidade pela tentação de dobrar-se à tentação da serpente em Gênesis.

Assim, a figura da mulher, na Bíblia, passa por um processo de demonização ao ser associada ao pecado e à serpente como símbolo do Mal, ao tempo em que ao homem é atribuído o poder da procriação. O discurso bíblico exclui a mulher da participação na geração da vida quando, ao relatar a genealogia do povo hebreu, utiliza-se de expressões como “os filhos de Abraão, Isaac e Jacó”, sem que a mulher seja considerada como protagonista da geração dos filhos. Assim, a “criação” é divina e a “procriação” é masculina e a mulher não é sequer citada na aliança que Deus estabelece com os homens, fortalecendo sobremaneira o ideário do patriarcado (Lerner, 2019, p. 310).

Consideramos importante uma abordagem, ainda que sucinta, sobre os movimentos feministas, dada sua relevância na formulação de muitas ideias e posicionamentos ora adotados pelo feminino. Para melhor entendermos o cenário e as ideias que motivaram esses movimentos bem como as ideologias substanciais que regulam as relações sociais de gênero, trazemos alguns autores que abordam o assunto. Fundamentamos nossa discussão sobre o feminismo em Wolf (1992), Badinter (1993), Rubin (1993), Bourdieu (2002), Frederici (2017), Lerner (2019), Ngozi-Adichie (2020), Hooks (2020) e Butler (2021; 2022).

Depois de séculos de opressão sexista, de exclusão sistemática da mulher de participar da vida social, de prática de violência (física, emocional, simbólica), de disseminação de ideias machistas e misóginas, surge, nos Estados Unidos, a primeira onda feminista coincidindo com “os movimentos em massa de mulheres que irromperam na cena pública de vários países no final do século XIX e início do século XX, identificados com a luta pela isonomia e pelo sufrágio (voto)”⁸.

Desde então, o discurso feminista tem passado por mudanças a partir das primeiras manifestações feministas de que se tem conhecimento na história da humanidade. Essas primeiras manifestações foram protagonizadas por mulheres de uma classe social relativamente privilegiada, reclusas ao lar e dedicadas exclusivamente aos filhos e ao marido. Reivindicavam, para além do direito ao voto, a atuação no mercado de trabalho e a conquista

⁸ Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 23/05/2023.

por espaço na sociedade de então. Tal feminismo refletia quase que exclusivamente os interesses de mulheres burguesas, brancas, heterossexuais, ao mesmo tempo que não era representativo dos interesses de mulheres negras, lésbicas, transsexualizadas.

Na primeira onda do movimento feminista (o feminismo universalista ou liberal) , mulheres burguesas, brancas e heterossexuais reivindicavam sua atuação na vida social para além de sua subserviência ao marido e de sua dedicação ao lar. Ao reivindicarem sua atuação no mercado de trabalho, não consideraram a causa de mulheres não-brancas e pobres que viviam uma rotina opressora, sob uma tripla jornada (trabalho, lar e família). Também esqueceram que, dada a estrutura patriarcal, para que as mulheres e mães burguesas trabalhassem, seria necessário alguém – geralmente uma outra mulher (mas negra e pobre!) – para assumir as tarefas domésticas do lar e o trabalho de cuidado com os filhos. Assim, os direitos reivindicados por mulheres brancas e da elite só foram conquistados às custas da opressão que se legitimou contra outras mulheres, em decorrência de fatores como classe social e raça (interseccionalidade).

Apesar da importância desse movimento de luta e resistência empreendido por mulheres de um estrato social privilegiado, o movimento feminista de então apontava para a necessidade de questionar a situação de outras mulheres também (e certamente!) mais oprimidas pela ideologia patriarcal. Desse modo, a segunda onda feminista desenvolve-se de modo a apresentar questões que envolvem a situação de mulheres pretas e/ou pertencentes a outros estratos sociais.

Ao citar Friedan em um artigo, Hooks (2015) questiona se a tão desejada emancipação feminina reivindicada na obra fundadora do movimento feminista americano incluía a multiplicidade de mulheres ou era apenas uma reivindicação unidimensional. Nas suas palavras

as mulheres brancas que dominam o discurso feminista atual raramente questionam se sua perspectiva sobre a realidade da mulher se aplica às experiências de vida das mulheres como coletivo. Também não estão cientes de até que ponto suas perspectivas refletem preconceitos de raça e classe (Hooks, 2015, p. 195).

O feminismo universalista cedeu lugar ao feminismo diferencialista, dado o trauma da primeira onda feminista ter imposto consequências como dupla jornada de trabalho às mulheres e colocado-as numa condição alienante de querer igualar-se ao homem sem considerar os papéis sociais exercidos pela mulher. De acordo com Badinter (1993, p. 25):

Constatando que as mulheres pouco haviam ganho sob este regime além da dupla jornada de trabalho, profissões menos remuneradas e uma pressão sexual masculina mais forte do que nunca, certas mulheres concluíram que haviam tomado o caminho

errado.[...] Para serem iguais aos homens, as mulheres tiveram que negar sua essência feminina e tornar-se pálidos decalques de seus senhores. Perdendo a identidade, vivem a pior das alienações e, sem o saber, dão ao imperialismo masculino a sua última vitória.

Hooks (2020, p. 90) questiona sobre o significado do movimento feminista, muitas vezes mal interpretado pela sociedade e sempre portador de múltiplas definições. Ao questionar a respeito da ideia, geralmente associada ao feminismo, de um movimento em que as mulheres objetivam “igualar-se aos homens”, a autora indaga a que tipo de homens: “Se os homens não são iguais entre si dentro da estrutura de classe patriarcal, capitalista e de supremacia branca, com quais homens as mulheres querem se igualar?” (Hooks, 2020, p. 92).

A autora acrescenta que a opressão de que as mulheres pobres e negras (interseccionalidade) são vítimas é diferente daquela sofrida pela mulheres burguesas e brancas e que, somente para estas, seria vislumbrado o ideal de busca pela igualdade com o sexo oposto, algo reconhecido pelo movimento feminista nos seus primórdios, contudo, muito questionado posteriormente pelas diferentes ondas feministas. O objetivo do movimento feminista vem se formulando muito mais complexo, porque visa a uma reforma radical da dinâmica da vida social de modo a conceder à mulher (cis e trans) as liberdades que têm os homens brancos e heterossexuais.

O feminismo luta para acabar com a opressão sexista. E, assim, está necessariamente comprometido com a erradicação da ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em seus vários níveis, bem como com uma reorganização da sociedade em decorrência da qual o autodesenvolvimento das pessoas possa ter primazia sobre o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais (Hooks, 2020, p. 111).

A interseccionalidade é um fenômeno típico da sociedade em que não somente o gênero (o fato de ser mulher ou não-cisgênera) é fator de discriminação, convergindo outros fatores como classe social (ser pobre) e raça (ser preto, indígena, oriental). A associação de vários fatores (gênero, classe e raça) contribui significativamente para o preconceito contra minorias e a exclusão de grupos da sociedade de participação na vida pública e de acesso a bens de consumo e a serviços básicos essenciais.

Para Davis (2016, p. 24), a ideologia da feminilidade como um subproduto da industrialização foi-se disseminando através dos romances literários e das novas revistas femininas, de modo que “as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma esfera totalmente separada do mundo produtivo”, sendo a elas destinadas as funções de “mães” e de “donas casa”, enquanto os arranjos econômicos instituídos pela escravidão

atribuíam às mulheres negras o trabalho doméstico, estabelecendo assim papéis sexuais hierárquicos diferentes conforme a nova ideologia vigente.

Lerner (2019) ressalta que essa visão hierárquica sob a qual se desenvolveu o movimento feminista em suas origens legitima um tipo de opressão de mulheres brancas, heterossexuais e da elite sobre mulheres pretas, pobres e não-cisgêneras (lésbicas, gays, transsexuais). De acordo com a autora:

Os privilégios de raça e de classe servem para destruir a capacidade das mulheres de se enxergarem como parte de um grupo conexo, o que de fato não são, uma vez que mulheres de todos os grupos oprimidos existem em todas as camadas da sociedade (Lerner, 2019, p. 360).

As ideias defendidas por Hooks (2015, 2020) refletem-se também no pensamento de Lerner (2019, p. 359) que, ao tecer considerações importantes acerca da história do patriarcado, constata a diferença existente entre o movimento feminista de mulheres brancas, de classe abastada, hetero, numa hierarquia sobrepujante à luta de mulheres pretas, pobres, homoafetivas, o que se convencionou chamar de feminismo diferencialista.

As mulheres sempre compartilharam os privilégios de classe dos homens de sua classe desde que se mantivessem sob a “proteção” de um homem. Para as mulheres, exceto as de classe baixa, o “acordo recíproco” ocorria da seguinte maneira: em troca de subordinação sexual, econômica, política e intelectual aos homens, você poderia compartilhar o poder dos homens de sua classe para explorar homens e mulheres de classes inferiores (Lerner, 2019, p. 359).

A partir desse contraponto, surge então o movimento feminista das mulheres negras e indígenas, das lésbicas, das não-cisgêneras. Assim, Carneiro (*apud* Ribeiro 2019, p. 42) defende que é necessário que os movimentos feministas pensem formas de combater a opressão imposta pela raça ou classe social; do contrário, tais movimentos só contribuirão para reforçar o discurso hegemônico de hierarquização do feminino.

A onda mais recente do movimento feminista, caracterizada pelo ciberativismo feminista, inaugurada pela “Primavera Árabe” (Oriente Médio, 2011) e pela “Marcha das Vadias” (*Slut Walk*, 2013), em Toronto (Canadá), tem como pauta questões transnacionais de desconstrução de estereótipos negativos atribuídos às feministas e inclusão da população LGBTQIA+ no combate à opressão do machismo sobre essas minorias.

Ribeiro (2019, p. 24) citando Alcoff (2016) reitera a importância do movimento feminista como possibilidade de ressignificar o ser mulher e “desestabilizar e transcender a autorização discursiva branca, masculina cis e heteronormativa e debater como as identidades foram construídas nesses contextos”.

Uma outra questão a se pensar com relação ao feminismo é a concepção de gênero culturalmente cristalizada na sociedade e que pode ainda ser confusa para o senso comum. Como pensar os corpos feminino e masculino numa sociedade que os concebe performados em determinados padrões? Podemos conceber que há determinados comportamentos que só se inscrevem no corpo feminino considerando que o que temos hoje é fruto de um constructo coletivo que satisfaz exclusivamente os interesses do patriarcado e subjuga mulheres e outras identidades de gênero que não a da heterossexualidade?

De acordo com Butler (2020, 2022), os corpos não podem ser rotulados com base na relação binária que os classifica em masculino e feminino. A autora defende que performatizar os corpos a partir de padrões de gênero/sexo compromete a pluralidade da identidade de gênero e reproduz constructos sociais fortemente disseminados pelo sistema patriarcal. Para Butler (2022, p. 194), não é possível que exista apenas uma identidade de gênero: ela deve ser pensada no plural, e não no singular. Consoante a isso, a feminista defende ainda que não é possível que haja a libertação da mulher, a menos que primeiro se subverta a identidade de mulher. Por considerar que a “fronteira e a superfície dos corpos são politicamente construídas”, Butler (2022, p. 253) propõe que se rompa com as categorias performativas de corpo, sexo, gênero e sexualidade, de modo a ocasionar sua ressignificação para além da estrutura binária.

Com base nos estados performativos culturalmente construídos para os corpos masculinos e femininos e dada a pluralidade de identidades que não se sente correspondida por esses modelos performatizados de que “menino veste azul e menina veste rosa”⁹, meninas brincam de boneca e meninos, de bola, entre outros típicos da doxa machista, é que vários desses padrões precisam ser ressignificados ou “desconstruídos”, de modo a contemplar a diversidade de gênero.

Dessa forma, a relação entre corpo, linguagem e identidade interpela uma questão também importante: as identidades de gênero e as formas como elas são manipuladas/produzidas na sociedade pela ideologia dominante do patriarcado e da oposição binária homem/mulher, uma vez que os próprios constructos de masculino e feminino foram culturalmente elaborados e, de certa forma, ideologicamente impostos pelos poderes hegemônicos social e historicamente constituídos.

Ao questionar sobre o que usamos como padrão para qualificar o “sexo”, Butler (2021) interroga se as convenções que demarcam a diferença sexual determinam em parte o

⁹ Frase atribuída à então ministra de Estado do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, na gestão 2019-2022.

que “vemos” e “compreendemos” enquanto diferença sexual? A autora concorda que sim, pois há um “critério normativo que permite e controla a aparência e a cognoscibilidade do sexo”.

Butler (2021, p. 209), ao discorrer sobre a visão ética dos sexos, afirma que “não há masculino sem uma implicação prévia nos termos do feminino, e não há feminino sem uma implicação prévia nos termos do masculino; cada termo admite a sua própria impossibilidade interna por meio de sua relação com o Outro”.

Feitas tais considerações, o discurso feminista, a despeito da classe social ou das etnias, inscreve-se de modo geral num posicionamento de resistência ou de contraponto à ideologia do patriarcado, heteronormativa, que assinala a misoginia e a opressão sexista como sintoma do pensamento machista dominante na sociedade em que vivemos. Ao mesmo tempo, tal discurso contrapõe-se ao tratamento sexista dado às mulheres e reivindica igualdade de tratamento em vários aspectos da vida em sociedade.

Em comum acordo com essa ideia, hooks admite que analisando a situação das mulheres sem o filtro ideológico do patriarcado pode-se concluir que todas as mulheres, independentemente de classe social ou etnia, são ‘oprimidas’ e o gênero não é o único fato determinante do destino que lhes é imposto (Hooks, 2015, p. 207). A autora ainda pontua que:

As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista (Hooks, 2015, p. 208).

Em virtude das conquistas femininas pauta dos movimentos feministas, Federici (2017), ao assumir a tese de que a exploração da mulher foi ocasionada principalmente por questões econômicas de acumulação primitiva, argumenta, a exemplo de outros autores (Lerner, 2019; Bourdieu, 2002; Rubin, 1993) que as mulheres foram, por diversas razões, encaradas como reprodutoras de mão-de-obra barata para o mercado e de fornecedora de cuidados domésticos para o proletariado masculino. A autora destaca como uma derrota histórica para as mulheres a “‘apropriação primitiva’ dos homens sobre o trabalho feminino”, estabelecendo-se a partir de então uma nova ordem patriarcal que reduziu as mulheres a uma dupla dependência (a de seus empregadores e a dos homens), feminilizando-se a pobreza gerada por esta nova ordem (Federici, 2017, p. 191).

Wolf (1992), ao considerar as diversas formas de opressão do masculino sobre o feminino, e as consequências advindas das lutas femininas, destaca entre tais consequências a

tripla jornada de atividades atribuídas à mulher pelo ideário heterossexista: trabalho, lar e família. Como se não bastasse, as mulheres ditas “liberadas”, nas palavras da autora, tornaram-se vítimas de uma opressão ainda maior gerada pela doxa machista e pela lógica capitalista do lucro: o mito da beleza. Para a inserção do feminino nos postos de trabalho, foi exigido da mulher o atributo da beleza, o que excluiu muitas delas dos coletivos de luta por sua liberdade efetiva, uma vez que, emancipada economicamente, a indústria da beleza e o ideal capitalista do lucro tem promovido uma “cruzada” para que a mulher demande parte de seu tempo e parcela significativa de suas finanças na compra de cosméticos, em serviços de estética, e na realização de procedimentos cirúrgicos em clínicas especializadas para tal.

Como exposto, inúmeras são as estratégias desenvolvidas pelo patriarcado para, de certa forma, exaurir a força feminina e de algum modo limitar as “liberdades” conquistadas pelas mulheres em suas lutas ao longo da história. Alguns clichês e juízos de valor foram de certa forma “cristalizados” no senso comum, incorporados pelo pensamento conservador como modelo ideal de família e padrão feminino eleito pela doxa. A quem e a quais interesses satisfaz esse ideário de modelo perfeito de família ou de beleza feminina?

Há, no discurso feminista, uma força coletiva de resistência, como forma de libertação das amarras ideológicas do patriarcado que oprime e violenta a feminidade, ao mesmo tempo em que se evoca o desejo de que a agressão alguma seja invisibilizada. É no posicionamento discursivo do feminismo em favor de relações menos desiguais que os discursos vão se tecendo uns aos outros, nesse embate ideológico que constitui as nossas práticas languageiras. Qual é, então, o discurso em relação ao qual esse Outro se posiciona? É justamente sobre esse aspecto que falaremos no próximo tópico.

2.3 O discurso machista: referência para o Outro do discurso feminista?

Ao colocarmos como objetivo norteador desse trabalho a análise das heterogeneidades enunciativas em tuítes deflagrados pelas *hashtags* em questão, buscamos perceber quais formas de heterogeneidade são mais recorrentes e como a interdiscursividade pode ser elucidada a partir da semântica discursiva dos enunciados analisados como discurso feminista publicado em postagens do X (Twitter). Julgamos necessário, portanto, abordar algumas considerações sobre o discurso machista.

Foucault (2021) afirma que o conceito de moral estabelecido na sociedade privilegia o papel do homem nas relações de gênero. Segundo o autor, há uma dissimetria socialmente

imposta à moral feminina no sentido de adstringir a mulher ao papel de objeto sexual. O autor complementa que a moral ideologicamente construída

é uma moral pensada, escrita, ensinada por homens e endereçada a homens livres. Como consequência, uma moral viril em que as mulheres só aparecem a título de objetos ou no máximo como parceiras às quais convém formar, educar e vigiar, quando as tem sob seu poder (Foucault, 2021, p. 29).

Badinter (1993, p. 10) observa que o masculino geralmente é tomado como referência para definir-se o feminino e que um e outro estão sempre sendo postos em relação para compreender esse conceito de masculinidade, que só pode ser definido com relação à feminilidade, pois “‘masculinidade’ e ‘feminilidade’ são construções relacionais. Embora o ‘macho’ e a ‘fêmea’ possam ter características universais, ninguém pode compreender a construção social da masculinidade ou da feminilidade sem referência ao outro”.

De modo geral, a mulher não é considerada a partir de si mesma mas em oposição ao homem, tomando este como referência. Como se não fosse o bastante, o ‘macho’ ou o ‘homem’ é colocado como modelo de perfeição ao qual a mulher deve ser submissa, conforme a concepção bíblica. Sobre isso, acrescenta Badinter (1993) que, em sendo qualquer “o modelo imaginário de pensar os sexos — semelhança ou diferença —, o homem se apresenta sempre como o exemplar mais bem-acabado da humanidade, o absoluto a partir do qual a mulher se situa” (Badinter, 1993, p. 8).

Bourdieu (2002, p. 49), em seus estudos sobre a histórica dominação masculina, afirma que:

A representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, as relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica.

Conforme as representações de gênero socialmente construídas, a visão do masculino e do feminino reforça o modelo idealizado de homem e de mulher em consonância com a divisão sexual do comportamento. Bourdieu (2002, p. 67), no tocante às diferenças impostas pela natureza do sexo/gênero, assevera que:

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim naturalizada.

Nascida sob a concepção biológica da diferença entre os sexos, o patriarcado encontrou discursos consonantes entre os filósofos iluministas a exemplo de Rousseau e

Schopenhauer como também entre naturalistas, como David Barash (*apud* Badinter, 1993, p. 24) que vê o estupro como uma condição biológica imposta pela natureza ao macho, sendo motivado por uma necessidade inconsciente de reprodução.

A naturalização da prática do estupro talvez seja um dos principais argumentos motivadores da responsabilização feminina pela ocorrência do fato. Argumentos como o modo da mulher vestir-se, seu comportamento provocador ou mesmo o lugar onde ela se encontra são as principais justificativas dadas pela sociedade – homens e mulheres sob a ideologia machista – para amenizar o ato abusivo do homem e atribuir culpa à mulher. E assim, a mulher é culturalmente responsabilizada pelas práticas de assédio e de abuso sexual, tendo que absorver a “vergonha” a ela relegada pelo constructo social e coletivo, além de ter que conviver com o trauma psicológico da experiência abusiva sobre o seu corpo.

Essa visão machista de “desmerecer” o feminino e de, certa forma, descredibilizar a mulher frente aos interesses do masculino é quase consenso entre homens e mulheres de determinados grupos sociais que constituem parcela significativa da população brasileira, fruto da doxa misógina que, segundo Bourdieu (2002), é resultante de um constructo coletivo que objetifica o corpo da mulher e o sexualiza, de modo a denotar a ideia de que a mulher não tem vontade própria e suas liberdade deve ser subjugada ao desejo do homem:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, e porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, é porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo - o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (Bourdieu, 2002, p. 28).

Em conformidade com a ideologia patriarcal, a ideia de posse do homem sobre o corpo feminino subjugava a vontade feminina e a liberdade da mulher em questões essencialmente femininas como a legalização do aborto. Tal evidência reflete a ideia de que não é dado às mulheres poder decisório sobre questões relevantes que só dizem respeito à mulher. Como veremos nas postagens analisadas, é perceptível a convicção por parte dos agressores de que o corpo da mulher deve estar a serviço das necessidades e vontades do homem.

Considerando ser necessário questionar a origem da relação binária sexo/gênero, Butler (2022) acredita que

Localizar o mecanismo mediante o qual o sexo se transforma em gênero é pretender estabelecer, em termos não-biológicos, não só o caráter de construção do gênero, seu

status não natural e não necessário, mas também a universalidade cultural da opressão (Butler, 2022, p. 76).

Ao tratar sobre a violência de gênero como produto do regime patriarcal, Faleiros (2007, p. 62) adota os termos masculino e não-masculino para se referir às diversas formas de violência de gênero, por defender que homem “não-masculino” (transexual, homossexual) também sofre desse tipo de violência. Para a autora (*id.*), quando se fala de violência de gênero geralmente remete-se à ideia de violência física, sem que se dê a devida atenção a outras formas de violências que, apesar de praticadas de forma sutil, podem ser mais destruidoras dos gêneros não-masculinos, a exemplo da violência identitária, psicológica, patrimonial.

Como consequência, é comum numa sociedade marcada pela ideologia patriarcal a prática de atos de violência contra o que se configura como não-heteronormativo, não-cisgênero, legitimando todo o universo simbólico de opressão do patriarcado sobre populações femininas, negras e pobres. Assim, os enunciados elaborados pela formação discursiva feminista constituem uma forma de resistência à opressão vigente ao mesmo tempo que os discursos machistas são reproduzidos como forma de manutenção do *status quo*. As heterogeneidades enunciativas que marcam a interdiscursividade inerente a essas duas formações discursivas é sobre o que trataremos na próxima seção.

2.4 Heterogeneidades enunciativas em tuítes deflagrados por *hashtags* alusivas ao discurso feminista

Tendo em vista que o discurso é constituído por um já-dito que fala em algum lugar de forma independente, assumimos a partir da visão pecheutiana, a ideia também defendida por Maingueneau (2008, p. 35) do “primado do interdiscurso sobre o discurso”, segundo a qual todo discurso é atravessado por já-ditos e pelo caráter ideológico através do qual o sujeito do discurso é interpelado.

Authier-Revuz (2004, p. 25) destaca que “o que se diz de maneira insistente através dessa rede de oposições é o lugar dado ao outro na perspectiva dialógica, mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente nem mesmo o "diferente", mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*”. Para a autora, o discurso é compreendido pelo interlocutor nos termos de seu próprio discurso; o locutor, por sua vez, ao produzir seu discurso projeta a imagem do discurso do outro, no simulacro que faz desse seu outro do discurso (Authier-Revuz, 2004, p. 42).

Desse modo, as heterogeneidades que marcam o discurso podem ser, segundo a autora, de dois tipos: a mostrada e a constitutiva.

Com vistas a elencar os elementos de interdiscursividade nas postagens do *Twitter* tomaremos como base os estudos de Pêcheux que se desdobram na teoria de Maingueneau (1997, 2008, 2015). O conceito de interdiscurso em Pêcheux, segundo apresentado por Orlandi (1995, p. 112) é o de que

o texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada — embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira — pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva — o interdiscurso [...]

Embora a Análise do Discurso (AD) francesa apresente algumas críticas aos conceitos saussurianos desenvolvidos no Curso de Linguística Geral, Pêcheux concorda com Saussure no tocante ao contexto de produção, que ele denomina condições de produção do discurso; por outro lado, Pêcheux relativiza a teoria saussuriana da liberdade do falante no tocante à fala (*parole*): um discurso previamente preparado por um parlamentar, por exemplo, não pode ser visto como da ordem da fala, uma vez que ele segue o uso da norma culta da língua, submete-se às ideologias de um partido político, prevê o público ouvinte e antecipa-se a possíveis reações. Segundo o autor,

[...] do estrito ponto de vista saussuriano, o discurso, enquanto tal, da ordem da fala, na qual se manifesta a "liberdade do locutor", ainda que, bem entendido, seja proveniente da língua enquanto sequência sintaticamente correta. Mas o mesmo discurso tomado pelo sociólogo como uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada (Pêcheux, 1997. p. 76).

Importante ressaltar também que Pêcheux recorre ao conceito de liberdade referido por Saussure no tocante à fala para relativizar que tal conceito nem sempre é aplicável às condições de produção do discurso, uma vez que a mensagem pretendida pelo sujeito obedece a determinados critérios exigidos pela situação comunicativa e pelo contrato de comunicação estabelecido entre os interactantes, à ideologia com a qual se reveste o sujeito ou à corporação à qual pertence, à antecipação pelo locutor da reação dos interlocutores, entre outros aspectos. Dessa forma, o discurso produzido pelo falante nem sempre se materializa sob a ideia de uma total liberdade à revelia da sua vontade arbitrária.

Ao tratar sobre a Análise do Discurso, Orlandi (ABRALIN, 2020) cita alguns termos interessantes para observação, tais como as fronteiras da linguagem; as relações entre constituição, formulação e circulação de sentidos; a diluição do real pela força do imaginário.

Em continuidade, a autora ressalta que vivenciamos uma “avalanche de discursos desencadeados pelas tecnologias da linguagem” em meio a uma “algazarra de produção de significações”. Nesse sentido, a autora faz referência a Pêcheux, ao destacar a ideia de que a memória na AD é estruturada pelo esquecimento, tendo em vista que, segundo o autor francês, “alguma coisa fala sempre antes alhures ou independentemente” (Pêcheux, 1975 *apud* Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 287).

Na Análise do Discurso de extração francesa, “o primado do interdiscurso sobre o discurso” é a principal tese a se considerar (Maingueneau, 2008). Pêcheux não se utiliza do termo interdiscursividade que já é bastante citado por Maingueneau (2008), embora ambos os autores utilizem o termo interdiscurso com o mesmo sentido. Assim, o interdiscurso implica a interdiscursividade. Sobre os dois tipos de heterogeneidade, o autor concorda que somente a heterogeneidade mostrada “é acessível aos aparelhos linguísticos, na medida em que permite apreender sequências delimitadas que mostram claramente sua alteridade (discurso citado, autocorrekções, palavras entre aspas etc.)” (Maingueneau, 2008, p. 37).

A importância desta pesquisa centra-se na necessidade de perceber como os discursos podem ser atravessados por ideologias vigentes e de que forma se constituem esses discursos - enquanto enunciados produzidos sob regulação de um conflito ideológico -, nesse jogo dialógico de comunicação, de luta e de “efeitos de sentido”, tendo em vista que o discurso é um lugar de tensão, de incompletude, de dispersão dos sujeitos e de fuga dos sentidos (Orlandi, Abralín, 2020). Segundo a autora (*id.*)

as versões [dos enunciados] exploram múltiplas relações de sentido determinadas pelas condições de produção [do discurso]. Por exemplo, quem diz? para quem diz? por que diz? em que situações? etc, e as formações discursivas que refletem as posições ideológicas em que os sujeitos se inscrevem, significando e ressignificando a si mesmos e aos outros. (Orlandi, ABRALIN, 2020)

Guerra (2009, p. 7) reitera que, ao produzir o discurso, o sujeito é influenciado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do cogito como defendem algumas teorias da enunciação, mas “um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e na origem dos processos discursivos que enuncia”. Tal ideia nos remete ao fato de que, na constituição do sujeito do discurso, há dois aspectos a serem levados em conta: primeiro, o de que o sujeito enquanto ser social é interpelado pela ideologia, embora se acredite livre; e, o segundo aspecto é que, apesar de dotado do inconsciente, o sujeito acredita estar o tempo todo consciente. E assim constituído, o sujeito (re) produz o seu discurso.

Segundo Orlandi (2006, p. 3), a questão do discurso “é uma questão linguístico-histórica, ideológica”, porque não pode existir sujeito sem ideologia. A autora (*id.*) afirma que na análise do discurso o que se procura entender é a linguagem enquanto prática social simbólica, permeada de significado ideológico. Ao tomar como recorte de pesquisa a interdiscursividade praticada na web, é importante considerar a especificidade desse canal de comunicação, pois para Orlandi (*ib.*) o espaço tem materialidade e “não é indiferente em seus distintos modos de significar”. Desse modo, quando nos propomos a analisar o discurso publicado numa rede social de grande amplitude, a exemplo do X (Twitter), é preciso ter-se em mente que a interação entre os usuários da rede é intensa e há a todo momento um entrecruzamento de vozes que se “mesclam” na constituição de sentidos, quando dos retuítes e das respostas que os usuários postam a partir de um *tweet* original postado anteriormente.

Maingueneau (2008, p. 96) desenvolve critérios para o estudo de formações discursivas postas em relação a partir de um conjunto de restrições semânticas, em que a partir do interdiscurso é que se constitui o discurso. Segundo o autor, reconhecer o primado do interdiscurso implica “incitar a construir um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro”.

Com base nas leituras das teorias de Análise do Discurso de Maingueneau (1997, 2008, 2015), de Authier-Revuz (2004) e de Ducrot (1987), buscamos identificar as heterogeneidades enunciativas que compõem os tuítes deflagrados pelas *hahstags* em tela e como a interdiscursividade se manifesta nos discursos feminista e machista, quanto à semântica global discursiva postulada por Maingueneau (2008), em seu trabalho “Gênese dos Discursos”.

2.4.1 Sobre a heterogeneidade localizável no fio do discurso

As heterogeneidades enunciativas que pretendemos assinalar nos enunciados em análise marcados com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo* podem ser categorizadas em: heterogeneidade enunciativas que envolvem a metaenunciação - não-coincidências do dizer, o discurso citado (Authier, 2004); a polifonia, a pressuposição, a alusão (Ducrot, 1987) e, a ironia e o sarcasmo, tomando este como uma derivação daquele (Ferreira, 2014). Ao destacar a presença da heterogeneidade em todo discurso, Authier afirma que

as marcas explícitas de heterogeneidade respondem à ameaça que representa, para o desejo de domínio do sujeito falante, o fato de que ele não pode escapar ao domínio de uma fala que, fundamentalmente, é heterogênea. Através dessas marcas, *designando o outro localizadamente*, o sujeito empenha-se em *fortalecer o estatuto do um*. É nesse sentido que a heterogeneidade mostrada pode ser considerada como um modo de denegação da heterogeneidade constitutiva que depende *do outro no um* (Authier-Revuz, 2004, p. 73).

Authier-Revuz (2004) esclarece que, ao tornar localizável alguma marca de heterogeneidade no fio do discurso, o locutor esforça-se em sustentar a ideia de que o seu discurso restante é homogêneo, e reivindica para si a autoria do que supostamente seria seu: a denegação do caráter heterogêneo de todo discurso. Em outras palavras, quando a enunciação traz em seu bojo algum traço de heterogeneidade mostrada, há, de certa forma, uma recusa ao heterogêneo constitutivo, uma denegação; o enunciador reivindica para si a parte não atribuída ao outro.

Ducrot (1987) traz contribuições importantes no plano da enunciação com a teoria da polifonia enunciativa em que há diferentes vozes que constroem a cadeia de sentidos possível para o enunciado. Na zona do dizer, há não-ditos que podem ser pressupostos através de marcas linguísticas perceptíveis no plano do significante. O autor defende em sua teoria a existência de vários enunciadores que concorrem para sentidos que se entrecruzam a partir do que é dito e da forma como é dito.

Com relação à heterogeneidade mostrada, ela configura-se pela “presença localizável de um discurso outro no fio do discurso” (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 261), considerando a opacidade que a linguagem pode ter. As formas dessa heterogeneidade mostrada podem ser marcadas — pelo discurso direto ou indireto, pelas não-coincidências do dizer (metaenunciação); ou localizáveis no fio do discurso pela presença de termos linguísticos responsáveis pela polifonia, pela pressuposição ou pela alusão. As formas não marcadas - ironia, sarcasmo - são fenômenos essencialmente contextuais “cujos componentes interacionais e paraverbais” são fortes contribuem para serem identificadas pelos coenunciadores (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 291).

Authier-Revuz (2004, p. 175) destaca um outro tipo de heterogeneidade mostrada, instaurada no fio do discurso, definida como rupturas de não-coincidências interlocutivas que remetem o Um do discurso a um coenunciador. A autora vê esse tipo de enunciação como uma (das) forma(s) de heterogeneidade opacificante e relaciona várias formas de manifestação dessa forma de modalização autonímica, a que chama de pontos de não-coincidência interlocutiva. Assim, Authier adota algumas categorias para especificar o que chama de

“não-coincidências do dizer”, distinguindo-as em quatro tipos de glosa (Authier-Revuz, 2004, p. 182): i) não coincidência do discurso com ele mesmo (“como diz fulano”, “no sentido de fulano); ii) não coincidência entre palavras e coisas (“se convém esse termo”, “como eu diria isso?”); iii) não coincidência das palavras com elas mesmas (“no sentido metafórico”); e, iv) não coincidência entre enunciador e coenunciador (“como você diz”, “se me permitem o termo”).

Ainda segundo a linguista francesa, esse tipo de enunciação como uma (das) forma(s) de heterogeneidade opacificante que, pelo excesso promove a ruptura do fio da enunciação de um por dois, a exemplo do que Authier chama de predicação metaenunciativa de equivalência entre dois dizeres; e outro que se dá pela falta, o vazio que quebra a continuidade do fio enunciativo. Segundo Authier (2004, p. 83), a enunciação é representada localmente como “afetada por não-um, como alterada - no duplo sentido de alteração e de alteridade - em seu funcionamento por um fato pontual de não-coincidência”.

De um lado está, no plano do fio, o reconhecimento de uma forma linear do heterogêneo, ou seja, de uma irregularidade, de uma ruptura, formalmente descritível da cadeia. Os "acidentes" descritos se inscrevem, em relação ao desenvolvimento regular da cadeia, em duas vertentes: a do a mais, do excesso, da ruptura do um do fio pelo dois, e aquela do não-suficiente, da falta, da ruptura do contínuo do fio por um vazio (Authier-Revuz, 2004, p. 175).

Authier trata essas formas duplicadas de dizer algo como um dizer X que é reformulado em Y, numa relação de sinonímia ou de implicação argumentativa, as quais ela denomina de metaenunciação:

qualquer que seja a natureza da relação entre os elementos X e Y - identidade, implicação, ... - e o nível em que ela se estabelece - lingüístico, referencial, pragmático -, os "reformuladores" constituem uma forma explícita, não ambígua, de predicação metaenunciativa de equivalência entre dois dizeres, o de X e o de Y (Authier, 2004, p. 116)

As não-coincidências do dizer ou não-coincidências interlocutivas, também denominadas metaenunciação, configuram-se por uma outra maneira de dizer algo explicitado no enunciado que podem ser assinaladas pelo uso de expressões como *isto é, ou seja*. Também podem se configurar quando ocorre

coincidência interlocutiva, isto é, entre os dois co-enunciadores cf. por exemplo *X, se você entende o que eu quero dizer; X, dê-me a expressão*; não-coincidência do discurso com ele mesmo, atravessado por um outro discurso cf. por exemplo *isso que ele chama de X; X para retomar seus termos; X para falar familiarmente, ...*; não-coincidência das palavras e das coisas separadas por uma irreduzível distância cf. por exemplo *X, se podemos dizer; X, termo inadequado ...*; não-coincidência das palavras com elas mesmas, no "jogo" da polissemia e da homonímia cf. por exemplo *X, em todos os sentidos da palavra; X não no sentido P; X, é o caso de dizê-lo* (Authier, 2004, p. 134).

Com relação às formas de não-coincidência do dizer, focaremos neste trabalho em três tipos: i) a não-coincidência do discurso com ele mesmo, atravessado por um outro discurso; ii) a não-coincidência interlocutiva dada pelo uso de uma forma duplicada do dizer, mediada pelo uso de expressões como *isto é, ou seja* ou por palavras sinônimas ou quase sinônimas (relação sinonímica); iii) a não-coincidência interlocutiva estabelecida pelo sentido metafórico do termo, com base no caráter polissêmico/homônimo da língua.

Já discorreremos sobre as não-coincidências do dizer (Authier, 2004). Agora trataremos da polifonia enunciativa, da pressuposição (Ducrot, 1987), do discurso citado, da ironia e do sarcasmo.

Ducrot, em sua teoria acerca da polifonia, distingue, a partir de Genette, três sujeitos da enunciação: o autor, o locutor, o enunciador. Para o locutor, ele postula a existência, na instância da enunciação, de dois locutores: “o locutor enquanto tal” (L) e “o locutor enquanto ser no mundo” (L’) e de vários enunciadores (Ducrot, 1999, p. 188). Como exemplo, uma garrafa de suco de fruta seria o locutor (L’), num rótulo que traz o seguinte enunciado: “Devo ser tomado sem açúcar” (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 385).

A teoria polifônica de Ducrot sustenta que o sentido do enunciado, na representação realizada pela enunciação, advém de várias vozes que não provêm de um locutor propriamente dito, que podem ser atribuídas a seres discursivos que se expressam através da enunciação, os enunciadores, “seres discursivos” abstratos que existem somente no plano da enunciação (Ducrot, 1987, p. 192). O sujeito enunciador é, desse modo, cindido pelos locutores e pelos enunciadores, não importando para Ducrot o falante real (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 385). Tais enunciadores, circunscritos ao contexto mais imediato do discurso, “quando não constituem a voz do locutor, ou do alocutário, constituem a voz de uma coletividade, no interior da qual o locutor se localiza” (Barbi, 1999, p. 203).

A teoria da pressuposição e da argumentação ducrotiana são alteradas pela teoria polifônica da enunciação. A pressuposição passa então a ser descrita como apresentando dois enunciadores (E1 e E2), “responsáveis respectivamente pelos conteúdos pressuposto e posto” (Barbisan e Teixeira, 2002, p. 169). Para Ducrot, a pressuposição é parte integrante do sentido dos enunciados e constitui, no nível do enunciado, um ato ilocutório que sinaliza uma estratégia argumentativa na medida em que os interlocutores se provocam e pretendem impor-se uns aos outros como forma de continuar seu discurso (Ducrot, 1987, p. 40).

Os pressupostos, por conterem uma marca linguística no enunciado, possuem relativa independência em relação ao contexto (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 405). Entre os marcadores no enunciado, tendo suporte no significante, os autores apresentam: significante

lexical (os verbos transformativos são um exemplo) “Pedro parou de fumar” e “Pedro começou a fumar”, que pressupõem respectivamente *Pedro fumava antes* e *Pedro não fumava antes*; *advérbios e conectores* (“ainda”, “mas”, “mesmo”); *construção sintática* (como, por exemplo, as estruturas clivadas) “Foi Pedro que partiu” pressupondo que *Alguém partiu*, ou interrogações de constituinte: “Quando você parte?” pressupondo que *Você vai partir*, “Por que você não me ama mais?” pressupondo que *Você não me ama mais* e que *Você me amava antes*; e *curva melódica* que, segundo os autores são pressupostos ligados ao “foco” do enunciado. Citando Ducrot, Charaudeau e Maingueneau (2020) destacam algumas características dos pressupostos, a saber:

(1) Eles correspondem a realidades supostas já conhecidas do destinatário [...] e constituem um tipo de pedestal sobre o qual se formulam os *postos*, [...] garantindo a coesão do discurso, quando os postos se encarregam de sua progressão. [...] (2) Eles não são afetados pela negação nem pela interrogação. (3) Eles não podem, em princípio, nem ser “anulados” nem servir de base para o encadeamento.

Barbisan e Teixeira (2002), em artigo sobre a origem e a evolução do conceito de polifonia em Ducrot, observam que há três posições possíveis do locutor em relação aos enunciadores: “aquela em que o locutor se identifica com um dos enunciadores, como é o caso da asserção; aquela em que ele o aprova, como no exemplo da pressuposição; finalmente aquela em que há oposição entre locutor e enunciador, como acontece no humor” (Barbisan e Teixeira, 2002, p. 170). As autoras apresentam como exemplo um enunciado construído com o *mas*: *Faz bom tempo mas estou cansado*, em que podem ser identificados quatro enunciadores: E1, cujo ponto de vista é o de que faz bom tempo; E2, que admite a possibilidade do passeio dado o bom tempo; E3, que alega o cansaço; e, E4 que, a partir do cansaço, opta por não fazer o passeio.

Ducrot (1987) coloca os pressupostos na ordem da polifonia enunciativa tendo em vista o caráter de assumirem uma voz coletiva. Para efeito de melhor compreensão do fenômeno da polifonia enunciativa e da pressuposição, adotamos neste trabalho a polifonia enunciativa como uma categoria de heterogeneidade (quando temos o uso do “mas” demarcando vários enunciadores) da qual se depreende a pressuposição.

As pistas linguístico-textuais flagradas no enunciado devem ser tomadas para evidenciar pressuposições na materialidade descritível enquanto entidade linguística, mas também enquanto elemento inscrito na história, que pode colocar em jogo o seu avesso, o do discurso-outro. Os enunciados marcados com o *mas*, por exemplo, “constituem uma forma linguisticamente privilegiada de ocultar não-ditos constitutivos daquilo que é dito” (Barbi,

1999, p. 204). Da mesma forma, os enunciados construídos com termos de negação (não, nunca, jamais) consistem em levar os coenunciadores a compreenderem que há dois posicionamentos contraditórios em jogo, um positivo e outro negativo, e o enunciador associa-se a este último (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 387); daí, advém a pressuposição, de um já-dito cujo enunciador (o Outro do discurso) é inferido no processo de interpretação do enunciado.

Embora Maingueneau (2008) privilegie em seus estudos a complexidade constitutiva do discurso, Ducrot prefere abordar a complexidade mostrada na superfície do enunciado. No entanto, Maingueneau e Ducrot concordam em suas teorias em vários pontos. Um dos pontos de consenso é que Maingueneau assume com Ducrot que “a maior parte dos enunciados negativos pode ser analisada como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois enunciadores diferentes: o primeiro assume o ponto de vista rejeitado e o segundo assume a rejeição do ponto de vista” (Barbi, 1999, p. 200). Assim, se considerarmos como Ducrot a existência de dois locutores e de enunciadores no plano do enunciado, faz-se necessário relacionar as vozes desses sujeitos como associadas a alguma filiação ideológica.

Uma outra forma de heterogeneidade mostrada é o discurso citado - discurso direto e indireto, citação, alusão a outros enunciados. O discurso direto faz menção às próprias palavras empregadas pelo enunciador citado, ou seja, apresenta o enunciado tal como ocorrido. O discurso indireto, por sua vez, é uma forma de assinalar o discurso do outro, quando o enunciador traduz um enunciado dito por outrem em uma dada situação enunciativa. No discurso indireto, aquele que cita “faz uso de suas próprias palavras para citar outrem” (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 173).

Quando o discurso atribuído a um locutor L for inserido no discurso de um outro - locutor L' -, no caso do discurso indireto, por exemplo, tal fato não configura, segundo Ducrot (1987, p. 44, *apud* Barbisan e Teixeira, 2002, p. 166), um caso de polifonia.

Com relação à citação, cabe ao analista do discurso, quando se propõe-se a analisar o seu emprego em enunciados que compõem seu *corpus*, fazê-lo considerando que “os modos de representação de discursos outros [...] são uma das dimensões do posicionamento ou do gênero de discurso”, ou seja, o modo como se cita um discurso está diretamente associado a três fatores: i) a posição de quem cita e do destinatário (quem cita o quê e para quem?); ii) as diferentes maneiras de citar, considerando as múltiplas formas à disposição do enunciador; iii) a maneira pela qual quem cita avalia o enunciado citado (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 176).

A alusão e as citações ocultas só podem ser localizadas no fio do discurso se fizerem parte do conhecimento partilhado, uma vez que elas fazem apelo essencialmente à cultura dos coenunciadores, ao que se sabe do locutor, ao gênero do discurso ao qual pertence o enunciado (Charaudeau e Maingueneau, 2020).

A ironia, por sua vez, é também passível da e responsável pela opacidade semântica inerente à linguagem, uma vez que a transparência é comprometida no ato de enunciação quando o locutor expressa uma ideia com determinadas palavras mas deixa que o sentido seja interpretado pelo(s) destinatário(s). O efeito de não assumir o que é dito na enunciação pelo locutor torna a ironia e os sentidos a ela imanente um fenômeno essencialmente contextual (Charaudeau & Maingueneau, 2020, p. 291).

Maingueneau (1997), citando Ducrot, vê na ironia uma espécie de polifonia, porque há aí duas vozes implicadas no enunciado: a das palavras ditas, assumidas pelo enunciador; e a dos sentidos pretendidos, pelos quais o enunciador não se responsabiliza, e confere ao seu coenunciador a responsabilidade enunciativa sobre a interpretação dos sentidos, ao observar que

um enunciado irônico faz ouvir uma voz diferente da do "locutor", a voz de um "enunciador" que expressa um ponto de vista insustentável. O "locutor" assume as palavras, mas não o ponto de vista que elas representam. Evidentemente, isto exige que uma marca de distanciamento apareça entre as palavras e o "locutor"; caso contrário, o ponto de vista do "enunciador" lhe seria atribuído (Maingueneau, 1997, p. 77).

Assim, a constituição do dizer e do sentido de um enunciado não é totalmente controlado pelo locutor e nem de sua total responsabilidade, uma vez que, dado o caráter opacificante da linguagem e a depender das condições não só de produção mas também de recepção do discurso, os sentidos atribuídos a esse enunciado podem ser imprevisíveis. Para Authier-Revuz, em sintonia com a teoria do dialogismo bakhtiniano, qualquer palavra produzida no meio do “já-dito de outros discursos, é habitada pelo discurso-outro — ou naquele da interdiscursividade em análise do discurso que propõe para toda palavra sua determinação pelo ‘isto fala em outro lugar, antes, e independentemente’” (Authier-Revuz, 2004, p. 185).

Como formas de heterogeneidade enunciativa, o sarcasmo e a ironia apresentam características muito semelhantes, embora aquele seja visto como uma ironia mais acentuada. De acordo com o site <https://www.dicio.com.br>, o sarcasmo é uma forma de expressar uma “zombaria que busca ofender; dito cuja intenção é sempre ofender, zombar, escarnecer”. Ferreira (2014), ao estudar o conceito de sarcasmo, relacionando-o a um fenômeno

usualmente praticado na pós-modernidade, apresenta como contribuições de seu estudo algumas características desse fenômeno linguístico, embora admita-se sua estreita semelhança com a ironia. Ao citar Haiman (1998), a autora afirma que o sarcasmo pode conter uma metagem, ou seja, ele pode transmitir a ideia de que, na verdade, o que se quer dizer é o oposto do que foi dito. Tal conceito confunde-se a tal ponto com a ironia que há autores que admitem o termo ironia sarcástica para referir-se a uma ironia de tom mais ácido (Haiman, 1998, *apud* Ferreira, 2014, p. 370).

Rizzotto *et. al.* (2022) destaca que é próprio da natureza semântica do sarcasmo “um tipo de insulto disfarçado como declaração, um tipo de argumentação indireta na qual o sentido duplo serve para se comunicar de maneira declaratória à primeira vista, mas com um significado subjacente” (Perelman e Tyteca, 2014 *apud* Rizzotto *et. al.*, 2022, p. 8). Os autores destacam que o sarcasmo é empregado para fortalecer o vínculo entre pessoas que mantêm o mesmo ponto de vista, considerando que o teor irônico só é compreendido quando já há uma visão pré-estabelecida comum às pessoas de um grupo, de modo que a ironia seja captada com base em percepções compartilhadas de mundo (Rizzotto *et. al.*, 2022, p. 8).

Um dos aspectos que nos possibilita diferenciar o sarcasmo da ironia é que esta, muitas vezes, depende do contexto para ser percebida; o sarcasmo, embora geralmente dependa de fatores paralinguísticos (entonação de voz, expressão facial), ele é expresso de forma intencional enquanto a ironia pode ser não intencional.

Em virtude de abordarmos as heterogeneidades sob a perspectiva de Authier (2004) que a classifica em mostrada marcada e não-marcada e constitutiva, e por trazermos a polifonia enunciativa em Ducrot (1987) como uma espécie de heterogeneidade localizável no enunciado, uma vez que ela advém de um marcador linguístico no plano do significante ou da construção sintática, usaremos o termo heterogeneidades localizáveis no fio do discurso para contemplar ambos os fenômenos descritos pelos autores em seus estudos, a saber: não-coincidências do dizer, discurso citado, alusão (Authier) e polifonia, pressuposição, ironia (Ducrot).

2.4.2 Sobre a heterogeneidade constitutiva ou interdiscursividade

A heterogeneidade constitutiva, por sua vez, reside na tessitura do discurso sem que sua presença seja perceptível. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2020, p. 261), ela “não deixa marcas visíveis: as palavras, os enunciados de outrem estão tão intimamente ligados ao texto que elas não podem ser apreendidas por uma abordagem linguística *stricto*

sensu.” Assim, a heterogeneidade constitutiva é analisada com base na semântica discursiva dos enunciados, que Maingueneau (2008) define como sistema global de restrições semânticas a partir do “primado do interdiscurso sobre o discurso”.

A presença do Outro no discurso pode ser percebida nos simulacros que um discurso tal constrói de modo a pretender-se “autêntico”, quando a heterogeneidade não é propriamente marcada no enunciado, a exemplo da heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz, 2004; Maingueneau, 2008). A competência discursiva, atributo de todo e qualquer enunciado, está presente no discurso porque

em um sentido, a competência discursiva, longe de excluir o heterogêneo, confere-lhe um lugar privilegiado. Em primeiro lugar, porque ela constitui um sistema interdiscursivo que supõe a presença constante do Outro no centro de cada discurso. Mas também porque, como acabamos de ver, ela nos dá meios de atribuir um estatuto de pleno direito à heterogeneidade: [...] entre os textos de um mesmo enunciador, e mesmo entre diversas partes de um mesmo texto (Maingueneau, 2008, p. 58).

Dados os contingenciamentos do discurso, seja pelo estatuto do sujeito enunciativo, seja pelo conflito regulador frente às ideologias constitutivas do sujeito, todo enunciado é produzido na zona do dizível legítimo: aquilo que nas instâncias do ato enunciativo é possível ser dito pelo sujeito enunciador. Porém, na zona dos interditos, reside o dizível faltoso, os não-ditos (Maingueneau, 2008, p. 37). São, portanto, os não-ditos, que constituem as fissuras de um discurso, que possibilitam colocar esse discurso em relação com o discurso do Outro, regulados ambos por algum conflito ideológico.

Assim, não advém apenas do sujeito enunciador os sentidos imanentes ao discurso, uma vez que o outro com quem se fala é um sujeito ideológico, constituído por outros discursos. Esse caráter dialógico constitutivo da linguagem é manifestado na materialidade do discurso. Quando dois posicionamentos discursivos são postos em relação é possível perceber, nas entrelinhas do discurso, aliança ou confronto do Outro com o Mesmo do discurso. Assim, podemos constatar que discurso algum é suficientemente autêntico de modo que nele não ecoem outras vozes que o sustentam ou contrapõem-se a ele.

Com relação à interdiscursividade, Maingueneau (2008), ao destacar “o primado do interdiscurso sobre o discurso” lança um olhar sobre alguns conceitos como o de competência interdiscursiva, o de formações discursivas e sobre o que ele denomina de sistema global de restrições semânticas.

Embora Maingueneau (2008) utilize o sistema de restrições semânticas para o estudo de formações discursivas em relação de aliança, de confronto ou de neutralidade aparente em

determinado espaço discursivo, procuramos aqui analisar os tuítes de nosso *corpus* utilizando o mesmo procedimento adotado pelo autor, no entanto, uma vez que os tuítes deflagrados pelas *hashtags* em tela são um recorte minúsculo do discurso feminista, adotamos esse conjunto de enunciados como representativos do discurso de teor feminista. Portanto, quando tratamos aqui de discurso feminista ou de discurso machista, não o fazemos tomando-os como formações discursivas postas em relação num dado espaço discursivo, mas sim como enunciados que, por trazerem um posicionamento ideológico, constroem um projeto de autoapresentação politizada marcado por relações tensas de gênero, uma vez que reguladas por interesses em conflito.

A partir do sistema de restrições semânticas globais é que Maingueneau (2008) propõe o estudo da interdiscursividade, elencando semas que são valorizados e/ou refutados por determinado discurso. Assim explica o autor:

O que faz falta ao enunciador quando ele é confrontado com seu Outro é justamente a gratuidade. Ao contrário dos imitadores e dos falsários, que escolhem aqueles que vão imitar com motivações ideológicas relativamente distanciadas, ele é condenado a produzir simulacros desse Outro, e simulacros que são apenas seu avesso (Maingueneau, 2008, p. 55).

Maingueneau (2008, p. 58) destaca que a presença do Outro no discurso também pode ser percebida nos simulacros que um discurso tal constrói de modo a pretender-se “autêntico”, quando a heterogeneidade não é propriamente marcada no enunciado. Mesmo não sendo possível perceber marcas da heterogeneidade no discurso, a teoria maingueneuniana defende a premissa de sua existência em todo discurso, haja vista o primado do interdiscurso inerente a toda prática discursiva. Assim, o autor postula que

Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade mostrada, toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do outro dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade. [...] Um enunciado [...] pode, pois, ser lido em seu "direito" e em seu "avesso": em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos (Maingueneau, 1997, p. 120).

Ao buscar definir o sistema global de restrições semânticas, que tomaremos como base para a descrição de semas do discurso feminista, Maingueneau (2008, p. 47) declina de chamar esse sistema de “gramática do discurso” por entender que “não existe uma ‘língua’ específica a um discurso”. Em vez disso, o autor define o sistema de restrições semânticas como sendo “um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto dos textos possíveis, como pertencendo a uma formação discursiva determinada” (Maingueneau, 2008, p. 48).

Ainda sobre a semântica discursiva, Maingueneau (2008, p. 56) afirma que o grau de coesão de um grupo de enunciadores que compartilham o mesmo posicionamento ideológico é tal que em nada pode ser comparada à suposta homogeneidade que a biografia desses enunciadores pode ter. Ao enunciar, o sujeito de um discurso assume uma posição enunciativa própria de um dado discurso. O enunciador não pode comportar-se como um falsário que toma a palavra de seu Outro para fazer-se passar por ele num processo similar ao de uma imitação. Ao inscrever-se em determinada competência discursiva, se um discurso pretender ‘dar a palavra’ a seu Outro, determinado discurso não pode sair de seu fechamento semântico, “ela só pode emprestar [ao discurso] suas próprias palavras” e está condenada a “produzir simulacros desse Outro” e simulacros que são apenas o seu avesso (Maingueneau, 2008, p. 55)

É, pois, com base nas ideias desses autores (Maingueneau, 1997, 2008, 2015; Authier-Revuz, 2004) que buscamos analisar os tuítes de teor feminista assinalados com as *hashtags* em questão, identificando neles as heterogeneidades de que são feitos os discursos e o atravessamento desses mesmos discursos pela interdiscursividade regulada por conflitos ideológicos. Além disso, procuramos descrever os eixos semânticos e seus respectivos semas que, a partir de nossa análise, definem para o *corpus* em tela uma semântica discursiva que caracteriza o discurso feminista quando colocado em confronto com o discurso machista, conforme o modelo empregado por Maingueneau (2008) para descrever a gênese dos discursos jansenista e humanista devoto postos em relação.

Embora não tomemos os tuítes como característicos de uma formação discursiva e nem seja nosso propósito elaborar uma semântica discursiva caracterizadora do discurso feminista, tendo em vista a exiguidade do presente estudo e as limitações do nosso *corpus* de análise, consideramos relevante, a exemplo dos estudos maingueneunianos, buscar elucidar os semas que podem ser constitutivos do discurso feminista em relação com o discurso machista, aqui elencados como um esboço de onde podem partir futuras pesquisas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Por que é preciso que haja um lugar para a mulher? E por que apenas um, singular, completamente essencial?

J. Derrida, em entrevista à feminista norte-americana Christie McDonald

Não é fácil para uma pesquisadora, inscrita na categoria de mulher e envolta no pensamento da dominância simbólica e social do masculino sobre o feminino, buscar apreender as nuances de análise necessárias para o estudo do objeto de pesquisa em tela. Há que se fazer um esforço de libertação das amarras ideológicas do patriarcado, aprofundar-se em leituras, tecer pensamentos que joguem luz sobre o que está posto, no sentido de provocar questionamentos e reflexões. Bourdieu (2002, p. 10), ao dizer que o pensamento científico foi, por um longo período da história do ocidente, exclusivamente produzido por homens, assevera que:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação.

Como estamos lidando com uma pesquisa no campo das ciências humanas, “*a relação entre sujeito, linguagem e verdade na ciência contemporânea*” (Joabim e Souza, 2005, p. 316) pode oferecer um dilema epistemológico ao pesquisador. A autora, propondo-se a estudar as coincidências de abordagem metodológica no campo das ciências sociais entre os pensamentos de Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin, afirma como uma constatação desses autores que o caminho percorrido pelo método dialógico é desvio:

[...] o ponto de partida é o *sujeito*, o desvio se dá na *linguagem* e conduz a uma redefinição dos paradigmas das ciências humanas; o ponto de chegada é a formulação de uma teoria do sujeito articulada a uma teoria crítica da cultura. [...] Porém, é exatamente nisso que está a preciosidade maior desse método, pois a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento o permanente contato com a liberdade (Joabim e Souza, 2005, p. 322).

A presente pesquisa é de caráter documental, qualitativa, com uso da metodologia da pesquisa descritiva e análise e caracterização do discurso feminista e sua relação

interdiscursiva com o discurso machista. Para o nosso *corpus*, definimos inicialmente apenas tuítes deflagrados pela *hashtag* #*exposedfortaleza*. No entanto, dada a limitação quantitativa, o que comprometia a robustez do *corpus*, optamos posteriormente por ampliar o *corpus* de análise para tuítes deflagrados também pelas *hashtags* #*contraomachismo* e #*estuproculposo*, por conterem enunciados que pertencem ao discurso feminista e apresentarem semelhanças como: i) tuítes em que os enunciadores posicionam-se frente aos fatos deflagradores das *hashtags*, reivindicando para si uma autopresentação que denominamos de politizada; ii) tuítes que condensam um posicionamento feminista; e, iii) *hashtags* que conduzem os usuários para outros agenciamentos com o mesmo posicionamento, a exemplo de #*ElasnoEstádio*, #*UmaPorTodasTodasPorUma*, #*contraomachismo*, #*violenciacontraamulher*, #*JuntasSomosMaisFortes*, #*JustiçaPorMarianaFerrer*, #*exposedcariri*.

O contato inicial enquanto pesquisadora com a *hashtag* #*exposedfortaleza* deu-se com o caso dos nudes femininos, compartilhados em grupos de rapazes, que se tornou de conhecimento público e usuários passaram a publicar enunciados marcados com a tag em diferentes redes sociais, ocorrido em junho de 2020, quando o contexto da pandemia nos impôs o isolamento social e as redes sociais passaram a ser um de nossos poucos contatos com o mundo. Acompanhei esse movimento mais de perto no Instagram e no Facebook. O interesse pelo X (Twitter) ocorreu quando, ao me sentir provocada em desenvolver pesquisa a partir de tais enunciados, percebi que essa plataforma continha maior número de postagens em comparação com o Instagram e o Facebook.

Conforme já mencionado anteriormente, as publicações em análise, por terem como mote algum fato ocorrido na sociedade, inauguram um evento discursivo nas redes sociais que, por virem marcados com uma *hashtag*, agenciam um posicionamento ideológico ao mesmo tempo que as postagens ocorrem em maior proporção num curto intervalo de tempo. Assim, o material de que dispõe o pesquisador para análise é relativamente delimitado: considerando apenas o X (Twitter), as *hashtags* #*contra machismo* e #*estuproculposo* ocorreram num período aproximado de dois meses, enquanto a *hashtag* #*exposedfortaleza* obteve maior quantidade de postagens por um período de dez dias.

Para a análise do *corpus*, tendo em vista a quantidade significativa de postagens contendo anexos como prints de conversas extraídos do *whatsapp*, fotos e imagens anexas, incluiremos em nossa análise aquelas que possuem maior quantidade de curtidas (favoritar), retuítes (retuitar) ou comentários (responder), mantendo o sigilo e o anonimato dos perfis

analisados. Dado o caráter multissemiótico e a relevância de análise para alguma imagem anexa à postagem, faremos tal análise em benefício dos objetivos a que nos propomos neste trabalho. Os comentários/respostas dos usuários não serão considerados em nossa análise, a menos que eles deem continuidade ao raciocínio feito pelo próprio autor da postagem, o que tem se tornado comum no X (Twitter) dada a limitação dos 240 caracteres.

Nos perfis individuais, sendo possível identificar o gênero, optamos por utilizar os símbolos (♀♂), embora que numa relação cisgênera de masculino *versus* feminino, por considerarmos importante perceber que não é o gênero que define a formação ideológica em que se inscrevem os sujeitos. Há indivíduos femininos que, enquanto sujeito enunciador, reforçam o ideário machista da mesma forma como há homens que se posicionam favoráveis ao posicionamento feminista e defendem a causa feminina. Essa evidência corrobora para o fato de que não é o gênero (homem *vs.* mulher) que dá lugar de fala aos enunciadores inscritos em determinado posicionamento ideológico.

Quadro 1 : Perfil dos tuítes quanto ao gênero

PERFIL	# <i>contraomachismo</i>	# <i>exposedfortaleza</i>	# <i>estuproculposo</i>
FEMININO	—	@02_23_05 @02_23_06 @02_23_07 @02_23_09 @02_23_10 @02_23_11	@03_23_13 @03_23_14 @03_23_16 @03_23_17 @03_23_18 @03_23_19
MASCULINO	—	—	—
INSTITUCIONAL	@01_23_01 @01_23_02 @01_23_03 @01_23_04	@02_23_08	@03_23_15 @03_23_20
NÃO-IDENTIFICADO	—	@02_23_12	—

* Quadro elaborado pela autora.

Como vimos no Quadro 1, entre os tuítes analisados, não tivemos perfil algum identificado como masculino. Os tuítes deflagrados pelas *hashtags* #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo* são majoritariamente de perfis identificados como femininos, enquanto os da *hashtag* #*contraomachismo* são todos institucionais. Isso não implica a não existência de tuítes com outros perfis em quaisquer das *hashtags* em tela, no entanto, devido eles não estarem entre os mais comentados, favoritados ou retuitados, não constituíram o nosso *corpus*.

Quando o perfil da postagem analisada pertencer a alguma organização ou representar uma coletividade, mantemos a imagem e o nome do perfil visíveis. Para editar as imagens aqui utilizadas e printadas da página do X (Twitter) usamos a ferramenta *Nimbus Capture*¹⁰, aplicando a ferramenta de borrão de modo a preservar o anonimato do usuário. Haja vista a dificuldade em contemplar todas as nuances de uma postagem contendo audiovisuais, tal postagem é desconsiderada para análise.

O universo de postagens observado no X (Twitter) com a *hashtag* *#contraomachismo* e *#exposedfortaleza* é de aproximadamente oitenta postagens cada uma, variáveis de acordo com a dinâmica do algoritmo que pode alterar a *timeline* da página visualizada. Entre os enunciados marcados com a *hashtag* *#contraomachismo*, vinte são motivados pela presença do público feminino nos estádios de futebol; por esta razão, elegemos analisar algumas dessas postagens mais emblemáticas para a análise das heterogeneidades enunciativas. As *hashtags* *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo* originaram-se exclusivamente a partir de um fato, nesta ordem: a prática machista de expor nudes femininos em redes sociais e a sentença pró-réu dada contra vítima de estupro. Desse conjunto, analisamos um *corpus* de vinte tuítes de diferentes perfis, escolhidos entre os mais comentados, favoritos e retuitados; das *hashtags* *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, selecionamos oito tuítes de cada; tendo em vista que a *hashtag* *#contraomachismo*, se considerarmos a presença feminina nos estádios como motivador da *hashtag*, a maior parte das postagens é feita por perfis coletivos de torcida organizada; assim, selecionamos apenas quatro tuítes para análise.

Para nomear cada tuíte, utilizamos um código composto por um arroba (@) e uma sequência numérica de seis dígitos, separados a cada dois dígitos por um sinal underline (_), como no exemplo, @03_23_16, em que: i) os dois dígitos iniciais numeram a ordem de surgimento da *hashtag* no X (Twitter) (01 para *#contraomachismo*; 02, *#exposedfortaleza*; 03, *#estuproculposo*); ii) o par de dígitos intercalado refere-se ao ano de 2023, quando da coleta das postagens para análise; e, iii) os dígitos finais representam a ordem em que foram feitos os vinte prints analisados.

¹⁰ As capturas de tela dessa pesquisa foram feitas com o auxílio da ferramenta *Nimbus Capture*, extensão adicionada ao navegador Chrome (acessível em <chrome-extension://bpconjcamlapcogennelfmaeghhagi/welcome.html>), que possibilita a captura da página inteira, apenas do conteúdo exibido na tela ou, ainda, de áreas específicas da tela, a depender dos propósitos de quem faz a captura. Além disso, a ferramenta ainda permite ao usuário o embaçamento de partes específicas da imagem capturada, procedimento utilizado aqui para preservar o anonimato de perfis do Twitter analisados.



Figura 1: Exemplo de imagem capturada do X (Twitter) @03_23_16

A figura 1, um exemplo da *hashtag* #estuproculposo, mostra como serão reproduzidas as postagens a serem analisadas. Por tratar-se de uma postagem pessoal, a imagem do perfil e identificação do usuário foram preservados. Observe que o gênero foi identificado, ainda que numa relação binária de masculino e feminino, usando os símbolos (♀♂) no canto superior direito de cada imagem. Em havendo imagens, prints de textos, ela é reproduzida contemplando a forma como se visualiza na *thread*¹¹ (fio, sequência). Na *thread* ou fio de cada tuíte, perfilam-se os comentários dos usuários que, no caso do estudo em tela, não são considerados, exceto quando tais comentários constituírem continuidade de um raciocínio do tuíte. Em sendo objeto de nossa análise, os respectivos comentários que constituem o fio de raciocínio do usuário foram printados na imagem, como se vê na Figura 1.

¹¹ "Thread" é um termo de origem na língua inglesa que, com a popularização das redes sociais, acabou virando uma expressão global, especialmente no *Twitter*. A tradução literal da palavra *thread* é um substantivo que significa linha, fio, filamento ou um pedaço de fio. A partir dessa ideia, seu significado nas redes sociais faz referência àquelas publicações em sequência, que em geral tratam de um mesmo assunto, geralmente, vinculadas a uma postagem em destaque. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/07/02/o-que-e-thread.htm>. Acesso em: 08/02/2023,

A partir da premissa do “primado do interdiscurso” segundo a qual “o interdiscurso precede o discurso”, da polifonia ducrotiana (Ducrot, 1987), das heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 2004) e do sistema de restrições da semântica global do discurso (Maingueneau, 2008), propomo-nos a analisar como o discurso feminista evidenciado pelo *corpus* constitui o “avesso” do discurso machista, dado o conflito ideológico que os regula e a relação de aliança, de confronto ou de aparente neutralidade que os configura.

3.1 Tuítes agenciados sob as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*

Os tuítes deflagrados a partir das *hashtags* em tela têm como uma de suas características o fato de reportar-se a outras *hashtags* também praticadas no X (Twitter).

Quadro 2: *Hashtags* associadas nos tuítes analisados

<i>Hashtag</i> Tema	<i>Hahstags</i> Associadas
<i>#contraomachismo</i>	<i>#UmaPorTodasTodasPorUma</i> <i>#ElasNoEstadio</i> <i>#ElasEoSport</i> <i>#MulherFalaDeFutebolSim</i> <i>#JuntasSomosMaisFortes</i>
<i>#exposedfortaleza</i>	<i>#exposedfortal</i> <i>#exposedcariri</i>
<i>#estuproculposo</i>	<i>#justicapormariferer</i> <i>#MarianaFerrer</i> <i>#violenciacontramulher</i> <i>#violenciasexual</i> <i>#violentadas</i>

*Quadro elaborado pela autora

Percebemos assim o agenciamento de posicionamentos nas redes sociais, especialmente no X (Twitter), quando os tuítes aqui analisados são, geralmente, assinalados por duas ou mais *hashtags*, seja para agenciar adeptos de determinado posicionamento

ideológico, seja para ampliar o alcance de dado tuíte, como vemos no Quadro 2, reproduzido acima. O agenciamento de posicionamentos realizado pela citação de várias *hashtags* pode ser analisado também sob a ótica de uma autoapresentação politizada que visa a ampliar seu alcance ao maior número de usuários possível?

Apresentamos a seguir algumas considerações sobre as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, sob as quais os tuítes em análise foram publicizados.

3.1.1 Sobre a *hashtag* *#contraomachismo*

Tendo sido inaugurada nas redes sociais, mais especificamente no X (Twitter), bem antes do fato que provocou seu uso de forma mais intensiva, mais particularmente no início de 2018, o que seria a primeira postagem marcada com essa *hashtag* aparece por volta de 2011, coincidindo um movimento feminista marcado pelo ciberativismo e pela globalização de pautas feministas, ganhando assim um caráter transnacional. A data de inauguração dessa *hashtag* no Twitter coincide também com o movimento feminista ocorrido pela primeira vez no Canadá, que ficou conhecido como a “Marcha das Vadias”¹² (*SlutWalk*, em inglês) e popularizou-se em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil.

Na barra de pesquisa do Twitter, ao digitar-se a *hashtag* *#contraomachismo*, são listadas uma média de 82 postagens das quais aproximadamente a metade é de perfis femininos, lançadas na página por algum algoritmo e visualizadas pelo movimento da barra de rolagem.

Os tuítes assinalados com a *hashtag* *#contraomachismo* foram pautados principalmente pela doxa machista de que o espaço dos estádios de futebol não seria local adequado para mulheres tidas como “recatadas”, restringindo o espaço das arquibancadas como notadamente reservado aos homens. A maior parte desses enunciados vinculados à questão da presença feminina nas arquibancadas foi realizada por coletivos de torcida feminina organizada de clubes do Estado de Pernambuco – Náutico, Sport Recife e Santa Cruz. Os principais perfis coletivos com postagens no X (Twitter) com a referida *hashtag* são “Movimento Coralinas”, cuja descrição do perfil apresenta “Coletivo de torcedoras do Santa Cruz FC/PE que defende a presença feminina nos estádios e combate o machismo, sobretudo

¹²A Marcha das Vadias protesta contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por seu comportamento. Por isso, marcham contra o machismo, contando sobre os seus próprios casos de estupro. As mulheres durante a marcha usam não só roupas cotidianas, mas também roupas consideradas provocantes, como blusinhas transparentes, lingerie, saias, salto alto ou apenas o sutiã. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcha_das_Vadias. Acesso em: 08/02/2023.

no futebol”; “Timbuzeiras” com a seguinte apresentação “Perfil alvirrubro através de olhares femininos. Já pensou que elas podem amar o Náutico tanto quanto você?”; e, “Elas e o Sport”, que se autodeclara “Promovendo o Sport, inclusão e igualdade!”.

Com base nas descrições apresentadas para os perfis, percebe-se que esses coletivos de torcidas femininas têm como objetivo, para além do entretenimento, o de promover uma consciência coletiva de inclusão de mulheres nos estádios e valorização da presença feminina nos eventos futebolísticos. Daí porque a maioria das postagens com essa *hashtag*, que tiveram maior força entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018, conterem no texto principal do post ou na frase anexa enunciados em que se constrói uma autoapresentação politizada de torcedoras que, por pertencerem a uma dada torcida organizada, inscrevem-se num posicionamento discursivo feminista.

Algumas considerações acerca da *hashtag* *#contraomachismo* que destacamos:

- além de manifestação feminina em alusão ao preconceito pela presença de mulheres nos estádios de futebol, estão entre as pautas agenciadas por esta *hashtag*: a igualdade nas relações de gênero; a conscientização pela importância de se denunciar casos de violência contra a mulher; a convocação para não se votar no então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, por ocasião das Eleições Gerais do Brasil de 2018;
- dada a natureza da *hashtag* vinculada a eventos futebolísticos, parte considerável das postagens de maior repercussão são aquelas de perfis institucionais que representam coletivos de torcidas que adotam alguma bandeira de luta, seja contra o racismo, contra o machismo e a homofobia.

3.1.2 Sobre a *hashtag* *#exposedfortaleza*

A *hashtag* *#exposedfortaleza* seguiu-se, aqui no Estado do Ceará, a outra *hashtag* anterior, *#exposedcariri*, também motivada pelas mesmas razões – exposição da intimidade de mulheres nas redes sociais, mais especificamente em grupos de rapazes no *whatsapp*.

Na barra de pesquisa do Twitter, ao digitar-se a *hashtag* *#exposedfortaleza*, são listadas uma média de 80 postagens que ocorreram de forma intensa no período entre 20 e 30 de junho de 2020 e constituem-se de prints de conversas travadas em outras redes sociais, inclusive com reprodução de áudios, vídeos, memes, imagens e/ou de textos printados.

Os tuítes assinalados com a *hashtag* *#exposedfortaleza* foram pautados principalmente pela ideologia patriarcal de objetificação do corpo feminino, visando a sexualizá-lo como elemento de satisfação do desejo masculino. É como se o corpo da mulher tivesse sido domesticado para entre outras funções (a de procriar, por exemplo) também servir aos instintos sexuais do homem.

É um sintoma do patriarcado a Bourdieu (2002, p. 28) afirma que a dominância masculina sobrepõe-se ao feminino numa imposição do desejo do homem como superior – símbolo de virilidade –, a ponto de subjugar as vontades e liberdades femininas em função de, quase que exclusivamente. Em consonância com o pensamento de Bourdieu, Federici (2017, p. 32) ressalta que os sistemas de exploração organizados pelos homens em função da acumulação primitiva, tentaram a todo custo “disciplinar e apropriar-se do corpo feminino”, como lugar privilegiado de estabelecimento das relações de poder.

Algumas considerações acerca da *hashtag* *#exposedfortaleza* que destacamos:

- tais enunciados são uma resposta da luta feminina para denunciar a violência praticada contra a mulher e resistir ao machismo e à misoginia vigentes, em contraponto ao pensamento cristalizado pela doxa machista de que as decisões sobre o corpo feminino devem ser controladas pela Igreja, pelo Estado e pelos aparelhos ideológicos, criados pelo patriarcado para tal fim;
- a *hashtag* *#exposedfortaleza* é topograficamente localizada e mobilizou mulheres, adolescentes e homens defensores da causa feminista, em tom de denúncia contra várias formas de assédio sexual de que foram vítimas as próprias autoras ou outras mulheres;
- maior parte dos tuítes assinalados com essa *hashtag* são de autoria feminina, movidos pelo sentimento de sororidade e de identidade com o feminino, usuários que reivindicam seu lugar de fala para, através da *hashtag* dar visibilidade ao movimento.

3.1.3 Sobre a *hashtag* *#estuproculposo*

De modo semelhante às *hashtags* anteriores, foi também um fato circunstancial que deu origem ao uso da *hashtag* *#estuproculposo*: a sentença dada em favor da não-condenação do agressor no caso do suposto estupro praticado contra a modelo e influencer Mariana Ferrer, no julgamento ocorrido em setembro de 2020. O juiz responsável pelo caso, alegando

insuficiência de provas para atestar o estado de vulnerabilidade da vítima, decidiu por não condenar o agressor, o empresário André de Camargo Aranha, mesmo tendo sido constatado o contato sexual e a presença de sémen no corpo da vítima, sob a alegação de ausência de provas que comprovem a vulnerabilidade da vítima. Tal decisão foi noticiada pelo site Intercept Brasil¹³ que cunhou o termo “estupro culposo” para o caso, ainda que não tivesse sido utilizado pelo juiz ao formular seu veredito. Em resposta ao caso, entre os meses de outubro e novembro do referido ano, os usuários repercutiram a tag de forma ostensiva em suas redes sociais, especialmente no X (Twitter), de forma a que ela aparecesse nos *trend topics* da plataforma.

A *hashtag* #estuproculposo, embora tenha sido inaugurada no X (Twitter) bem antes e motivada por outras questões que também envolvem relações de gênero, ela foi utilizada com maior ênfase a partir do caso relatado. Em razão disso, a indignação causada pela sentença judicial levou muitos usuários da plataforma a agenciar posicionamentos feministas fazendo uso da *hashtag*.

Ao ser digitada na barra de pesquisa do X (Twitter) a *hashtag* #estuproculposo, aparecem na tela 92 postagens; desse total, um número significativo é de perfis masculinos (38 posts), sendo os demais (35), de perfis femininos; quinze, de perfis institucionais; as quatro restantes, não foi possível identificar o gênero. Interessante observar o índice de postagens masculinas: o que isso revela a respeito do posicionamento masculino frente à situação de estupro de vulnerável? É possível depreender maior consciência de igualdade nas relações de gênero? De todo modo, não é isso que as estatísticas recentes de casos de estupro e de feminicídio têm revelado. O discurso misógino da responsabilização feminina (seja a vestimenta, o lugar, o comportamento) como justificativa para a prática do estupro é o mais rebatido nos enunciados agenciadas pela *hashtag*.

Antes de analisarmos propriamente as postagens selecionadas para o nosso *corpus*, consideramos importante algumas observações:

- as postagens marcadas com essa tag reiteram a dominância do masculino branco, heteronormativo, classista e de direita sobre qualquer pensamento ou atitude que não se enquadre nesse padrão;
- as manifestações pautadas contra atitudes machistas são reconhecidas pelos usuários que usam a *hashtag* motivados pelo caso Mariana Ferrer como sintomáticas do

¹³ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acessado em: 24/05/2023.

patriarcado, influenciando decisões judiciais, algumas das quais convidando o público a mobilizar-se contra o sistema patriarcal e capitalista que rege a sociedade.

Feitas tais considerações, sigamos então para a análise dos dados, substância de nosso trabalho. Como forma de organizar nossa análise, dividimos a abordagem desse estudo em duas seções. Na primeira seção, identificamos a heterogeneidade no fio do discurso, marcada ou não (não-coincidências do dizer, pressuposição, discurso citado (direto e indireto), ironia, sarcasmo) nos enunciados que compõem cada uma das vinte postagens analisadas. Na sequência, abordamos os enunciados *corpus* de nosso estudo evidenciando a relação interdiscursiva presente no discurso feminista em contraponto ao discurso do patriarcado, retomando as categorias da semântica discursiva maingueneana.

4. HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS EM TUÍTES DE TEOR FEMINISTA

Eu perguntava por que atormentavam as mulheres assim. Nós éramos maiores que o nosso ventre, maiores que a soma das partes do nosso corpo.

Sheri, personagem do romance “Tudo de bom vai acontecer”, de Sefi Atta

Para procedermos à análise dos dados, tendo como nosso objeto de pesquisa os enunciados publicados no X (Twitter) e assinalados com as *hashtags* #*contraomachismo*, #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo*, buscamos identificar as heterogeneidades presentes nos enunciados que constituem o nosso corpus, as localizáveis no enunciado, seja a marcada (discurso direto, discurso indireto, não-coincidências do dizer, alusão), seja a polifonia enunciativa e a pressuposição, e as não marcadas (ironia e sarcasmo) e, com base na semântica discursiva, perceber quais semas atravessam o discurso feminista.

Sobre o uso das *hashtags* para agenciar posicionamentos, Bicalho (2019, p. 30) assevera que “uma *hashtag* nunca opera sozinha, mas faz parte de uma teia de conexões semânticas, que se atualizam pelo compartilhamento dos usuários. Isso gera uma série de dados que podem ser rastreados e recuperados em outros contextos”. É um fenômeno comum assinalar um determinado tuíte com várias *hashtags* que, de algum modo, mantêm uma relação semântica entre si.

Tomando por base os tuítes aqui analisados, a maior parte deles são agenciados por mais de uma *hashtag*, explicitadas no Quadro 2. Há duas observações relevantes quanto à associação entre duas ou mais *hashtags* que pontuamos: uma delas é que podemos perceber um entrecruzamento de “já-ditos” a ecoar nas *hashtags* – poderíamos falar em heterogeneidade enunciativa também neste caso? Outro ponto a destacar é a aparente tentativa do enunciador (o tuiteiro) de alcançar maior quantidade de agenciamentos ao assinalar um tuíte com várias *hashtags* que se associam por um certo encadeamento lógico.

Para Araújo (2017, p. 76), o fato de o usuário assinalar seus tuítes com várias *hashtags* pode ser visto como uma estratégia para ganhar visibilidade na rede de modo que “suas ‘conversas’ sejam descobertas por outros usuários, e conseqüentemente, tenham maior audiência – o que significa maior status no ambiente do microblog”.

Quanto ao estudo da interdiscursividade, conforme Maingueneau (2008), elegemos, com base na doxa¹⁴ cristalizada sob à ótica do patriarcado e nos contingenciamentos discursivos do discurso feminista, os semas que caracterizam o discurso feminista quando em relação com o discurso machista.

QUADRO 3: Temas presentes em tuítes sob *hashtags* feministas

ENUNCIADOS	# <i>contraomachismo</i>	# <i>exposedfortaleza</i>	# <i>estuproculposo</i>
TEMAS			
culpabilização feminina	—	@02_23_05	@03_23_13
valoração negativa da mulher	—	—	@03_23_13
igualdade de gênero	@01_23_01 @01_23_02 @01_23_03	—	—
abuso vs. poder econômico	—	@02_23_07	@03_23_13
empoderamento feminino	@01_23_01 @01_23_04	@02_23_08 @02_23_10 @02_23_11	—
objetificação da mulher	—	—	@03_23_18
sororidade	@01_23_01	@02_23_05 @02_23_06 @02_23_08 @02_23_09 @02_23_10 @02_23_12	@03_23_16 @03_23_17 @03_23_19 @03_23_20
indignação	—	@02_23_05 @02_23_06 @02_23_07 @02_23_08 @02_23_09 @02_23_11 @02_23_12	@03_23_14 @03_23_16 @03_23_17 @03_23_18 @03_23_19 @03_23_20

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no teor dos tuítes analisados

¹⁴ **Doxa** é uma palavra emprestada do grego e designa a opinião, a reputação, o que dizemos das coisas ou das pessoas, A doxa corresponde ao sentido comum, isto é, a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta (Charaudeau e Maingueneau, 2020, p. 176).

Dada a natureza dos enunciados aqui analisados, haja vista a iniciativa do enunciador em demarcar seu ponto de vista e posicionar-se quando colocado diante de fatos que redundam em práticas de machismo e de misoginia e levando em consideração o “falar de si” nas redes sociais a partir de uma circunstância social, com base no conceito de Freitas (2015) de “autoapresentação circunstancializada”, assumimos a tese de uma autoapresentação politizada, uma vez que, nos tuítes em questão, o sujeito, ao enunciar sobre algo, marca seu posicionamento sócio-histórico e ideológico, frente à realidade que o circunda.

Ao recorrer às redes sociais, o usuário intenta uma exibição do “eu” e não o faz apenas com o objetivo de construir uma imagem positiva e idealizada de si mesmo, mas sobretudo de dar visibilidade a uma condição opressora, no caso específico dos tuítes analisados, a de manifestar-se política e ideologicamente quanto às diversas formas de violência que contingenciam o feminino numa sociedade marcada pela ideologia patriarcal, assumindo uma nova postura frente a essa condição: a de buscar contrapor-se pelo projeto de autoapresentação, que denominamos de autoapresentação politizada.

O Quadro 3, elaborado a partir dos temas recorrentes nos enunciados marcados com as *hashtags* supracitadas, mostra o que os enunciadores reivindicam em suas falas quando se posicionam como sujeitos do discurso feminista e constroem seu projeto de autoapresentação politizada. Conforme o quadro, podemos perceber que os temas /indignação/ e /sororidade/ aparecem com destaque nos enunciados marcados com as *hashtags* #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo*; o tema /abuso vs. poder econômico/ é percebido também em postagens sob essas *hashtags* que denotam maior tensão na relação entre gêneros, a de sexualização do corpo feminino e o conseqüente abuso sexual.

A análise dos tuítes quanto aos seus temas pode evidenciar que, quando vítima de formas de violência que implicam exposição de nudes e prática de estupro, há mobilização mais intensa no X (Twitter) no sentido de oferecer apoio a essas mulheres e/ou de manifestar indignação frente a essas formas de violência que usurpam a dignidade da pessoa. Assim é o que percebemos nos tuítes deflagrados pelas *hashtags* #*exposedfortaleza* e #*estuproculposo*. Poderíamos afirmar que o tema /indignação/ recorrente nos tuítes assinalados com a *hashtag* #*estuproculposo* revela o “não-dito” da culpabilização feminina, sob o viés da ideologia do patriarcado?

Partimos do conjunto de temas descritos no quadro acima para então abordarmos as heterogeneidades enunciativas presentes nos tuítes deflagrados pelas *hashtags* em análise; uma vez evidenciadas as heterogeneidades, analisaremos a semântica discursiva percebida em nosso recorte para os tuítes de teor feminista. Na próxima seção, abordamos as

heterogeneidades no fio do discurso, visando a perceber como se dá o entrelaçamento de discursos em enunciados circunscritos no bojo do discurso feminista.

4.1 As heterogeneidades enunciativas no fio do discurso feminista

As práticas languageiras de que lançamos mão no cotidiano de nossas vivências enquanto sujeitos interpelados pela ideologia e, ao mesmo tempo constituídos por e constituintes da linguagem, colocam-nos numa “arena” em que os sentidos imanentes ao discurso, os embates ideológicos e o conflito de interesses típicos da luta de classes regulam os nossos ditos. Como se não o bastasse, os enunciados que produzimos são entrecortados por vozes que, ou trazemos do outro como estratégia de imprimir força ao nosso dizer ou de amenizar a nossa responsabilidade pelo que dizemos, ou ainda porque a ideologia atravessa a linguagem e ambas constituem o sujeito enunciativo.

Assim, dado que discurso algum pode pretender a homogeneidade, sendo a heterogeneidade a base de qualquer dizer, a partir de Ducrot (1987), de Authier-Revuz (2004) e de Maingueneau (1997, 2008, 2015), analisaremos os enunciados publicados no X (Twitter) sob as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*, buscando, através da análise descritiva, as heterogeneidades constituídas pelas “não-coincidências do dizer”, pelo discurso direto e indireto, pela alusão, pela polifonia enunciativa e pressuposição, pela ironia e sarcasmo.

Vimos que o tema sororidade está muito presente nos tuítes analisados. A *hashtag* *#contraomachismo* que reivindica o direito à mulher de ocupar as arquibancadas, assim como outros espaços da sociedade concebidos pelo patriarcado como da primazia do masculino, traz um lema que condensa a importância da rede de apoio ao coletivo de mulheres que também inaugura uma *hashtag* no X (Twitter): uma por todas e todas por uma.



Figura 2: Print de tuíte com *hashtag* #contraomachismo @01_23_01

O tuíte @01_23_01, Figura 2, postado pelo perfil Movimento Coralinas¹⁵, ao reforçar que “lugar de mulher é também na arquibancada” lança a campanha intitulada pela *hashtag* #UmaPorTodasTodasPorUma. As manifestações de apoio que atravessam os tuítes deflagrados pelas *hashtags* em tela podem, em síntese, ser ressignificadas pela mensagem que a foto-cartaz anexa ao tuíte @01_23_01 traz.

O enunciado principal do tuíte “Porque arquibancada é nosso lugar também” faz alusão à máxima “lugar de mulher é onde ela quiser” presente em nossa memória discursiva e deixa pressupor que *há outros lugares ocupados pelo feminino*. Esse pressuposto pode ser de confronto ou de aliança com o discurso do outro, a depender da ideia concebida para esses outros lugares (se o bar, se a cozinha).

¹⁵ O perfil Movimento Coralinas (@movcoralinas), que tem como símbolo uma cobra coral e denomina as integrantes de “mulheres corais”, ingressou no Twitter em agosto de 2016 e traz a seguinte descrição sobre seu perfil: “Coletivo de torcedoras do Santa Cruz FC/PE que defende a presença feminina nos estádios e combate o machismo, sobretudo no futebol.”

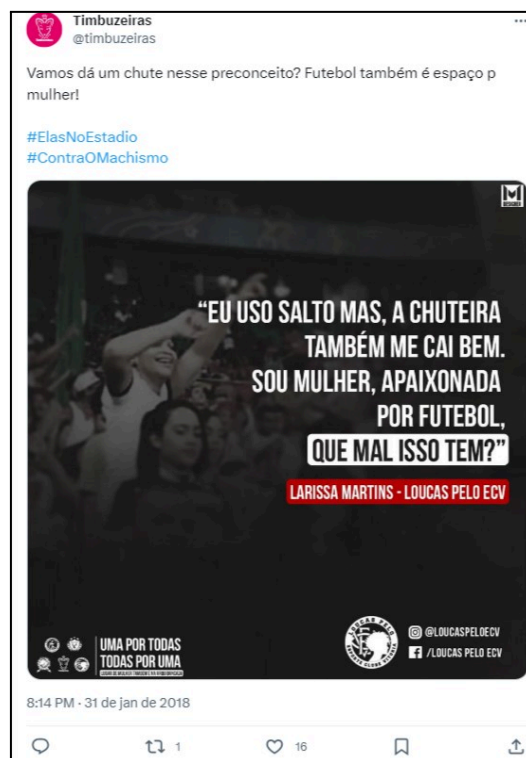


Figura 3: Print de tuíte com hashtag #contraomachismo @01_23_02

No enunciado principal do tuíte “Vamos dá um chute nesse preconceito? Futebol também é espaço p mulher” podemos pressupor *a existência de outros espaços femininos*. No enunciado inscrito na imagem em anexo “Eu uso salto mas, a chuteira também me cai bem. Sou mulher, apaixonada por futebol”, donde podemos destacar a pressuposição da pelo uso do conectivo “mas” em “Eu uso salto mas, a chuteira me cai bem”, em que vemos um exemplo da polifonia enunciativa sendo-nos possível perceber quatro enunciadores: E1 admite o uso de salto; E2 não vê problema em usar a chuteira; E3 é adepto do uso da chuteira; e E4, que se identifica com o uso de salto como uma concessão para também fazer uso de chuteira. Na interrogativa “Que mal isso tem?”, percebemos um simulacro do discurso do Outro, segundo o qual associar o gosto ao futebol à feminilidade seria um “mal”. O enunciador inicia sua fala reiterando que usa salto, que é mulher para então dizer que “a chuteira também lhe cai bem” e é apaixonada por futebol: ao apresentar esses enunciados implicados numa espécie de oposição, não estaria o enunciador validando esse Outro?

No tuíte, além da aproximação semântica sugerida pelos termos “vamos dar um chute” e “chuteira”, o enunciador aproxima sua identidade feminina com a paixão por futebol, para contrapor-se ao discurso machista de que futebol é coisa de macho, finalizando sua fala com a indagação: “que mal isso tem?” destinada a esse coenunciador virtual masculino. No entanto,

seria possível entrever um discurso de aliança com o discurso machista quando, para fazer uso da chuteira, o enunciador faz uma concessão, a de usar salto? A presença de “já-ditos” num embate apenas sugerido nas lacunas do discurso sugere uma fala que, ao mesmo tempo que se contrapõe ao discurso do outro, parece querer estabelecer uma negociação com esse coenunciador masculino, a partir de uma concessão.

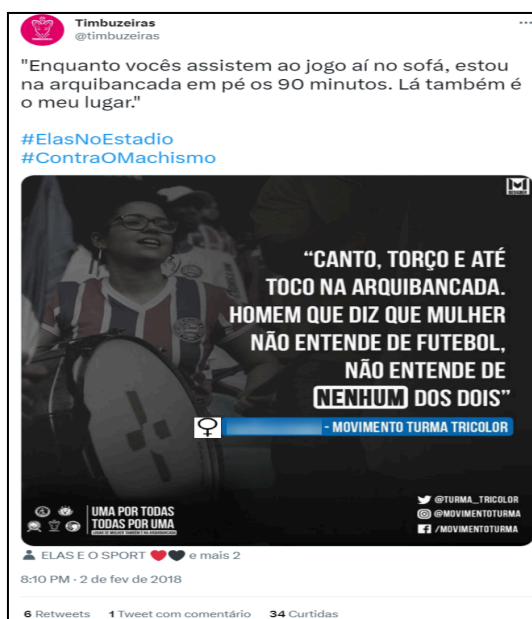


Figura 4: Print de tuíte com hashtag #contraomachismo @01_23_03

Analisemos, então, a postagem @01_23_03, Figura 4, que apresenta dois enunciados: um no corpo da postagem e, outro, na imagem em anexo. O enunciado colocado entre aspas indica a citação de uma fala atribuída a um coenunciador possivelmente virtual, ou seja, o público feminino que vai ao estádio: “Enquanto vocês assistem ao jogo aí no sofá, estou na arquibancada em pé os 90 minutos. Lá também é o meu lugar”. O enunciado apresenta espaços hierarquizados: o sofá, enquanto espaço menor que representa o espaço doméstico e, a arquibancada, representativo do espaço maior, ocupado pela mulher liberada. Vejamos que o espaço doméstico, representado pelo sofá é depreciado por um enunciador feminino que, ao tentar contrapor-se ao discurso machista, valida alguns “já-ditos” desse discurso. Observemos também que a referência a quem assiste o jogo no sofá (o masculino) em contraponto a quem assiste em pé na arquibancada (o feminino) sugere a desconstrução de uma doxa machista que expõe o feminino a uma valoração negativa: o *status* de “sexo frágil” conferido à mulher.

O enunciado entre aspas reporta-se ao discurso do Outro (heterogeneidade mostrada marcada) atribuindo parte da fala a um coenunciador (o homem) e apresenta como temas: a

valoração negativa do Outro (masculino) – o homem que diz que mulher não entende de futebol, não entende nem de mulher, nem de futebol; o empoderamento feminino – a mulher pode, sim, entender de futebol; e, o sentimento de liberdade – a arquibancada enquanto espaço que extrapola os limites do lar, da cozinha. Ao mesmo tempo, no enunciado “Lá também é o meu lugar” há outras observações a se fazer: i) um pressuposto de que *há outros espaços que são lugar de mulher*; ii) o advérbio “lá” tomando como referência o lugar em que se encontra o enunciador parece significar outro espaço que não a arquibancada: que espaço seria esse? iii) a máxima feminista a que se faz alusão “lugar de mulher é onde ela quiser” é evocada pela memória discursiva no enunciado-corpo da postagem em “Lá também é o meu lugar!”, que reforça a ideia de liberdade feminina e desconstrói conceitos misóginos de que há espaços restritos, exclusivos ao homem, e que, por esta razão, não deveriam ser frequentados pela mulher que supostamente queira atender ao padrão de recatada e do lar.

No enunciado inserido na imagem anexa ao tuíte “Canto, torço e até toco na arquibancada. Homem que diz que mulher não entende de futebol não entende de nenhum dos dois”, temos pressuposição em “Canto, torço e até toco na arquibancada” pressupondo que *tocar está numa hierarquia mais complexa ou de uma ação não performatizada pelo feminino, conforme as expectativas do coenunciador*. Como vemos, ambos os enunciados são modelizados pela doxa machista e elaborados com base em outras doxas patriarcais. Também é importante percebermos uma espécie de heterogeneidade mostrada marcada pelo uso de uma outra *hashtag* – #ElasNoEstadio – associada à *hashtag* #contraomachismo.



Figura 5: Print de tuíte com hashtag #contraomachismo @01_23_04

No tuíte @01_23_04, representado pela Figura 5, o perfil *Info Bahêa* retuitou um outro tuíte publicado pelo perfil *Tricoloucas*. No enunciado do tuíte “Por mais ‘Júlias’ nos estádios da Bahia, Brasil e mundo” percebemos uma citação do prenome “Júlias” que o enunciador atribui a uma outra fonte enunciativa: o enunciado da imagem anexa ao retuíte, atribuída a uma torcedora identificada como Júlia Fraga, membro de uma torcida organizada, evocando de forma apelativa a presença feminina nos estádios de modo a estabelecer um confronto com o discurso machista. No enunciado podemos perceber: i) um pressuposto dado pelo termo mais em “Por mais ‘Júlias’ nos estádios” pressupondo que *faz-se necessário que mais mulheres frequentem os estádios de futebol*; ii) o nome próprio “Júlias” representa metonimicamente as mulheres, e pode ser evidenciado como uma não coincidência do dizer pelo sentido metafórico que assume.

Seguindo em nossa análise, nosso foco volta-se agora para os enunciados do retuíte: parte do enunciado é colocado entre aspas “Você gosta de futebol mesmo? O que é impedimento então?”, atribuindo essa fala a um coenunciador masculino - discurso citado. Por ser senso comum a dificuldade de entender a “regra do impedimento” no futebol, o coenunciador dirige esse questionamento a uma suposta figura feminina, deixando entrever a ideia pressuposta por ele de incapacidade por parte da mulher de entender a dinâmica que determina a aplicação dessa regra.

Em seguida, temos o enunciado “Se você é mulher, COM CERTEZA já ouviu isso. Estamos aqui pelo nosso time e não pra tá provando pra ninguém que merecemos estar. Não vamos parar!”, em que é visível um distanciamento inicial do enunciador com relação à sua identidade “Se você é mulher” vindo, logo a seguir, a identificar-se com o feminino “Estamos aqui pelo nosso time” e depois performatizando um envolvimento maior com a causa feminista em “Não vamos parar!”.

Ainda sobre esse retuíte, a foto-cartaz traz a fala de uma mulher, identificada como Júlia Fraga, torcedora do Esporte Clube Bahia e integrante da torcida organizada Tricoloucas¹⁶: “Sou mulher, gosto de futebol e **não** vou te explicar a regra do impedimento”, acerca do qual consideremos: i) o uso da vírgula em “Sou mulher, gosto de futebol” parece denotar aproximação entre duas ideias tomadas como opostas, o que reforçaria a doxa machista de que *ser mulher* e *gostar de futebol* são conceitos díspares; ii) em “e **não** vou te explicar a regra do impedimento” faz referência ao enunciado-corpo do retuíte atribuído a um coenunciador masculino que traz a seguinte interrogação “O que é impedimento então?” pressupondo uma resposta a ser dada por um coenunciador feminino e cuja resposta é formulada numa negativa. A respeito desse enunciado formulado com a negativa “e **não** vou te explicar a regra do impedimento”, temos mais duas observações a fazer: percebemos opacidade no uso do termo “regra do impedimento”, a partir do qual podemos levantar a seguinte pergunta: estaria o enunciador questionando qual a regra do impedimento para que mulheres não gostem de futebol ou não ocupem os estádios e, neste caso, não teria explicação alguma a ser dada, daí a negação? Caso não tenha sido esta a interpretação pretendida pelo enunciador, então tal enunciado constitui um exemplo de sarcasmo, em que se ridiculariza o coenunciador frustrando suas expectativas e pressupondo, ao mesmo tempo, que *não é necessário saber explicar a regra do impedimento para provar que se gosta de futebol*.

¹⁶ O perfil da página *Tricoloucas* X (Twitter) apresenta a seguinte descrição no perfil: “Somos torcedoras apaixonadas pelo Esporte Clube Bahia, 1º campeão do Brasil, bi nacional e maior do Norte/Nordeste. Uma por todas, todas pelo Bahêa!”

Assim, parece-nos nítida a ideia de que os enunciados que compõem o tuíte em questão estabelecem uma espécie de confronto com o discurso machista.

Uma vez analisados os tuítes deflagrados pela *hashtag* #*contraomachismo*, analisaremos então os tuítes deflagrados pela *hashtag* #*exposedfortaleza*.

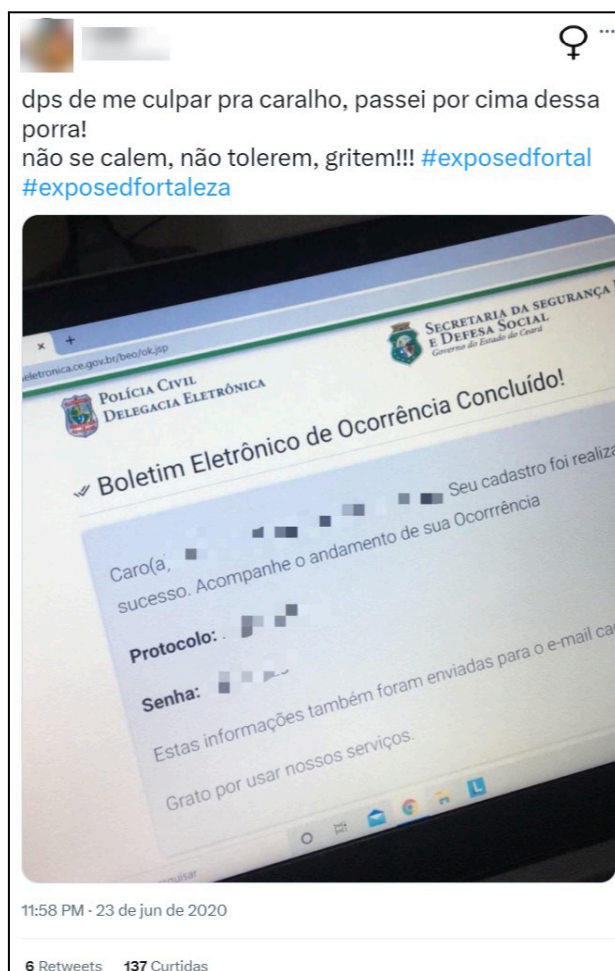


Figura 6: Print de tuíte com *hashtag* #*exposedfortaleza* @02_23_05

A ideia de culpabilização da vítima está cristalizada entre homens e mulheres dominados pela ideologia patriarcal, de tal forma que, quando alguma mulher sofre algum tipo de violência sexual, ela inflige a si mesma a responsabilidade pelo ato ao mesmo tempo em que se condena, antes que a sociedade a condene ou para que não seja também condenada pela sociedade, a viver na invisibilidade a dor da violência misturada ao sentimento de culpa. O relato trazido pelo enunciado @02_23_05, Figura 6, evidencia que a dor é dupla: é pela violência sofrida mas também pela culpa auto infligida. No enunciado “dps de me culpar pra caralho, passei por cima dessa porra”, o termo “dessa porra” é opacificante dado seu valor metafórico: “porra” pode significar ou a experiência traumática do estupro ou o sentimento de

culpa que atinge a vítima. Em seguida, o enunciador faz um apelo ao público feminino numa escala de gradação entre “não calar” e “gritar”: “não se calem, não tolerem, gritem!!!”, em que a presença do termo de negação “não” pressupõe que *as mulheres calam diante da agressão sofrida, toleram a dor da violência, caladas*.

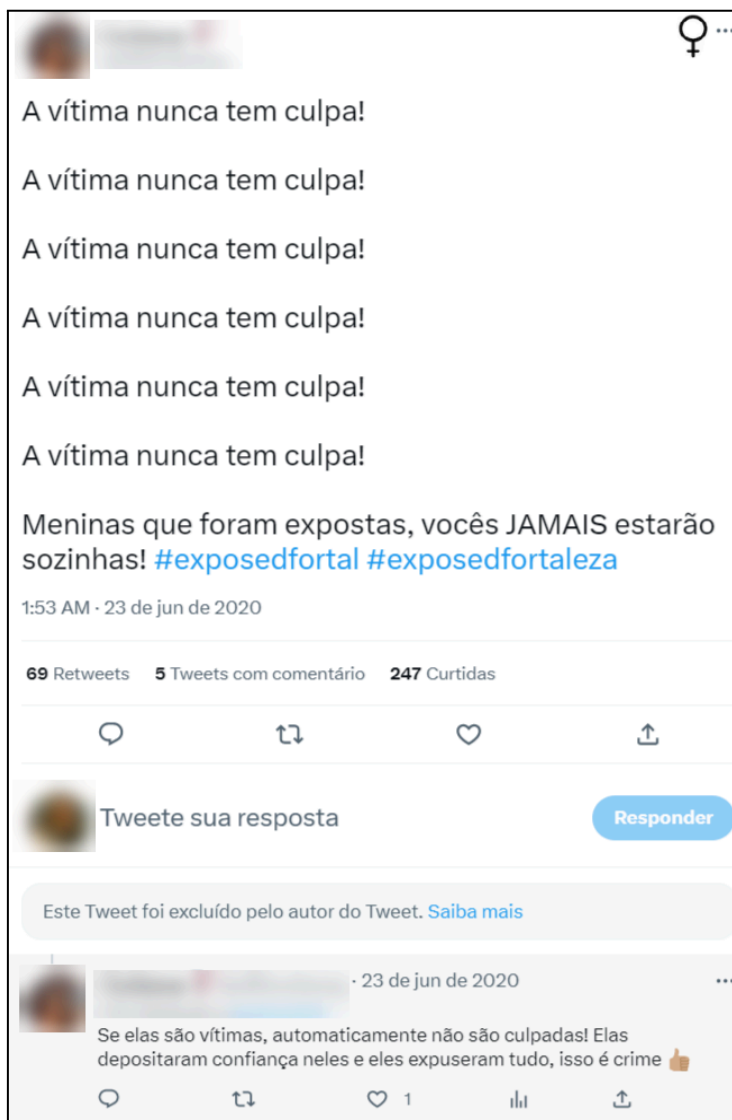


Figura 7: Print de tuíte com hashtag #exposedfortaleza @02_23_06

Na postagem acima, no enunciado @02_23_06, Figura 7, com relação à repetição insistente da ideia “A vítima nunca tem culpa”, percebemos a presença do discurso do Outro em que: i) o termo “nunca” como negação traz a pressuposição de um já-dito, o de que *a mulher, vítima de violência, é culpada pelo abuso sofrido*; ii) a repetição reiterada do enunciado deixa implícita a ideia de que há discursos contrários sendo repetidos para justificar a prática de violência por homens e, por outro lado, desabonar a vítima. Ao finalizar a

postagem com a fala “Meninas que foram expostas, vocês JAMAIS estarão sozinhas!”, o uso da negação “JAMAIS” também pressupõe um já-dito: *mulheres, vítimas de violência, abandonadas à sua dor* e, pelo fato de o enunciador identificar-se com o posicionamento negativo, ele apresenta apoio às vítimas, performatizando uma atitude de sororidade. Como há limitação de caracteres no X (Twitter), o enunciador dá continuidade ao seu raciocínio nos comentários “Se elas são vítimas, automaticamente não são culpadas! Elas depositaram confiança neles e eles expuseram tudo, isso é crime”, em que ser vítima pressupõe *não ser culpada*, ideia reforçada de forma redundante pelo enunciador que reformula seu dizer de uma outra forma - não-coincidência do dizer - insistindo na ideia de desmistificar todo e qualquer discurso que culpabiliza a vítima diante de qualquer violência que porventura lhe seja infligida e denota o quão necessário é insistir nessa ideia.

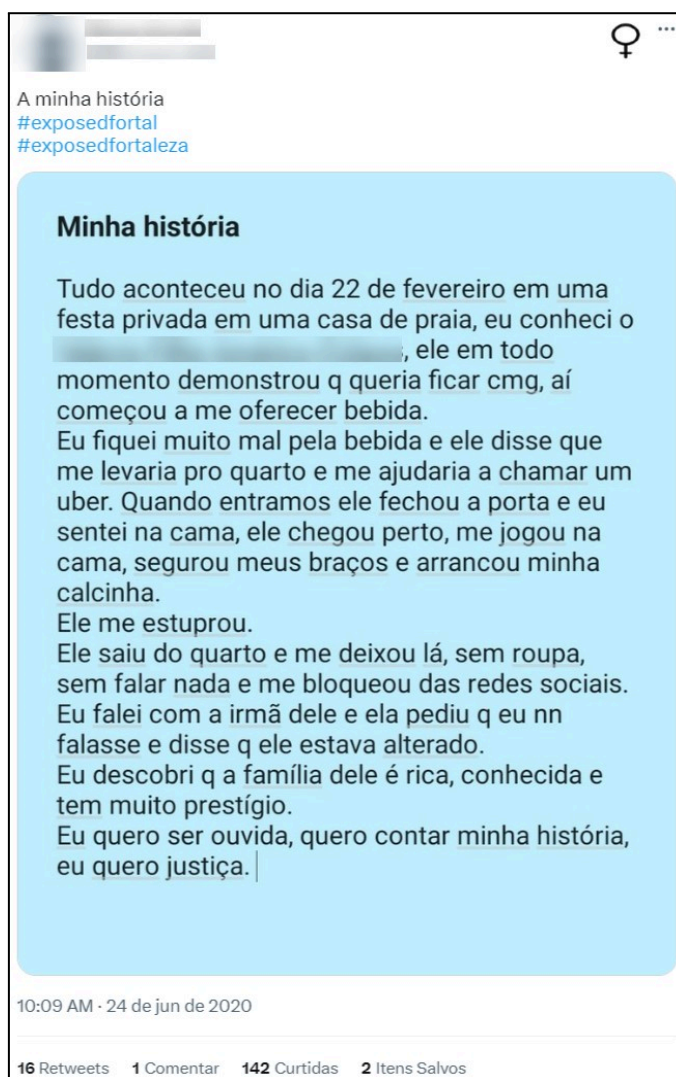


Figura 8: Print de tuité com hashtag #exposedfortaleza @02_23_07

As ideias pré-concebidas pela ideologia patriarcal que culminam com a prática do estupro aparecem de forma explícita na narrativa acima anexa ao tuíte @02_23_07, Figura 8, em que a autora assume como “Minha história”. Pelo relato, fica visível o contexto em que a vítima de estupro é inserida: a ida a uma festa privada numa casa de praia, a promessa de ficarem juntos, a oferta de bebida alcóolica, a vulnerabilidade da vítima provocada pelo consumo de álcool, a ida para o quarto, a prática do abuso sexual. Depois da violência praticada, a vítima é abandonada sozinha no quarto, “bloqueada” de todas as possibilidades de comunicação com o agressor, ameaçada pelos familiares do agressor, construindo, assim, o contexto favorável para o silenciamento da vítima, considerando que a diferença de classe social, neste caso, também o favorece. Temos a ocorrência de discurso indireto em “Eu falei com a irmã dele e ela pediu q eu nn falasse nada e disse q ele estava alterado”; nesse trecho, percebemos a tentativa da vítima em falar sua dor e a tentativa de calarem-na. Ao concluir o seu relato, a vítima ressalta que seu desejo é que seja ouvida e que o fato não fique impune: “Eu quero ser ouvida, quero contar a minha história, eu quero justiça!”, uma vez que o silenciamento provoca a invisibilidade do problema e induz à impunidade do agressor.

O apelo feito pela vítima no tuíte @02_23_07 de querer “ser ouvida” e que se faça justiça não é uma prática comumente adotada por mulheres vítimas de violência, tendo em vista o fato de geralmente essas mulheres serem culpabilizadas pela agressão sofrida. Outro fator que age para o “silenciamento” dessas mulheres é o ideário machista de “mulher recatada” visado pela sociedade para o casamento.



Figura 9: Print de tuíte com hashtag #exposedfortaleza @02_23_08

Essa rede de apoio, em que mulheres vítimas de violência de gênero se inscrevem para denunciar seu agressor e dar visibilidade à sua dor, manifesta-se pela alegria de um

enunciador em perceber isso como algo muito positivo. No tuíte @02_23_08, Figura 9, o enunciador posiciona-se envolto a uma mistura de sentimentos antagônicos: de alegria, por ver o coletivo de mulheres reagindo contra o outro do opressor masculino, e de tristeza, por saber que muitas ainda suportam caladas; em seguida, ele finaliza sua fala desejando “Força” para todas. O enunciado “Força” faz alusão, em nossa memória discursiva, à solidariedade dirigida a outrem que enfrenta um momento de dor causada pela perda de algo/alguém.



Figura 10: Print de tuíte com *hashtag* #exposedfortaleza @02_23_09

Vemos, no enunciado corpo do tuíte @02_23_09, Figura 10, um enunciado elaborado para reafirmar a ideia de que a denúncia do agressor seja pela vítima seja por terceiros é, antes de tudo, para proteger a vítima, não importando a preservação da integridade do agressor. Temos a citação do comentário de um outro usuário da rede social como estratégia argumentativa para a defesa de um posicionamento contrário. Ao utilizar o mecanismo da citação, o tuíte revela a forma como a misoginia concebida sob o arcabouço do patriarcado assume uma inversão de valores para satisfazer os interesses do machismo estrutural: admitir/minimizar o abuso/a violência praticada contra a mulher e a exposição da dignidade feminina em detrimento da preservação da integridade moral masculina, vez que a imagem do masculino idealizada como sinônimo de perfeição deve ser mantida “intocável”.

Apesar da existência de uma rede de apoio que se construiu no X (Twitter) quando da exposição de relatos pessoais de mulheres vítimas de violência por parte do masculino,

observa-se também a manifestação de mulheres posicionando-se contra as vítimas como estratégia para não expor o agressor e numa tentativa de reforçar a culpa da vítima pela iniciativa de denunciar o seu agressor. No enunciado @02_23_09, o enunciador, a partir de um comentário de um perfil feminino sobre a exposição de nudes no *whatsapp*: “deveria ter postado isso qnd aconteceu e não agora, fica se aproveitando de algo que não tem nd haver”, para condenar a atitude da vítima em denunciar seu suposto agressor. Vemos no comentário depreciativo a valoração negativa do feminino “fica se aproveitando de algo que não tem nd haver”, pressupondo que *mulheres de estrato social mais desfavorecido se beneficiam de práticas sexuais com homens de estrato social mais elevado*; a partir desse pressuposto, a prática de abuso sexual de rapazes de estrato social mais elevado para com moças de uma classe socialmente desfavorecida é legitimada sob a ótica patriarcal que atavessa o posicionamento não só de homens mas também de mulheres.

O tuíte em questão reporta-se a esse comentário postado em outro perfil e retuitado de modo a respondê-lo: “Ela não tá se aproveitando de nada dessa situação” em que o termo “não” pressupõe a existência de uma acusação *a vítima estaria se aproveitando da situação*, sob a alegação de que ela deveria ter denunciado a agressão quando o fato aconteceu.

Percebemos que, em boa parte dos tuítes assinalados com a *hashtag #exposedfortaleza*, os enunciadores, em sua autoapresentação politizada, defendem a importância da vítima não se calar mediante a violência sofrida. Assim, em suas falas duas ideias antagônicas são pautadas: entre o calar (“não se calem” (Fig. 6) , “ela pediu q eu nn falasse” (Fig. 8), “quantas aguentam tudo isso caladas por tanto tempo ” (Fig. 9), “ela passou esse tempo todo com medo de postar” (Fig. 10)) e o falar (“gritem!!!” (Fig. 6) , “Eu quero ser ouvida, quero contar a minha história” (Fig. 8), “meninas/mulheres se organizando pra denunciar a violência” (Fig. 9), “só agr ela teve coragem de expor o menino” (Fig. 10)).

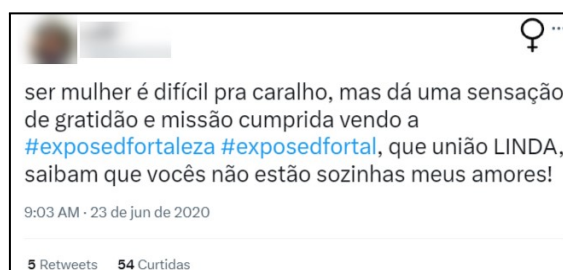


Figura 11: Print de tuíte com *hashtag #exposedfortaleza* @02_23_10

O tuíte @02_23_10, Figura 11, também valida a resposta dada nas redes sociais em contraponto à cultura machista de legitimação da violência contra a mulher. Tal validação é

feita pelo enunciador evocando o sentimento de gratidão por ver essa “união LINDA” do coletivo de mulheres ao tempo em que reforça o apoio a essa rede de manifestações (sororidade): “ser mulher é difícil pra caralho, mas dá uma sensação de gratidão e de missão cumprida vendo a *#exposedfortaleza #exposedfortal*”, percebemos não-ditos marcados pelo conectivo “mas” que marca a polifonia enunciativa e que demarcam os seguintes enunciadores: E1 concorda que é difícil ser mulher numa sociedade marcada pelo patriarcado; E2 sente-se grato por ver a união do coletivo de mulheres agenciada pelas *hashtags #exposedfortal e #exposedfortaleza*; E3, apesar de reconhecer a dificuldade em ser mulher, orgulha-se pela coragem em organizar-se pela causa feminina; E4 identifica-se com o feminino pela sensação de gratidão e de missão cumprida.

Em “saibam que vocês não estão sozinhas meus amores!”, o locutor (L) expressa sororidade e manifesta seu apoio, além de demonstrar engajamento e comprometimento com a causa feminista, o que fica evidente pelo uso das expressões “missão cumprida”, “união LINDA” e “meus amores”.

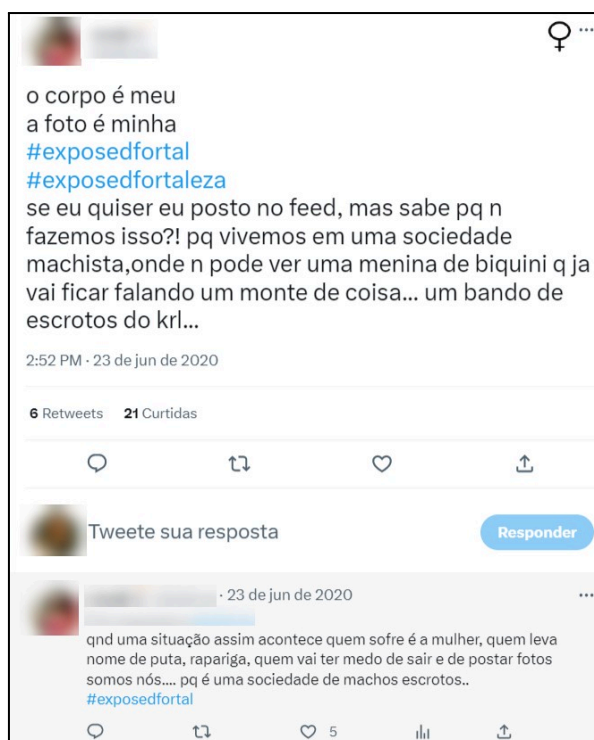


Figura 12: Print de tuíte com *hashtag #exposedfortaleza* @02_23_11

Diante da violência simbólica a que a mulher está exposta numa sociedade regida pela ótica patriarcal, como resposta o discurso feminista cunhou algumas máximas a exemplo de “meu corpo, minhas regras”. O tuíte @02_23_11, Figura 12, evoca na memória discursiva

essa máxima ao enunciar “o corpo é meu, a foto é minha”, em que o uso do possessivo “meu/minha” pressupõe que *há um terceiro que quer apropriar-se do que é meu/minha*. Depois das *hashtags* citadas no enunciado, temos “se eu quiser posto no feed mas sabe pq n fazemos isso?! pq vivemos em uma sociedade machista, onde n pode ver uma menina de biquini que ja vai ficar falando um monte de coisas...”. Percebemos os contingenciamentos impostos ao feminino pela ideologia patriarcal: o dilema entre expor-se e não fazê-lo, seja pelo medo da difamação do outro provocada pelo ideário machista de mulher “recatada”, seja pela objetificação/sexualização do corpo feminino.

A autora deste tuíte dá prosseguimento ao seu pensamento no comentário: “qnd uma situação assim acontece quem sofre é a mulher, quem leva nome de puta, rapariga, quem vai ter medo de sair e de postar fotos somos nós, pr é uma sociedade de machos escrotos...”, em que se se reitera o medo da difamação do outro. No trecho “quem leva nome de puta, rapariga” há uma referência ao discurso do outro: percebemos um confronto com um já-dito machista. No entanto, percebemos a existência marcada de dois enunciadores: E1, que não se deixa ser contingenciado pela ideologia machista “a foto é minha, o corpo é meu [...] se eu quiser posto no feed”; e E2, que diante do medo de sofrer algum tipo de depreciação do outro, deixa contingenciar-se, preferindo não postar nada para não se expor”. Enquanto E2 procura acomodar-se à estrutura vigente do machismo, E1 assume o perfil de mulher liberada, não permitindo que seu comportamento seja performatizado conforme o ideário machista.

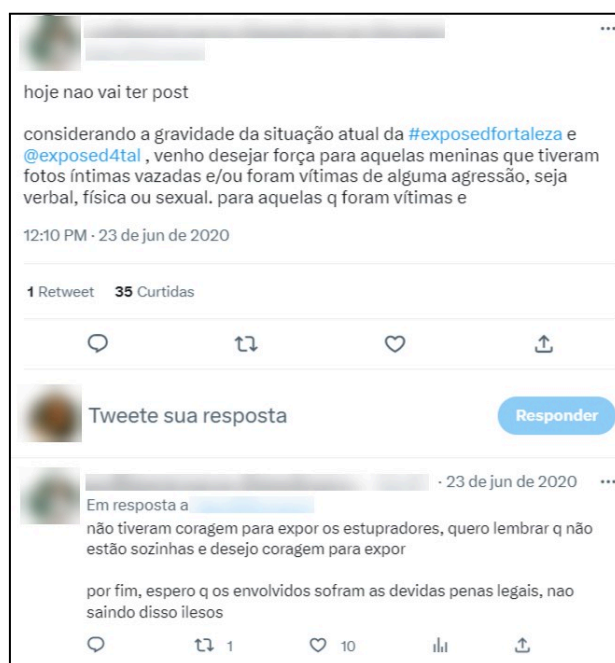


Figura 13: Print de tuíte com *hashtag* #exposedfortaleza @02_23_12

No tuíte @02_23_12, Figura 13, o enunciador, ao fazer uso da expressão inicial “hoje não vai ter post”, solidariza-se com os coenunciadores dos tuítes assinalados com a *hashtag* #*exposedfortaleza* para motivar essas mulheres a denunciarem os abusos praticados contra elas, desejando “coragem para expor os agressores” e ressaltando que elas “não estão sozinhas”. A expressão “hoje não vai ter post” evidencia uma não-coincidência interlocutiva em que “não ter post” é ressignificado por *ter post mas não sobre o que costuma ser tratado pelo perfil*, trazendo, na data do post, uma abordagem temática diferente. Esse discurso assumido pelo enunciador do tuíte justifica-se pela previsão da existência do contradiscurso do silenciamento e, por conseguinte, da invisibilidade de parte do problema, implicando a impunidade dos agressores. Além do apoio evidenciado no tuíte “venho desejar força para aquelas meninas que tiveram fotos nudes vazadas e/ou que foram vítimas de alguma agressão”, quando se dirige a um coenunciador contemplado pela *hashtag* em questão, o autor do tuíte manifesta também uma expectativa, dirigindo-se então a um outro coenunciador, agora aquelas mulheres vítimas de estupro mas que não tiveram coragem de expor-se: “aquelas q foram vítimas e não tiveram coragem de expor os estupradores”, a este coenunciador ele deseja coragem para expor-se e denunciar a violência sofrida, justificando ser necessário a exposição para que os agressores sejam devidamente punidos.

A seguir, analisamos os tuítes deflagrados pela *hashtag* #*estuproculposo*.



Figura 14: Print de tuíte com hashtag #estuproculposo @03_23_13

No tuíte @03_23_13, Figura 14, marcada pela hashtag #estuproculposo, apresenta em anexo um esquema que faz alusão a vários já-ditos da doxa machista, concebida pelo patriarcado. A forma como esses já-ditos são organizados no espaço visual conduz o olhar do coenunciador para o desfecho que está posto ao Outro feminino pelo masculino como única alternativa possível, a do estupro, haja vista que o patriarcado concebe a ideologia de que hierarquicamente os interesses do homem sobrepõem-se aos da mulher.

De acordo com a imagem, há várias justificativas que reforçam a culpabilização feminina diante de qualquer situação provocadora da prática de estupro, estando a mulher sóbria, bêbada ou dormindo. No esquema contendo vários já-ditos da doxa machista, concebida pelo patriarcado, podemos perceber nos enunciados que fecham o esquema a citação (entre aspas) de um enunciado proferido pelo Outro do discurso como estratégia argumentativa para reforçar a conclusão a que se pretende chegar: “É ESTUPRO, mas é minha esposa/namorada” ou “É ESTUPRO, mas foi só um boquete/punheta/siririca”. O termo “mas” apresenta um “já-dito” do discurso machista e, a partir dele, podemos perceber os

seguintes enunciadores: E1 admite que a prática sexual é estupro; E2 justifica a prática apresentando uma situação que não o desabona; E3 concebe a prática sexual como sendo não estupro; E4 é adepto da prática sexual nestas condições, sem a necessidade de permissão da mulher.

Na parte inferior do esquema reproduzido em duas colunas, há um enunciado transcrito de modo a sugerir a imagem de um carimbo que diz: “parabéns você não está cometendo um crime”, em que observamos: i) uma alusão irônica ao suposto veredicto do juiz em absolver o réu; ii) o tom sarcástico ao criticar o posicionamento institucional do Poder Judiciário, performatizado pela conotação burocrática de um carimbo. Portanto, correlacionar os enunciados sugeridos pelo esquema representado com as falas do cotidiano (re)produzidas por homens e mulheres dominados pela ideologia machista em situações de estupro, quando se atribui culpa à vítima, em enunciados que responsabilizam a mulher seja pela vestimenta usada seja pelo lugar frequentado, amenizando assim a gravidade do crime praticado e legitimando esse tipo de violência contra a mulher. Os argumentos em desfavor da vítima construídos em torno da violência praticada contra a mulher é sobremaneira um dos fatores que tem contribuído para a banalização de todas as formas de violência de gênero, dentre elas o estupro e o feminicídio.

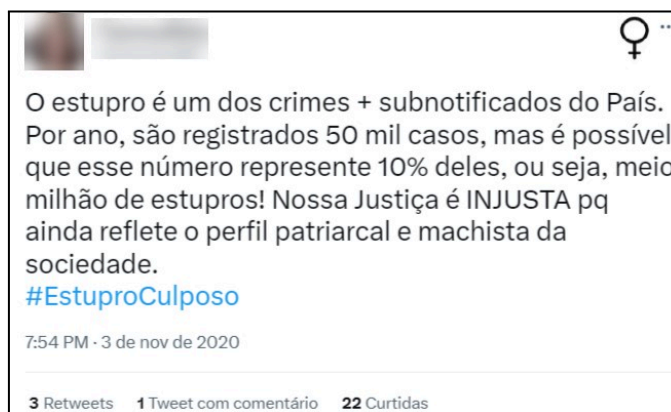


Figura 15: Print de tuíte com *hashtag* #estuproculposo @03_23_14

No tuíte @03_23_14, Figura 15, o enunciador apresenta uma estatística preocupante por duas razões: i) o aumento do número de casos de estupro notificados; ii) a subnotificação de aproximadamente 90% dos casos. Em “O estupro é um dos crimes + subnotificados do País” podemos pressupor que *há crimes de estupro que não são notificados* e em “Por ano, são registrados 50 mil casos, mas é possível que esse número represente 10% deles” temos os

seguintes enunciadores: E1 informa a estatística de 50 mil casos de estupro registrados anualmente; E2 ressalta que há a possibilidade de que esse número represente somente 10% dos casos; E3 concorda com uma subnotificação dos casos de estupro. Em seguida temos um caso de “não-coincidência do dizer” em três planos: “50 mil casos [de estupro] notificados” retomado pelo valor de “10% deles [dos casos de estupro]” e, por fim, o termo explicativo “ou seja” introduz “meio milhão de estupros”. Temos aqui uma não-coincidência interlocutiva evidenciada pelo uso da expressão “ou seja”, em que o enunciador reelabora o seu dizer de uma outra forma. Esse movimento de fornecer uma informação com números absolutos, depois números percentuais e, em seguida, o valor absoluto final revelaria uma estratégia argumentativa do enunciador em dar a exata dimensão do problema? O que sabemos pelo conjunto do enunciado é que essa estatística é reveladora do quão distante a sociedade está de se alcançar uma relação entre gêneros mais equânime em virtude da ausência de aparatos sociais e equipamentos públicos que acolham a dor feminina e forneçam as condições necessárias para que as meninas e as mulheres sintam-se de fato asseguradas para notificar os casos de violência sexual de que são vítimas.

A aproximação dos termos “Justiça” e “INJUSTA” é reveladora do paradoxo social em que vivemos: teríamos, neste caso, uma forma de não-coincidência do dizer ao aproximar semanticamente duas ideias que se excluem?



Figura 16: Print de tuitte com *hashtag* #estuproculposo @03_23_15

Entre as postagens publicadas no X (Twitter), deflagradas por alguma *hashtag* de cunho feminista, é recorrente a ideia de sororidade sugerindo uma rede de apoio entre mulheres. Isso ocorre principalmente quando essa *hashtag* é motivada pelo crime de abuso ou por alguma violência infligida ao feminino sob o ideário machista e misógino sintomático do patriarcado. A rede de apoio que se estabelece evoca enunciados armazenados em nossa memória discursiva, enunciados assumidos por alguma figura masculina ou reproduzidos por mulheres que educaram meninas e meninos, inculcando-lhes o protótipo do “macho” ideal ou da mulher perfeita. Assim, o sentimento de sororidade, talvez fruto do sentimento de indignação perante os casos de violência contra a mulher, é perceptível nos enunciados que agenciam posicionamentos feministas sob alguma *hashtag*.

No entanto, há usuários que, por não concordar com o posicionamento evidenciado por alguma *hashtag*, utilizam-se dessa mesma *hashtag* para posicionar-se contrário, expondo-se ideologicamente numa autoapresentação politizada, como é o caso da maior parte dos tuítes aqui analisados. O Movimento Red Pill posiciona-se nas redes sociais imprimindo um posicionamento masculinista de modo a confrontar o movimento feminista. O perfil *Homem Red Pill* é o autor do tuíte @03_23_15, Figura 16, e podemos ver o discurso de ódio evidenciado pelo sarcasmo e por uma não-coincidência do dizer em “Estupro culposo não existe, mas sexo que você não gostou e decidiu chamar de estupro meia década depois quando o cara ganhou fama e dinheiro existe, né?”. O tom sarcástico fica evidente no deboche que se faz da vítima de estupro sugerindo que “estupro culposo” é, na visão do enunciador, “sexo que você não gostou e decidiu chamar de estupro” - não-coincidência do discurso com ele mesmo, atravessado por um posicionamento de teor machista. Ao final, percebemos uma tensão maior impressa no enunciado quando se busca a adesão do coenunciador feminino ao seu posicionamento pelo uso do “né” seguido da interrogação.



Figura 17: Print de tuíte com hashtag #estuproculposo @03_23_16

O tuíte @03_23_16, Figura 17, tem no enunciado uma não-coincidência do discurso em que o enunciador propõe o não-uso do termo “estupro culposo” por ele não constar nos autos do processo e ser resultante de um processo de inferência. A não-coincidência do dizer pode ser evidenciada no uso da metáfora “para o tiro não sair pela culatra”, tornando opacificante o sentido pretendido pela metáfora. Esse é um dos tuítes em que o enunciado principal estende-se nos comentários quando o autor dá prosseguimento à sua autoapresentação politizada. No final do enunciado-corpo da postagem, o autor faz o seguinte questionamento: “A absolvição é por ‘falta de provas’, não queremos criar uma nova tese, ilegal e perigosa, né?”. Há no tuíte uma referência a dois outros enunciados: o do veredicto do magistrado que justifica a absolvição do réu alegando ausência de provas sobre a vulnerabilidade da vítima e ao enunciado feito pelo site The Intercept Brasil que cunhou o termo “estupro culposo” com base na sentença dada pelo juiz.

No fio que segue no comentário, o enunciador acrescenta que “O caso de Mariana é + um que descredibiliza a palavra (e o passado) da vítima. Expõe, humilha, envergonha, revitimiza. Um advogado que diz ‘jamais teria uma filha do seu nível’ e chama choro de ‘lágrimas de crocodilo’, sem que o juiz interfira. É disso que precisamos falar”, temos ocorrência do discurso direto - “jamais teria uma filha do seu nível” e “lágrimas de crocodilo”

- em que o dizer do outro é inserido pelo enunciador em seu dizer faz menção às palavras do outro tal como foram ditas.

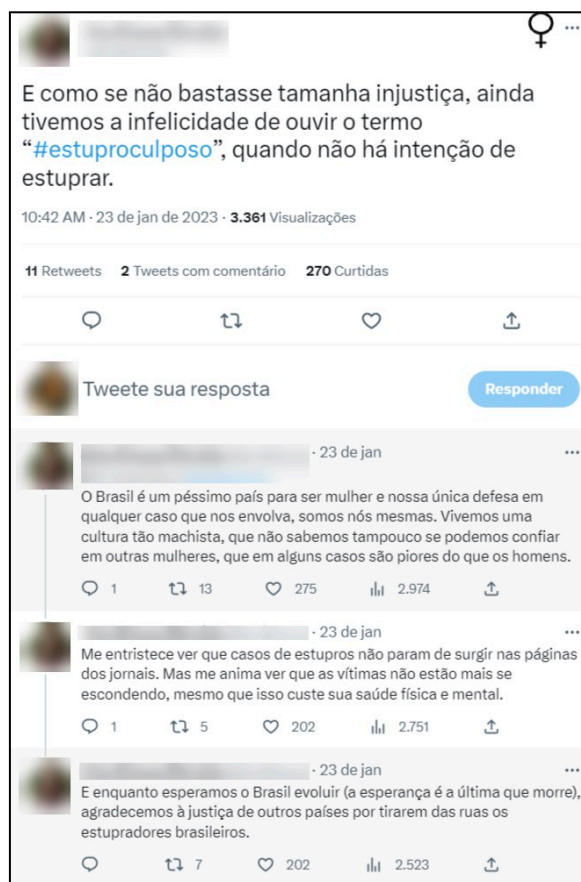


Figura 18: Print de tuíte com *hashtag* #estuproculposo @03_23_17

No tuíte @03_23_17, Figura 18, percebemos um tom de indignação por parte do usuário em virtude da ocorrência de fatos absurdos como o de um profissional vinculado ao Poder Judiciário proferir sentença favorável ao agressor, em um caso evidenciado por provas materiais da ocorrência de estupro. O enunciado se inicia no corpo da postagem e se prolonga nos comentários dada a limitação de caracteres típica do X (Twitter), em que vemos ecoar uma voz que expressa sororidade misturada à indignação. O sujeito, ao expressar indignação “E como se não bastasse tamanha injustiça, ainda tivemos a infelicidade de ouvir o termo #estuproculposo, quando não há intenção de estuprar”, remete ao discurso do outro fazendo alusão também ao veredicto do juiz, na *hashtag* #estuproculposo. Percebemos nesse enunciado uma espécie de metaenunciação ao reportar-se à sinonímia do termo “estupro culposo” explicando-a “quando não há intenção de estuprar”. Podemos perceber ainda uma

espécie de sarcasmo quando o enunciador se utiliza da estratégia de explicar o sentido do termo, imprimindo um tom crítico.

No fio que se segue nos comentários, o enunciador posiciona-se quanto ao fato de o Brasil ainda ser um país de cultura machista e as mulheres sofrerem as consequências disso, a tal ponto que o grau de confiança recíproca entre mulheres é fragilizado pela influência da cultura patriarcal. Há polifonia enunciativa no trecho: “Me entristece ver que casos de estupro não param de surgir nas páginas dos jornais. Mas me anima ver que as vítimas não estão mais se escondendo, mesmo que isso custe a sua saúde física e mental”, em que temos os seguintes enunciadores: E1, que expressa tristeza pela recorrência dos casos de estupro noticiados; E2 sente-se animado por constatar que as vítimas não se calam diante da violência sofrida; E3 faz a concessão de que expor-se representa danos à saúde física e mental da vítima; E4 demonstra-se otimista pela coragem feminina em expor o caso, apesar dos danos implicados. O enunciador, ao fazer alusão à máxima “a esperança é a última que morre” registra em tom sarcástico uma crítica ao sistema judiciário brasileiro ao mesmo tempo em que demonstra esperança, a partir da constatação de que outros países estão punindo os agressores, como o caso do jogador santista e da seleção brasileira Robinho, condenado, em 2017, pela justiça italiana, a nove anos de prisão, sob acusação de estupro praticado com outros homens contra uma jovem albanesa, no ano de 2013¹⁷.



Figura 19: Print de tuíte com a hashtag *#estuproculposo* @03_23_18

O tuíte @03_23_18, Figura 19, utiliza o recurso de saudar os coenunciadores com um bom dia dirigido somente para aqueles que defendem a não existência de estupro culposo evidenciada pela *hashtag*: “Bom dia só pra quem não se esqueceu que #EstuproCulposo NÃO EXISTE”, para expressar indignação pela suposta sentença dada no caso de Mariana Ferrer. É possível perceber que a ideia pressuposta pelo sistema patriarcal de culpabilização da vítima

¹⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72zq1d7l82o>. Acesso em: 07/06/2023.

é rechaçada pelo enunciador (“a culpa nunca é da vítima”), como também em um dos tuítes assinalados com a *hashtag* #*exposedfortaleza*. Importante observar que a escolha em enfatizar a não-culpabilização da mulher utilizando o termo “nunca” marca uma heterogeneidade porque pressupõe a existência de um discurso que culpabiliza a vítima: *a vítima tem culpa*.

Enunciar nesses termos “a culpa nunca é da vítima” pressupõe a exclusão de quaisquer outras justificativas que porventura sejam utilizadas para endossar qualquer prática de violência (física, sexual, patrimonial, emocional, simbólica) contra o feminino. Podemos perceber na imanência desse enunciado uma teia de vozes assumidas pela doxa machista nas relações de gênero, uma espécie de heterogeneidade do discurso evocada em nossa memória discursiva.

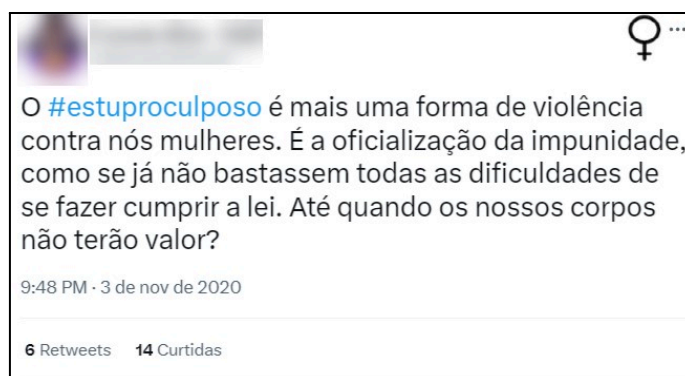


Figura 20: Print de tuíte com *hashtag* #*estuproculposo* @03_23_19

O tuíte @03_23_19, Figura 20, questiona de forma indignada a ideia da expropriação do corpo feminino geralmente legitimada pelo patriarcado seja para fins de objetificação sexual, seja para fins de reprodução de mão-de-obra proletária. A pergunta “Até quando os nossos corpos não terão valor?” pressupõe que *há expropriação do corpo feminino* e também que *o corpo feminino é depreciado, desvalorizado pelo outro*, o que é refutado pelo posicionamento do enunciador diante da prática de estupro.

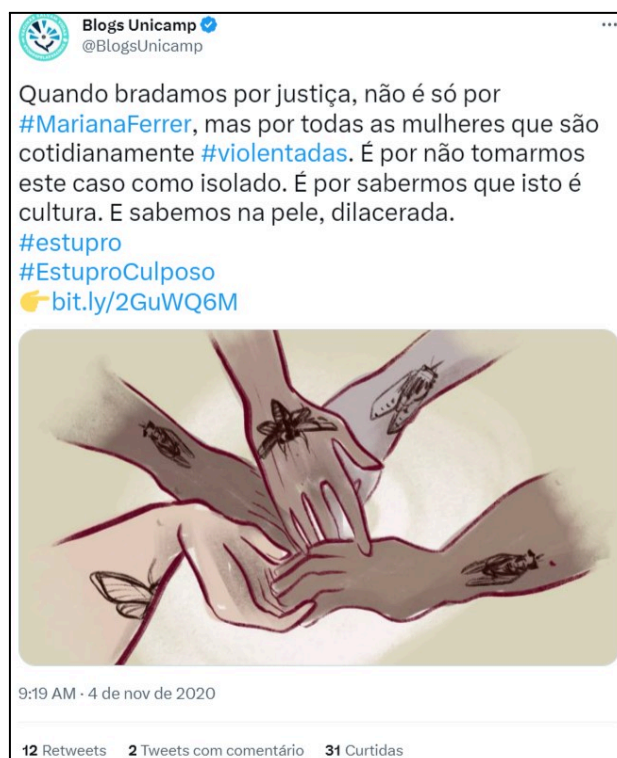


Figura 21: Print de tuíte com hashtag #estuproculposo @03_23_20

O tom de indignação manifestado nas redes sociais a despeito da violência infligida a mulheres pelo patriarcado mobiliza desejo de justiça, desperta sentimento de solidariedade e envolve pessoas e instituições em defesa da dignidade feminina e da igualdade de direitos numa sociedade marcadamente condicionada a falar/agir em favor do masculino. Como tal prática também atravessa instituições aparelhadas pelo Estado de direito para garantir justiça e proteção às partes vulneráveis contra quaisquer práticas de violência, soa paradoxal o pedido de justiça feito no tuíte @03_23_20, Figura 21, diante de uma violência endossada pelo próprio Poder Judiciário ao absolver um agressor alegando insuficiência de provas materiais para comprovar a vulnerabilidade da vítima de estupro: “Quando bradamos por justiça, não é só por #MarianaFerrer mas por todas as mulheres cotidianamente #violentadas”, dado o uso do “mas” que é uma forma privilegiada de ocultar não-ditos na zona do dito - polifonia enunciativa - temos os seguintes enunciadores: E1 admite que devemos bradar por justiça não só por Mariana Ferrer; E2 afirma que há outras mulheres cotidianamente violentadas; E3 assume que essas mulheres também precisam de justiça; E4 defende que o “bradar por justiça” seja por todas as mulheres que sofrem violência. Em seguida, o enunciador admite o conhecimento compartilhado pelos coenunciadores “É por sabermos que não é um ato isolado. É por sabermos que isto é cultura. E sabemos na pele, dilacerada”, pressupondo *a*

existência de outros casos de violência de gênero, e que isso é sintomático de uma cultura machista. Percebemos um movimento de distanciamento do enunciador ao utilizar a expressão “É por sabermos...” parecendo sugerir uma indiferença da sociedade perante os casos de violência e, logo em seguida, uma aproximação do enunciador com a causa ao referir-se ao problema modificando a forma verbal de modo a enfatizar metaforicamente o incomodar-se da vítima em oposição à indiferença social, uma vez que a dor da violência é dilacerante: “E sabemos na pele, dilacerada”, em que há um envolvimento do enunciador com a causa. A expressão “saber na pele” por ser metafórica é opacificante.

Ao enunciar, as escolhas lexicais feitas pelo enunciador também revelam sentidos pretendidos. Em vários tuítes analisados, vimos uma referência recorrente às ideias antagônicas de “calar” e “falar”, em virtude do silenciamento das vítimas e da invisibilidade social do problema que implica a impunidade dos agressores. Assim, os enunciados são construídos de modo a posicionar-se em defesa da exposição dos agressores e da denúncia da violência contra a mulher. No tuíte em questão, a escolha pelo verbo “bradar” em “Quando bradamos por justiça”, dados alguns sentidos apresentados: “verbo: 1 *t.d.bit. (prep.: a)* dizer em voz alta ou aos gritos; transmitir aos brados; gritar [...]; 2 *t.i. (prep.: por)* reclamar ou pedir em alta voz[...]; 3 *t.i. (prep.: contra, de)* reclamar com veemência; exigir justiça, vingança etc.[...]”¹⁸ insiste na necessidade de gritar, de falar em tom elevado para “despertar” a sociedade do sono da indiferença.

A presença da heterogeneidade localizável na teia discursiva dos enunciados ocorre de diversas formas. A pressuposição, a polifonia enunciativa, o discurso citado, a alusão, as não-coincidências do dizer, a ironia e o sarcasmo assinalam a presença de outras vozes que se entrecruzam para reconstruir sentidos contrários, consonantes ou subsumidos ao viés ideológico compartilhado entre enunciador e coenunciadores, como vemos no Quadro 4 a seguir, que apresenta de forma categorizada os tipos de heterogeneidade localizáveis no fio do discurso evidenciadas nos tuítes analisados.

¹⁸ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1. Acesso: 11 dez. 2023.

QUADRO 4: Heterogeneidades localizáveis nos tuítes analisados

HETEROGENEIDADES LOCALIZÁVEIS		TUÍTES
<i>não-coincidências do dizer (metaenunciação)</i>	não-co incidência do discurso com ele mesmo	@02_23_12, @03_23_15
	não-co incidência por relação sinonímica	@02_23_06, @03_23_14, @03_23_17
	não-co incidência do termo por metáfora	@01_23_04, @02_23_05, @03_23_16, @03_23_20
citação		@01_23_03, @01_23_04, @02_23_09, @03_23_13
discurso direto		@03_23_16
discurso indireto		@01_23_03, @02_23_07
alusão		@01_23_01, @01_23_03, @02_23_08, @02_23_11, @03_23_13, @03_23_16, @03_23_17
polifonia enunciativa		@01_23_02, @02_23_10, @02_23_11, @03_23_13, @03_23_14, @03_23_17, @03_23_20
pressuposição		@01_23_01, @01_23_02, @01_23_03, @01_23_04, @02_23_06, @02_23_09, @02_23_11, @03_23_14, @03_23_17, @03_23_18, @03_23_19, @03_23_20
ironia		@03_23_13
sarcasmo		@01_23_04, @03_23_13, @03_23_15, @03_23_17

*Quadro elaborado pela autora.

Como vimos, as heterogeneidades enunciativas presentes nos tuítes analisados podem manifestar-se através do discurso citado (discurso direto, discurso indireto, citação), da alusão, das não-coincidências do dizer, da polifonia enunciativa, da pressuposição, da ironia e do sarcasmo. Pelo quadro acima, as formas de heterogeneidade localizáveis no fio do discurso mais recorrentes nos enunciados em análise foram a alusão, a polifonia enunciativa e a pressuposição.

No próximo tópico, veremos como a interdiscursividade atravessa o discurso feminista nos tuítes assinalados com as *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*: a semântica discursiva na teia interdiscursiva dos enunciados em análise.

4.2 A semântica discursiva na teia interdiscursiva do discurso feminista

A semântica discursiva presente nos enunciados do discurso feminista reflete os contingenciamentos da instituição social onde ele se inscreve. Assim, pelas lacunas do não-dito (o dizível faltoso) nas entrelinhas do enunciado definimos os semas percebidos nos enunciados em análise.

Dessa forma, a partir da análise descritiva dos enunciados que compõem o discurso feminista nas *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortalea* e *#estuproculposo*, hospedados no X (Twitter), percebemos como as heterogeneidades podem se manifestar no discurso e contribuir para a interdiscursividade dos tuítes analisados.

Analogamente ao que descreve Maingueneau (2008) em sua “Gênese do discurso”, podemos descrever esse fenômeno da interdiscursividade presente no discurso feminista quando posto em relação com o discurso machista da seguinte forma:

Assim, adotando o mesmo procedimento de Maingueneau (2008), partiremos do discurso feminista como base para a elaboração do quadro de semas (S_1 e S_2), que propomos para uma categorização semântica em que tal discurso confronta-se com o discurso machista.

O Quadro 5, representado a seguir, está organizado em três eixos verticais: o primeiro eixo apresenta os Eixos Semânticos; o segundo eixo apresenta os semas valorizados e refutados pelo discurso feminista; e, o terceiro eixo apresenta os semas de Enfraquecimento do discurso machista pelo discurso feminista.

Dada a relação entre os dois discursos confrontados, estabelecemos essa relação de oposição da seguinte forma:

Presença vs Ausência

DISCURSO FEMINISTA

Oposição: Insubordinação vs. Subordinação

QUADRO 5: Semas do discurso feminista

EIXOS SEMÂNTICOS	S ₁₊ Presença (p)	S ₁₋ Ausência (não p)	S ₁₊ Semas obtidos por Esquecimento (E)	S ₁₋ Semas obtidos por Contrariedade (não E)
“Identidade”	Pluralidade	vs. Unidade	Heterogeneidade Possibilidade	vs. Homogeneidade vs. Necessidade
“Posição”	Insubordinação	vs. Subordinação	Relativo Horizontalidade	vs. Absoluto vs. Verticalidade
“Corpo”	Autonomia	vs. Expropriação	Plasticidade Empoderamento	vs. Fixidez vs. Submissão
"Espacialidade"	Amplitude	vs. Restrição	Abertura	vs. Fechamento

* Quadro elaborado pela autora, baseado em Maingueneau (2008, p. 66)

Utilizamos aqui “Presença” numa operação tomada como *p* que opera sobre quatro eixos semânticos: “Identidade”, “Posição”, “Corpo” e “Espacialidade”. Os semas posicionados na coluna de S₁₊ como *p* constituem os semas valorizados pelo discurso feminista. Já os semas posicionados na coluna de S₁₋ como *não p* constituem os semas refutados por esse mesmo discurso.

O eixo semântico “Identidade” relaciona-se com as performances de identidade de gênero reivindicadas pelo discurso feminista como positivas; daí o par de semas opostos /Pluralidade vs. Unidade/, em que /Pluralidade/ é o sema *p* valorizado pelo feminino e /Unidade/ é o sema *não p* refutado. O eixo semântico “Posição” contempla o lugar do feminino e do masculino, a posição de um em relação ao outro, de onde advém o par de semas /Insubordinação vs. Subordinação/. O eixo semântico “Corpo” denota o *status* valorativo do corpo feminino enquanto /Autonomia/ é o sema positivo que condensa a liberdade de decidir sobre o próprio corpo, refutando a /Expropriação/ do Outro que controla, objetifica, sexualiza. Por fim, o eixo semântico “Espacialidade” refere-se aos espaços ocupados pelo feminino, valorizando como positivo *p* o sema /Amplitude/ em oposição ao sema /Restrição/ refutado como negativo (*não p*).

Os semas operam numa relação de Presença vs. Ausência, a partir de alguns eixos semânticos elencados como pertinentes a um discurso X quando posto em relação a seu Outro - o discurso Y. A oposição entre “Insubordinação” e “Subordinação” é o que marca os discursos feminista e machista quando colocados em relação, sendo que “Insubordinação” é o valor positivo reforçado pelo discurso feminista, enquanto “Subordinação” representa o valor negativo refutado por esse mesmo discurso.

Para ilustrar a relação entre os semas descritos no Quadro, a aplicação de *p* sobre o eixo da “Posição”, por exemplo, permite produzir o sema /Liberdade/ reivindicado pelo discurso feminista como “positivo”, denotando a ideia de poder de decisão, independência, capacidade de autogerenciar-se sem a necessidade de tomar o modelo do seu outro como referência. O posicionamento de liberdade refuta a ideia de que o feminino deve denotar a ideia do masculino mutilado ou de que as liberdades femininas são legitimadas desde que estejam condicionadas às vontades do masculino colocado no posto de “ser superior” na relação entre gêneros.

Os semas elencados como fortes no discurso feminista (S_{1+}) representam uma espécie de *optimum* semântico, tomando um termo utilizado por Maingueneau (2008, p. 65) para significar que, numa dada formação discursiva, “um objeto semanticamente ideal deveria possuir todos esses semas” e, no caso do discurso feminista, não ter outra relação a não ser de /Pluralidade/, ou seja, o eixo semântico “Identidade” amplia-se para além da identificação binária de masculino e feminino bem como para além dos contingenciamentos de posição de subalternidade imposto pelo masculino ou de espaços a serem ocupados pelo feminino.

O discurso feminista em suas falhas constitutivas deixa entrever semas refutados pelo discurso do outro - semas negativos - ao mesmo tempo em que reforça semas considerados “positivos”. Nesse embate ideológico em que há forças antagônicas numa luta mediada pela linguagem, entrecruzam-se discursos ideológicos que refutam e põem em xeque o contexto sócio-histórico e cultural atual, em que Maingueneau (2008, p. 99) vê sobressair uma forma de polêmica dado o antagonismo de posicionamentos que ali se estabelece.

No plano do funcionamento discursivo, Maingueneau (2008, p. 65) postula a necessidade de abrandar os semas de S_{1+} , de modo que sendo a pluralidade, por exemplo, um *optimum* exigente demais para moldar-se ao discurso machista ou de ser por ele reconhecido como positivo, tal fato impõe ao sistema conferir um valor positivo a objetos que possuem semas conformes a *p*, mas que seriam “enfraquecidos” de modo a abrandá-lo. Dessa forma, a função de “Enfraquecimento” é uma forma de determinado sema moldar-se ao seu Outro. O sema positivo /Pluralidade/ é enfraquecido de duas formas:

- a) pela valorização da /Heterogeneidade/ na oposição heterogeneidade/homogeneidade;
- b) por uma oposição entre a possibilidade e a necessidade, em que /Possibilidade/ está mais de acordo com o sema /Pluralidade/ e /Necessidade/ vai ao encontro da ausência de /Pluralidade/, que é o sema negativo /Unidade/.

Analisando o Quadro 5 acima, no tocante ao eixo semântico “Identidade”, no simulacro que o discurso faz de seu Outro, o discurso machista sai em defesa de que a identidade de gênero binária e a heterossexualidade resumem uma necessidade imposta pela dinâmica das relações sociais, a de produção de bens de consumo e a de reprodução de mão-de-obra proletária. Essa visão da expropriação do corpo feminino como forma de servir ao ideário de acumulação primitiva e ao princípio da mais-valia do sistema capitalista, refutada pelo discurso feminista como sema “negativo”, tem como consequência a exclusão da liberdade feminina com relação a decidir sobre seu próprio corpo; daí a razão pela qual o feminismo reforça como “positivo” o sema da /Pluralidade/, uma vez que a exclusão da liberdade feminina associada à ideia cristalizada pela doxa machista e legitimada pelo discurso judaico-cristão da submissão da mulher ao homem tem permitido a prática de várias formas de violência contra o feminino, endossada pelo viés ideológico da suposta superioridade do homem branco, heterossexista, capitalista.

A condição de vítima da mulher oprimida pelo assédio sexual, pela chantagem emocional ou pela prática do estupro subvertida pela ideologia patriarcal à condição de culpada é o que percebemos nos tuítes publicados sob as *hashtags* *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo*. A repetição insistente do enunciado “A vítima nunca tem culpa” num dos tuítes analisados é feita no sentido de denotar a ideia de que muitas são as falas, de homens e de mulheres também, que se multiplicam imprimindo culpa à mulher vítima de estupro, utilizando-se de argumentos relacionados à vestimenta ou ao comportamento da mulher ou ainda ao espaço por ela frequentado. A ideologia patriarcal deixa subentendida a ideia de que o comportamento feminino deve ser contingenciado por padrões determinados por essa mesma ideologia, ou melhor dizendo, há modelos a serem seguidos pela mulher que se pretende “recatada” e “do lar” e, a quem não seguir tais modelos, pode ser-lhe infligida a consequência de qualquer violência, até mesmo a do estupro.

Podemos perceber algo de heterogeneidade mostrada marcada no enunciado que se repete de forma insistente no cotidiano, quando alguma mulher é vítima de estupro, responsabilizando a vítima. Percebemos aí, então, algum enunciado no discurso do outro

como “a culpa é da vítima”, pressuposto nos casos de estupro ou de exposição de nudes femininos, facilmente localizável em nossa memória discursiva.

Os semas /Insubordinação vs. Subordinação/ sistematizam o eixo ‘Posição’ quando a relação entre gêneros, por representar (des)vantagem para uma das partes, reflete posicionamentos em confronto. A subordinação das mulheres é desejada pelo masculino de modo a expropriar os corpos femininos para satisfazer duplamente os interesses sexuais de coito/reprodução e de mais valia do capitalismo, de cuidar dos maridos - ideário de recatada e do lar.

O discurso feminista, conforme o que percebemos nos tuítes analisados, anseia por relações entre gêneros construídas sob o prisma da /Horizontalidade/, em que o feminino tenha os mesmos direitos de fala, de espaço e de oportunidades. O anseio por relações mais horizontais pode ser percebido quando a mulher reivindica para si o direito de ocupar espaços até então concebidos como predominantemente masculinos, como o das arquibancadas, por exemplo, em que a fala é elaborada reportando-se à fala do outro masculino como “mulher não entende de futebol”, “estádios são espaços masculinos”. No caso da exposição de nudes, há um tuíte que retoma a fala elaborada pelo feminino de reivindicação por mais liberdade e horizontalidade nas relações de gênero, a exemplo de “o corpo é meu, a foto é minha”, em que há reivindicação por não sexualizar nem objetificar o corpo feminino, e fica nítida a ideia evocada por nossa memória discursiva: meu corpo, minhas regras.

No eixo semântico “Corpo”, a partir dos tuítes analisados, podemos evidenciar que o sema reivindicado como “positivo” é o da /Autonomia/ enquanto o sema /Expropriação/ é rejeitado como “negativo”. Ao assumir determinados axiomas como “Meu corpo minhas regras”, “O corpo é meu, a foto é minha”, “Até quando os nossos corpos não terão valor?”, o discurso feminista defende o direito irrestrito da mulher de decidir sobre o seu próprio corpo: o que faz com ele (concepção, aborto), o que veste, papéis que ocupa. O sema /Plasticidade/ age no enfraquecimento da ideologia machista que, por sua vez, defende a /Fixidez/ da suposta imagem ideal de feminino, a de mulher bela, recatada e do lar, com atributos físicos estereotipados, prendada para os afazeres domésticos, dotada de pudor e de delicadeza.

No tocante ao eixo semântico ‘Espacialidade’, temos os semas “Amplitude vs. Restrição”. Ao ser reivindicado no discurso feminista o direito da mulher de ocupar os diferentes espaços, de exercer papéis sociais tidos como masculinos, de estar em locais os mais variados: “Lugar de mulher também é na arquibancada”, e continuar usufruindo do respeito e da dignidade que a ela deve ser reservado independentemente, deixa-nos perceber

nas lacunas desse discurso que o ideário machista restringe a liberdade feminina, impondo comportamentos e atitudes que não mais podem ser aceitos à revelia.

O “Enfraquecimento” do discurso machista é dado pelo par /Abertura vs. Fechamento/, considerando que o sema /Abertura/ é uma assertiva para que a mulher ocupe espaços diversos em oposição à ideia de /Fechamento/, geralmente defendida pelo masculino quando associa como padrão ideal de feminino o de mulher recatada e do lar.

4.3 Relação entre as heterogeneidades localizáveis no fio do discurso e a semântica discursiva

Com base nos dados apresentados, pudemos constatar que as marcas de heterogeneidade presentes nos enunciados analisados evidenciam o atravessamento do discurso feminista pelos já-ditos da doxa machista, ora refutando-os, ora reforçando-os, numa tentativa de contrapor-se a ele em alguns momentos, e de estabelecer uma concessão, numa espécie de aliança com o discurso do Outro, em outros momentos.

Enunciados como “Porque a arquibancada é nosso lugar também” parecem querer legitimar um já-dito (“Lugar de mulher é...”) em que a referência à arquibancada não exclui a referência a outros lugares tradicionais - a casa, a cozinha. Enunciados como “a vítima nunca tem culpa” retoma pela negação a referência a um “já-dito” da culpabilização da mulher vítima de abuso sexual.

Para além da heterogeneidade localizável no fio do discurso, descrevemos a semântica discursiva dos enunciados que constituem o nosso *corpus*. Com base em Maingueneau (2008), elaboramos, numa relação de oposição “Presença vs. Ausência”, os semas do discurso feminista quando posto em relação com o discurso machista. Foi-nos possível elaborar os semas que compõem o Quadro 5, a partir do simulacro do Outro constitutivo de todo discurso.

O posicionamento discursivo da doxa machista defende a inferiorização da figura feminina em detrimento do masculino, a objetificação do corpo da mulher, a expropriação da força de trabalho feminina, o contingenciamento de atitudes e comportamentos, enquanto o discurso feminista busca resistir a essas formas de violência que são uma ameaça à autonomia e à liberdade feminina, embora em momentos pontuais os enunciados corroboram para reforçar algumas doxas do patriarcado. Dessa forma, chegamos à conclusão de que o discurso feminista é, constitutivamente, atravessado pelo discurso machista, o qual nega, refuta ou a ele faz concessões, reforçando-os ainda que inconscientemente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso SER em palavras. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo, para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação, uma resistência. A linguagem é também nosso lugar de luta.

Bell Hooks

O caráter heterogêneo constitutivo de todo discurso levou-nos a buscar identificar elementos da heterogeneidade enunciativa e da interdiscursividade nos tuítes deflagrados pelas *hashtags* #contraomachismo, #exposedfortaleza e #estuproculposo publicadas no X (Twitter) e tomados como autoapresentação politizada, por defender posicionamentos de viés político-ideológico. Com base na abordagem maingueneana da semântica global discursiva, do estudo das heterogeneidades em Authier-Revuz e da polifonia enunciativa em Ducrot, realizamos uma análise descritiva de como o discurso é atravessado pelas vozes do outro e de que modo a interdiscursividade pode ser evidenciada em enunciados de teor feminista quando em relação de contraponto ao discurso do patriarcado. A relação tensa entre gêneros deixa em evidência os já-ditos constitutivos do discurso feminista ao mesmo tempo que o caráter interdiscursivo da linguagem, contingenciada pelas instituições sociais nas quais se inscrevem os enunciados, possibilita-nos depreender os não-ditos nas lacunas impostas pelas interdições do discurso.

Este trabalho procurou inicialmente abordar o estudo de narrativas de si, que surgiu como possibilidade. No entanto, fica a possibilidade dessa abordagem para futuras pesquisas por que tenho especial interesse. Considerando a iniciativa do enunciador em demarcar seu ponto de vista e posicionar-se quando colocado diante de fatos que redundam em práticas de machismo e de misoginia e levando em consideração o “falar de si” nas redes sociais a partir de uma circunstância social, com base no conceito de Freitas (2015) de “autoapresentação circunstancializada”, assumimos a tese de uma autoapresentação politizada, uma vez que, nos tuítes em questão, o sujeito, ao enunciar sobre algo, marca seu posicionamento sócio-histórico e ideológico, frente à realidade que o circunda.

Dessa forma, analisamos os tuítes assinalados as *hashtags* enquanto autoapresentação politizada. As *hashtags* de teor feminista, cada dia mais frequentes nas redes sociais, agenciam posicionamentos em favor do feminino, como símbolo de resistência e de luta contra o patriarcado e as consequências machistas e misóginas que acometem as relações de gênero a despeito dos discursos masculinistas que também são reproduzidos nesses espaços.

Foi-nos possível concluir que a presença do O/outro no discurso pode ser percebida a partir da presença da heterogeneidade identificável na teia discursiva dos enunciados, a que chamamos de heterogeneidade localizável. A pressuposição, a polifonia enunciativa, o discurso citado, a alusão, as não-coincidências do dizer, a ironia e o sarcasmo assinalam a presença de “já-ditos” que se entrecruzam para reconstruir sentidos contrários, consonantes ou subsumidos ao viés ideológico compartilhado entre enunciador e coenunciadores: embora tenha sido evidenciada a ocorrência do discurso citado (discurso direto e indireto, citações, alusão), além de formas de não-coincidências do dizer seja através da não-coincidência do discurso com ele mesmo, ou da relação sinonímica entre dois modos de dizer, ou do sentido metafórico de um termo, a polifonia enunciativa e a pressuposição foram as formas de heterogeneidade mais presentes nos enunciados analisados. Dado o tom de deboche de alguns enunciados, o sarcasmo é mais recorrente que a ironia - esta evidenciada em apenas um dos exemplos.

A partir dos simulacros que um discurso tal constrói de modo a pretender-se “autêntico”, quando a heterogeneidade não é propriamente flagrável no enunciado, a exemplo da heterogeneidade constitutiva, buscamos perceber a semântica discursiva dos enunciados analisados, de modo a descrever, com base em Maingueneau (2008), os semas valorizados pelo discurso feminista, tomando como recorte os tuítes deflagrados pelas *hashtags* em questão.

Concluimos também que o discurso feminista, ao mesmo tempo que reforça semas “positivos” e refuta outros semas considerados “negativos”, é atravessado por “já-ditos” do discurso do Outro. Assim, o discurso feminista, no simulacro que faz do seu Outro, é construído numa tentativa de resistir às formas de violência que configuram uma ameaça à autonomia e à liberdade feminina, uma vez que o posicionamento discursivo do discurso machista prega a inferiorização da figura feminina em detrimento do masculino, a sexualização/objetificação do corpo da mulher, a expropriação da força de trabalho feminina, o contingenciamento de atitudes e comportamentos sob o viés patriarcal. No entanto, em um enunciado ou outro é possível flagrar pontos de aliança com o discurso do outro, numa espécie de concessão ou de validação da doxa machista, ainda que aparentemente

inconsciente, o que evidencia a necessidade de estudos mais aprofundados para apreciar esse aspecto que fica como possibilidade para pesquisas posteriores.

Como já dito inicialmente, nosso objetivo em apontar a semântica discursiva de enunciados de teor feminista, a exemplo dos tuítes analisados, não implica a intenção de apresentar uma gênese do discurso feminista, haja vista a necessidade de um estudo mais aprofundado e de um recorte mais amplo para tanto. O quadro da semântica global apresentado por Maingueneau (2008) para os discursos jansenista e do humanismo devoto é bem complexo e resulta de uma pesquisa bem aprofundada realizada pelo autor a partir de uma abordagem ampla, em que os semas apontados para o discurso devoto foram consistentes na análise procedida. Realizar o mesmo intento aqui exige o mesmo percurso metodológico outrora percorrido por Maingueneau, o que constitui um desafio para pesquisas futuras.

Desse modo, foi-nos possível evidenciar, a partir dos tuítes deflagrados pelas *hashtags* *#contraomachismo*, *#exposedfortaleza* e *#estuproculposo* as heterogeneidades que atravessam o discurso feminista, através da polifonia enunciativa, da pressuposição, do discurso citado, das não-coincidências do dizer, do uso de sarcasmo/ironia. Evidenciamos também a interdiscursividade, com base na heterogeneidade constitutiva, no discurso feminista, tomando como parâmetro o sistema global de restrições semânticas abordado por Maingueneau (2008), o que nos possibilitou a elaboração do Quadro 5 apresentado neste estudo.

Assim, dadas as limitações de tempo e de espaço, ressaltamos a importância de se desenvolver pesquisas posteriores no sentido de aprofundar elementos da interdiscursividade tuítes deflagrados por diferentes *hashtags* engendrados a partir de lutas pautadas por interesses em conflito: poderiam constituir, essas diferentes *hashtags*, formações discursivas que ensejam a luta ideológica típica das relações sociais? Ou os enunciados agenciados por diferentes *hashtags*, o que é comum nas redes sociais, teriam que ser robustecidos com enunciados de outra natureza, mas com o mesmo posicionamento ideológico, para que fossem tomados como exemplares de uma formação discursiva? Inúmeras são as possibilidades que a Análise do Discurso coloca à disposição para que, compreendendo as práticas discursivas, outras pesquisas sejam pautadas no sentido de contemplar lacunas na seara dos estudos da linguagem.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2004.
- AZEVEDO, Adriana C. C. **Violando direitos humanos**: quando a música orquestra a desigualdade de gênero. 2022. 131f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos)- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul/Campus Ijuí. Ijuí, RS, 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11454186. Acesso em: 14 set. 2022.
- BADINTER, Elizabeth. **XY sobre a identidade masculina**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.
- BARBI, Sílvia H. A teoria polifônica de Ducrot e a análise do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p.183-209, jan./jun., 1999.
- BARBISAN, Leci B.; TEIXEIRA, Marlene. Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot. **Organon**, , Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 161-180, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29792>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, Diana L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- BICALHO, Luciana A. **A função mediadora das hashtags no processo de Impeachment de Dilma Rousseff**: semiose e transmídia. 2019. 291f. Tese (Doutorado em Comunicação Social)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8743914. Acesso em: 25 ago. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BRASIL, Luciana L. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem, Estudos e Pesquisas**. Catalão, GO, v. 15, n. 1, 2011. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7635533/mod_resource/content/1/32465-Texto%20do%20artigo-136767-1-10-20141023%20\(5\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7635533/mod_resource/content/1/32465-Texto%20do%20artigo-136767-1-10-20141023%20(5).pdf). Acesso em: 24 out. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 22. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

_____. **Os sentidos do sujeito**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.

CARDOZO, Adriana de O. L. **O discurso feminista e a concepção de feminino na psicanálise: reflexões acerca de “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem)- Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, SC, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1639707. Acesso em: 28 out. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

CHAVES, Tyara V. A Militância no Facebook: uma análise discursiva da Marcha das Vadias. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA-ALFA*, 17. João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://docslib.org/doc/9780881/a-milit%C3%A2ncia-no-facebook-uma-an%C3%A1lise-discursiva-da-marcha-das-vadias>. Acesso em: 27 ago. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COUTO, Edvaldo S.; MISSIAS-MOREIRA, Ramon; CARMO, Quezia S. Redes sociais e educação: a narrativa de si por meio da escrita no Twitter. **Revista Conhecimento e Diversidade**, Niterói: Unilasalle, v. 10, n. 21, maio/ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329054954_Redes_sociais_e_educacao_a_narrativa_de_si_por_meio_da_escrita_no_Twitter. Acesso em: 30 ago. 2021.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa. *In: BRAIT, Beth (org.)*. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.

FALEIROS, Eva. Violência de gênero. *In: TAQUETTE, Stella R. (org.)*. **Violência contra a mulher adolescente / jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Fabiana J. O conceito de sarcasmo e a pós-modernidade. **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Rio de Janeiro: UERJ, n. 19, ano 13, 2014, p. 367–376. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/34935>. Acesso: 23 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel de. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, Maria L. T. **Narrativas de si em cena: a dramaturgia das interações no Twitter**. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística)- Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14476>. Acesso em: 22 out. 2022.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

_____. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 16, 2015.

JOBIM E SOUZA, Solange. Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin: polifonia, alegoria e o conceito de verdade no discurso da ciência contemporânea. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

LEJEUNE, Phelippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra. **Narrativas de vida: uma questão de método**. Curitiba: CRV, 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

_____. Formação discursiva, unidades tópicas e não-tópicas. *In*: BARONAS, Roberto L. (org.) **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020.

NGOZI-ADICHIE, Chimamanda. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEIRA, Joseane de. Os palavrões no português falado: uma análise sociolinguística com base em dois filmes. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 60, p. 163-181, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/27635/18065>. Acesso em 08 set. 2022.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**. Youtube. São Paulo: ABRALIN, 2019. 1 vídeo (81 min.). Disponível em: <https://youtu.be/BdWBAZPEKoY?si=WAWvZILOvoceAA68>. Acesso em: 10 nov. 2021.

_____. Análise de discurso: conversa com Eni Orlandi. Entrevistado: Raquel Goulart Barreto. **Revista TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 7, v. 13-14, 2006.

_____. Texto e discurso. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise et. al. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 2010.

PEREIRA, Vivian L. X. **Hashtag (#) como ferramenta de expansão do discurso fenista**: uma perspectiva semiolinguística. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem)- Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2020. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14591>. Acesso: 23 out. 2022.

PIRES, Vera L. TAMANINI-ADAMES, Fátima A. Desenvolvimento do conceito bakhtiniano de polifonia. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 66-76, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49272>. Acesso em: 23 out. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

RIZZOTTO, Carla C.; BELIN, Luciane L.; KLEINA, Nilton C. M.; HOSHINO, Camilla A. P; LIEBEL, Vítor A. Bolsonaro riu disso e eu também: o sarcasmo como retórica de vínculo em conversações on-line sobre os cortes na educação. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 45, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/VDBhGV86bBrCpWLkWTHW3JD/?lang=pt>. Acesso: 23 nov. 2023.

ROSA, Mariana G. **Sororidade e empoderamento**: uma análise do discurso feminista no Facebook. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7709700. Acesso em: 30 ago. 2021.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “Economia Política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SÁ, Simone P.; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites em redes sociais. **Revista Contemporânea**: comunicação e cultura. Salvador: Universidade Federal da Bahia, v.10, n.. 03, p. 574-596, 2012. Disponível em: <https://doaj.org/article/d9f78a24de17468da7619e65d6f35365>. Acesso: 12 out. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVA, Claudene D. Hashtags sob o viés da semântica da enunciação. 2017. 229f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?opup=true&idtrabalho=5303060>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SILVA, Marluce P.; ROSADO, Cid A. E. “**O furo a qualquer preço**”: práticas discursivas de poder e de resistência ante atitudes machistas em cenário de democracia frágil. Trabalho de Linguística Aplicada. Campinas, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/8RPRYfv9CHcY4rsGC9sY8fz/>. Acesso: 09 out. 2022.

SILVA, Iasmin dos S.; CHAVES, Aline S. Os movimentos feministas e as *hashtags*: uma análise das construções de sentido em acontecimentos discursivos na rede social Twitter. **Cadernos do SEDIA**: Seminário de Dissertações em Andamento. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sedia/article/view/8147>. Acesso: 09 out. 2022.

TWITTER. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>. Acesso em: 18 jan. 2022.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Vídeo

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. São Paulo: ABRALIN, 2019. 1 vídeo (81 min.). Disponível em: <https://youtu.be/BdWBAZPEKoY?si=WAWvZILOvoceAA68>. Acesso em: 10 nov. 2021.